

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS AMBIENTAIS**

SOLANGE THEREZINHA BARRETO DE OLIVEIRA

**MEIO AMBIENTE URBANO E SAÚDE
FATORES QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO
UNIDADE DE SAÚDE SANTA LUZIA – CRICIÚMA/SC**

CRICIÚMA, MARÇO DE 2006

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SOLANGE THEREZINHA BARRETO DE OLIVEIRA

MEIO AMBIENTE URBANO E SAÚDE
FATORES QUE INTERFEREM NO PROCESSO DE AMAMENTAÇÃO
UNIDADE DE SAÚDE SANTA LUZIA – CRICIÚMA/SC

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação (Mestrado) em Ciências Ambientais da Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC – como requisito para a obtenção de Título de Mestre em Ciências Ambientais.

Orientadora: Prof^a Dra. Teresinha Maria Gonçalves

CRICIÚMA, MARÇO DE 2006

“Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou omissão, aos seus direitos fundamentais” (Estatuto da Criança e do Adolescente - ECA, Art. 5º, Lei nº 8069, de 13 de julho de 1990).

RESUMO

Nessa pesquisa buscou-se esclarecer o que leva, um número expressivo de mulheres, usuárias do serviço de saúde, da periferia urbana de uma cidade do Sul de Santa Catarina, que tiveram acesso à rotina preconizada para o êxito da amamentação, a não amamentarem ou desmamarem precocemente seus filhos. O objetivo principal dessa pesquisa foi identificar os fatores que interferem no processo de aleitamento materno, ficando como objetivos específicos: identificar os motivos para o desmame, investigar o processo de construção da identidade dessas mulheres, investigar os problemas psicossociais enfrentados por essas mulheres, verificar a distribuição, por sexo, das crianças amamentadas e das não amamentadas. Os recortes nessa pesquisa são as variáveis veladas ou embutidas que o ato de amamentar pode ter e que, muitas vezes, o impede de se concretizar, fragilizando, ainda mais, mãe e filho; e, de posse desses dados, proporem ao poder público, alternativas para os serviços de saúde, no tocante das medidas para o sucesso do aleitamento materno. Para a entrevista narrativa foi utilizada a metodologia qualitativa, por se considerar ser esta a mais adequada para compreender as dimensões psicossociais que levam algumas mulheres a não amamentarem ou a iniciarem o processo de desmame de seus bebês muito precocemente. Conclui-se que é incontestável a interferência do meio ambiente urbano no processo da amamentação.

Palavras-chave: Meio ambiente. Saúde. Amamentação. Desmame precoce.

ABSTRACT

This research was to clarify why those women who had access to routine orientation before and after delivery in order know the importance of breastfeeding, did not breastfeed or just did it for a short period of time. The main objective was to identify the factors that interfere on breastfeeding, having as specific objectives to identify the reason for early weaning, to identify the women's identity, find out the psychosocial problems face by those women, verify a distribution according to the sex of children who are breastfed and the ones who are not. The comments in this research are the observance that sometimes is hidden or not clear, so that, interfere in the breastfeeding action making wear mother and baby and with all those data, make a proposal to public power to a better way to health, service in order to reach success of breastfeeding. For the narrative interview it was used qualitative methodology by been considered the most suitable to understand the importance of psychosocial factor that lead some women not to breastfeed or start quitting breastfeeding so early. It was conclude that it is unquestionable the interference of urban environment in the breastfeeding process.

Key words: Environmental. Health. Breastfeeding. Early weaning.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	Idade Materna	66
Gráfico 2	Estado Civil	66
Gráfico 3	Escolaridade	66
Gráfico 4	Profissão	66
Gráfico 5	Renda Familiar	66
Gráfico 6	Idade Gestacional	67
Gráfico 7	Tipo de Parto	67
Gráfico 8	Peso do Nascimento	67
Gráfico 9	Idade do Bebê	68
Gráfico 10	Sexo	68
Gráfico 11	Tempo de Início da Amamentação Após o Parto	69
Gráfico 12	Dificuldade para Amamentação	69
Gráfico 13	Leite Materno Exclusivo	69
Gráfico 14	Tempo de Amamentação	69
Gráfico 15	Fontes de Informação sobre Amamentação	70
Gráfico 16	Influência de Terceiros	70
Gráfico 17	Tempo Dedicado Integralmente à Maternidade	70

Gráfico 18	Tempo Disponível aos Cuidados com o Bebê Após a Volta ao Trabalho	70
Gráfico 19	Enfermidades do Bebê	71
Gráfico 20	Internações do Bebê	71
Gráfico 21	Prevalência da Amamentação por Gênero	73
Gráfico 22	Total de Meninos e Meninas	73

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

RN – Recém-nascido

OMS – Organização Mundial da Saúde

UNICEF – The United Nations Children's Fund

INAN – Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição

IFF – Instituto Fernandes Figueira

BLH – Banco de leite Humano

NBCAL – Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos par lactente

IHAC – Iniciativa Hospital Amigo da Criança

MS – Ministério da Saúde

HAC – Hospital Amigo da Criança

AMS – Assembléia Mundial da Saúde

IBFAN – The International Baby Food Action Network

CIDC – Centro Internacional de Documentação do Código

TMI – Taxa de Mortalidade Infantil

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

DATASUS – Departamento de Informática e Informações do Sistema Único de Saúde

PNDS – Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde

PNAM – Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno

APS – Atenção primária em Saúde

OPAS – Organização Pan-Americana de Saúde

TRO – Terapia de Rehidratação Oral

UBS – Unidade Básica de Saúde

SC – Santa Catarina

SIAB – Sistema de Informação de Atenção Básica

ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária

EUA – Estados Unidos da América

RS – Rio Grande do Sul

LBA – Legião Brasileira de Assistência

AFASC – Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma

PSF – Programa de Saúde de Família

TV - Televisão

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. OBJETIVOS	17
2.1 Objetivo Geral	17
2.2 Objetivos Específicos	17
3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	18
3.1 Leite Materno Como Alicerce	18
3.2 O Aleitamento Materno no Cotidiano da Vida Urbana	25
3.3 O Aleitamento materno e a Exclusão Social	30
4. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA	33
4.1 Localização da Pesquisa	33
4.2 Metodologia	34
4.3 Pesquisa de Campo – Detalhamento Amostral	35
4.4 Técnica de Coleta de Dados	36
4.4.1 Dados Primários	36
4.4.2 Dados Secundários	36
4.5 Técnicas de Análise de Dados	37
5. RESULTADOS	39
5.1 Entrevista Narrativa	39
5.2 Questionário	39
6. ANÁLISE DOS DADOS	40
6.1 Entrevista Narrativa	40
6.1.1 O Contexto Familiar e a Cultura	40
6.1.2 A Importância do Comprometimento com a Amamentação	50
6.2 Entrevista Estruturada	63
6.2.1 Informações sobre a Mulher	66
6.2.2 Informações sobre a Gravidez e o Parto	67
6.2.3 Informações sobre o Bebê	68
6.2.4 Outras Informações sobre os Cuidados com o Bebê	69
6.3 Questionário	72
6.3.1 Prevalência da Amamentação por Gênero	73
7. CONCLUSÕES	74
REFERÊNCIAS	81

APÊNDICES	89
ANEXOS	93
TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS	117

1. INTRODUÇÃO

O leite humano exclusivo é considerado, de forma consensual na literatura científica, como o único alimento capaz de atender de maneira adequada, a todas as demandas fisiológicas do metabolismo dos RN¹ e lactentes até o sexto mês de vida (CRUZ, 2001; RAMOS e ALMEIDA, 2003). Depois desse período, é necessária a introdução de outros alimentos, podendo ser mantido até aos dois anos de vida da criança junto com a alimentação complementar. Essa resolução foi endossada em 17 e 22 de maio de 2004, na 57^a Assembléia Mundial de Saúde, da Organização Mundial da Saúde (OMS), em Genebra, na Suíça.

A amamentação na década de 70 e início dos anos 80 registram baixos índices confirmados pelo inquérito domiciliar nacional que mostrou que a mediana da amamentação era de 2,5 meses (VENÂNCIO e MONTEIRO, 1998). O não incentivo ao aleitamento materno pelos pediatras (REA³, 2003), cuja formação era dirigida para cálculos de diluição de mamadeiras para as diversas faixas etárias da criança e introdução de outros alimentos e a propaganda não ética de substitutos do leite materno, com distribuição gratuita pelo governo através do Programa de Suplementação Alimentar, fez com que esse panorama permanecesse até o final da década de 70 e início dos anos 80.

Em 1979 ocorreu a reunião conjunta OMS/UNICEF² sobre Alimentação Infantil e da Criança Pequena, onde foi elaborado um código de conduta ética quanto à propaganda de produtos que interferem na amamentação, com

¹ Recém-nascido

² The United Nations Children's Fund – UNICEF. É uma agência das Nações Unidas que tem como objetivo promover a defesa dos direitos das crianças, ajudar a dar resposta às suas necessidades básicas e contribuir para seu pleno desenvolvimento. A UNICEF rege-se pela Convenção sobre os Direitos da Criança.

representação brasileira da presidência do Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição (INAN).

Em 1985 o Instituto Fernandes Figueira (IFF) da Fundação Osvaldo Cruz, inicia a implantação dos Bancos de Leite Humano (BLH) (REA³, 2003).

No final da década de 80 inicia-se, internacionalmente, o processo de resgate ao aleitamento materno, levando em conta os diversos determinantes que interferem nessa prática, que culmina com a Declaração de Innocenti em 1990 (Anexo 1). No Brasil, os resultados se consolidam em 1988, com a aprovação de nosso código, denominada Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL) (Anexo 2), a norma sobre o funcionamento dos Bancos de Leite Humano (BLH) (Anexo 3) e a inclusão, na Constituição Brasileira, dos direitos da trabalhadora a 4 meses de licença maternidade e o direito ao pai a 5 dias de licença paternidade (Anexo 4) (REA e TOMA, 1997).

Em 1991 começou no Brasil a Iniciativa do Hospital Amigo da Criança (IHAC), com o cumprimento dos “Dez Passos para o Sucesso da Amamentação”. A partir de 1996 o Ministério da Saúde (MS) coloca a disposição 4 cursos de amamentação³ e são credenciados 250 Hospital Amigo da Criança (HAC) até 2002, sendo a grande maioria no nordeste e perto de 150 BLH com vigilância e capacitação de equipes por todas as regiões.

Cientes de que a amamentação desempenha um importante papel no desenvolvimento da criança como fator de proteção contra infecções do sistema respiratório e principalmente do sistema gastrintestinal, César et al (1999) e Horta et al (1996), evidenciaram um risco de morte por diarreia até vinte vezes maior em

³ Internacionalmente OMS e UNICEF colocam à disposição 4 cursos de amamentação para públicos-alvo: um curso de 18 horas para equipes de hospitais que querem fazer parte da IHAC; um de 80 horas para formar monitores; um de aconselhamento com 40 horas, para os que lidam diretamente com mães e bebês e um curso rápido de sensibilização para chefias. Todos esses materiais são utilizados pelo MS.

crianças completamente desmamadas antes de 2 meses de idade. É considerado, também, como fundamental para o desenvolvimento motor, cognitivo e psicossocial das crianças, principalmente nos primeiros meses de vida (GARCIA-MONTRONE e ROSE 1996). No tocante as mulheres, a lactância é aconselhada para reduzir o sangramento pós-parto, proporcionar involução uterina mais rápida, diminuir a incidência de câncer de ovário e câncer de mama, além de proporcionar maior espaçamento entre gestações (CRUZ, 2001; WHO/UNICEF, 1990).

Embora, basicamente a favor da amamentação, muitos profissionais da saúde, têm pouco conhecimento e treinamento quanto à prática de ajudar as mulheres a amamentar e a superar os problemas surgidos durante o período da lactação (REA², 2003). Devem-se levar em consideração, outros fatores que exercem influências negativas sobre o processo da amamentação, a saber: práticas e crenças influenciadas pela cultura, falta de conhecimento da população em geral e dos gestores dos serviços de saúde e condutas inapropriadas de alguns hospitais (MARCONDES, 1981).

O reconhecimento da importância do aleitamento materno exclusivo e sua definição são recentes, existindo ainda muita confusão e desconhecimento sobre seu significado e seu valor (REA², 2003). Contudo, o domínio destes conceitos é considerado um passo importante no processo de mudanças no comportamento dos profissionais da saúde e da sociedade como um todo (VENANCIO, 2003).

Considerando que, embora a amamentação seja um processo biologicamente estabelecido, é fortemente influenciada pelo ambiente, e por não estar totalmente orientado pelo instinto, deve ser aprendida (ROBERTSON, 1995). Como conseqüência, as mulheres têm reduzido à prática da amamentação, o que faz com que elas, ao terem filhos, necessitem de constante estímulo e suporte das

suas famílias, dos profissionais de saúde e da comunidade (VENANCIO, 2003). Mas quando esse suporte é insuficiente, as mulheres facilmente perdem a confiança na sua capacidade de amamentar. Dessa forma, ocorre uma diminuição da produção de leite, devido à introdução precoce do leite não-humano, levando a um maior intervalo entre as mamadas. Outros agravantes são devidos ao mal posicionamento e/ou “má pega⁴”, mamadas com horários pré-estabelecidos e o uso de bicos e chupetas, entre outras.

Em relação a esse tema, Queirós (2000, p.141) fez as seguintes considerações,

“Em 2000 a OMS, UNICEF e MS estabeleceram regras que devem ser seguidas por todas as maternidades para receberem o título “Hospital Amigo da Criança: os Dez Passos para o Aleitamento Bem-Sucedido”. São critérios que não levam em conta o desejo e as variantes socio-culturais e educacionais da mãe e a criança não é levada em conta. Provavelmente sejam essas variáveis de muitos fracassos ou recusas do aleitamento materno, que nós como médicos não compreendemos muito bem, mas comprovam que amamentar não é uma simples questão técnica.”

Seguindo essa linha de raciocínio, a discussão nos remete a pensar no meio ambiente urbano, ou seja, o ambiente de vida dessas mulheres que não conseguiram levar a termo o período recomendado para a amamentação. Nessa pesquisa foi demonstrado que essas mulheres vieram, na sua maioria, de uma vivência de pobreza, abandono e, sofrendo toda sorte⁵ de violência se tornaram mães. Devemos inquirir que modelos identificativos essas mulheres tiveram em suas vidas? A ausência da força apregoadora do amor, segundo Damergian (2001), contribui para a desintegração da subjetividade, e pessoas de subjetividade integrada são, segundo a autora, capazes de amar e se doar.

⁴ Posição da boca do bebê em relação ao mamilo e aréola

⁵ Força invencível a que se atribuem o rumo e os diversos acontecimentos da vida, destino e fado.

Nessa pesquisa buscaram-se esclarecer o que leva um número expressivo de mulheres, usuárias do serviço de saúde, da periferia urbana de uma cidade do Sul de Santa Catarina, que tiveram acesso à rotina preconizada para o êxito da amamentação, a não amamentarem ou desmamarem precocemente seus filhos. O Bairro Santa Luzia foi o escolhido, devido ao fato de a pesquisadora ter um envolvimento diário de trabalho com esta comunidade, há mais de cinco anos.

O objetivo principal dessa pesquisa foi identificar os fatores que interferem no processo de aleitamento materno, ficando como objetivos específicos: identificar os motivos para o desmame, investigar o processo de construção da identidade dessas mulheres, investigar os problemas psicossociais enfrentados por essas mulheres, verificar a distribuição, por sexo, das crianças amamentadas e das não amamentadas.

Os recortes nessa pesquisa são as variáveis veladas ou embutidas que o ato de amamentar pode ter e que, muitas vezes, o impede de se concretizar, fragilizando, ainda mais, mãe e filho; e, de posse desses dados, propor ao poder público alternativas para os serviços de saúde, no tocante das medidas para o sucesso do aleitamento materno.

2. OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- Identificar os fatores que interferem no processo de aleitamento materno.

2.1.2 Objetivos Específicos

- Identificar os motivos para o desmame.
- Investigar o processo de construção da identidade dessas mulheres.
- Investigar os problemas psicossociais enfrentados por essas mulheres.
- Verificar a distribuição, por sexo, das crianças amamentadas e das não amamentadas.

3. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

3.1 O Leite Materno Como Alicerce

O leite materno possui para os recém-nascidos e lactentes até seis meses de idade, todos os nutrientes necessários ao seu crescimento e desenvolvimento (CRUZ, 2001), embora esse aspecto nutricional tenha uma relevância dependente da época e da cultura dos povos.

Raminelli (1997, p.21) descreve que:

O cotidiano feminino entre os tupinambás, através de relatos de viajantes que observam a cultura indígena no Brasil colonial nos séculos XVI e XVII, revela que as meninas, chamadas *kugnantin-myri*, levavam mais tempo se alimentando com leite materno do que os meninos. Muitas vezes, seu período de amamentação se prolongava um ano a mais em relação às crianças do sexo masculino. Em certos casos as meninas mamavam até os seis anos.

A mesma autora refere que, na Europa, na mesma época, as crianças francesas eram amamentadas pela amas de leite, que as criavam até uma idade mais avançada e, somente após entregavam à suas mães.

Com a Revolução Industrial, em meados do século XVIII, e a participação das mulheres como mão de obra nas fábricas, a amamentação ficou em segundo plano, tornando-se um fenômeno mundial no final do século XIX. Na mesma época na Suíça, na cidade de Vevey, foi inventada a primeira fórmula de alimento infantil por um alemão, Henri Nestlé, que passou a ser utilizado na alimentação infantil. O uso de mamadeira teve seu apogeu na década de 50 onde, com o propósito de

engordar as crianças, que era sinônimo de beleza na época, passou a ser fornecida de forma engrossada com farináceos.

No início do século XX a comercialização de alimentos infantis, já havia modificado tanto a prática dos trabalhadores da saúde e refletido tão negativamente na saúde dos bebês que, em 1971, numa reunião conjunta da OMS/UNICEF sobre Alimentação do Lactente e da Criança Pequena, foi recomendada a criação do Código Internacional de Comercialização de Substitutos do Leite Materno (Anexo 2) e, em 1981 foi adotado pela 34ª Assembléia Mundial de Saúde (AMS), servindo como base para as legislações nacionais, de como controlar a propaganda de alimentos infantis. Os governos de diversos países são chamados para implantar o Código Internacional e, fiscalizações no mundo inteiro mostram que ainda existem, até os dias de hoje, muitas infrações a esse código (REA², 2003).

A propaganda dos substitutos do aleitamento materno se dá por várias estratégias, tais como doações de produtos às mães, distribuição de cartazes, calendário e brindes (ROBERTSON, 1997). Segundo um documento do editorial da IBFAN⁶ 2005, a propaganda não é direta, mas usa as estratégias citadas acima. O mercado é resistente às normas, e produz mais e mais produtos destinados aos bebês menores de seis meses, interferindo muito na amamentação. Trava-se, então uma batalha onde a legislação e as recomendações da AMS são boicotadas pela indústria de alimentos infantis. “A maioria das indústrias diz obedecer ao Código, de acordo com sua própria interpretação, o que em geral, significa que a abrangência inclui somente os leites infantis” diz Ellen Sokol, assessora jurídica do Centro Internacional de Documentação do Código (CIDC) e co-autora desse informe, “mas muitas das novas leis não permitem interpretações ambíguas e têm uma

⁶ The Interncional Baby Food Action Network

abrangência muito clara que inclui os produtos que hoje continuam sendo promovidos impunemente”.

Com o advento da mamadeira e do bico de borracha, o aleitamento materno foi sendo substituído pelas fórmulas infantis que passaram a ter produção industrial, da mesma forma que, os índices de desnutrição e mortalidade infantil aumentaram pela dificuldade de aquisição desses produtos pela população de baixa renda (REA, 1990).

A OMS alerta que, a introdução de outros líquidos, durante a amamentação, até os seis primeiros meses de vida do bebê, não só é desnecessária como às vezes é prejudicial (MENEZES et al,1996), sendo verificado a diminuição do número de mamadas e da força de sucção, diminuindo assim, a produção do leite materno (HORTA et al, 1996).

No Brasil, a partir da década de 80, após um período crítico de desmame com índices alarmantes, inicia-se uma conscientização, principalmente dos trabalhadores da saúde, em prol dos benefícios do aleitamento materno como um dos fatores principais na prevenção da mortalidade infantil e da desnutrição (VENANCIO, 2003).

Embora tenha ocorrido uma melhoria dos conhecimentos dos profissionais da área de saúde em relação aos benefícios do aleitamento materno, da proibição das propagandas que estimulem o consumo de substitutos do leite humano e , das repetidas campanhas que estimulam o aleitamento, infelizmente, no Brasil, ainda são baixas as prevalências de lactentes amamentados exclusivamente até os seis meses de idade. A pesquisa de Prevalência (%) do Aleitamento Materno nas capitais brasileiras e no Distrito Federal – Relatório Final, do Ministério da Saúde (MS¹),

(2001), mostrou que as taxas de amamentação exclusiva têm uma mediana de 23,7 dias, quando o preconizado é de 180 dias.

A saúde infantil hoje é o indicativo mais abrangente da qualidade de vida ou do desenvolvimento sócio-econômico de uma população, sendo estimado pela Taxa de Mortalidade Infantil (TMI), que segundo Figueira:

“É calculada pelo número de óbitos em menores de 1 ano dividido pelo número de nascidos vivos no mesmo ano e local, multiplicados por mil. É composta em duas partes: mortalidade neonatal (do nascimento até 28 dias de vida) e mortalidade pós-natal (do 29 dias de vida até 364 dias completos) (2004 p.20).”

O Coeficiente de Mortalidade Infantil (CMI) ou TMI são aproximações, mas servem como instrumento de orientação e avaliação das ações de saúde.

Devido às altas taxas de mortalidade infantil encontrada em várias regiões do planeta, alguns países implantaram políticas de atenção à saúde das mulheres e crianças, mas apesar disso, a morbi⁷-mortalidade durante a infância é ainda extremamente elevada em grande parte do mundo. Nessa fase da vida, segundo Black, Morris & Bryce (2003), ambientes não higiênicos e inseguros colocam as crianças em risco, pois a ingestão e a higiene com água não tratada, a falta de acesso ao saneamento básico e práticas deficientes de amamentação, estão relacionados ao alto índice de mortalidade infantil em países não desenvolvidos e em desenvolvimento, por exemplo:

“Crianças com idade entre 0-5 meses que não forem amamentadas com leite materno correm um risco maior bastante significativo de morrer de diarreia e pneumonia, se comparadas com crianças que foram alimentadas exclusivamente com leite materno” (BLACK, MORRIS & BRYCE, 2003, p. 2).

⁷ Morbidade é o conjunto de causas capazes de produzir uma doença.

No Brasil, as grandes diferenças sócio-econômicas e as dificuldades de acesso aos bens e serviços básicos, tais como: saúde, educação, saneamento básico, constitui-se em forte empecilho para uma redução mais significativa dos índices de mortalidade, apesar de que nas últimas décadas já se ter verificado uma melhora nos indicadores sociais (FIGUEIRA, 2004).

A TMI no Brasil foi estimada em 27,5 por mil nascidos vivos para 2003, segundo o IBGE⁸, mas não reflete com exatidão as enormes diferenças regionais, com taxas inferiores a 15 por mil em alguns municípios do Sul e Sudeste, e maiores que 70 em alguns municípios do Nordeste. O Estado de Santa Catarina, no mesmo ano, teve a TMI de 13,4 e Criciúma de 14,8.

Em um artigo recente de Vidal et al (2003, p. 282), concluíram que os “altos percentuais de mortes por causas evitáveis, em um hospital de referência estadual do Nordeste brasileiro sugerem problemas de acesso aos serviços de saúde, cobertura e/ou na qualidade da assistência prestada”. Segundo os autores,

“A maioria dos óbitos estava entre as causas reduzíveis por medidas de atenção à saúde, com mortalidade proporcional de 77,4% (infantil), 75,3% (neonatal) e 60,1% (pós-natal) representando um coeficiente de mortalidade infantil hospitalar de 103,7 óbitos por 1000 internações” (VIDAL et al, 2003, p. 281).

Ratificam-se, ainda, achados anteriores (HORTA et al, 1996; VICTORA, BARROS e VAUGHAN, 1989) referentes a diferenças nutricionais e sócio-econômicos, onde crianças de famílias de baixa renda ou nascidas com baixo peso, que mais necessitariam do aleitamento, são as que menos recebem nos primeiros meses de vida. A morbi-mortalidade em recém-nascidos de baixo peso é maior naqueles que são alimentados com leite não-humano. Verificou-se ainda que,

⁸ IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

quanto menor o tempo de amamentação, maior é a incidência de hospitalizações, de desnutrição e de mortalidade infantil (MIURA, 1979; VICTORA, BARROS e VAUGHAN, 1989.). Estudos de Gulla & Benech (1984), concluíram que esses mesmos fatores, quando incidiam em populações sócio-econômicas mais baixas, são conseqüentes a uma alimentação e saneamento básico inadequados, ratificando a importância do aleitamento materno nessa população de risco.

De acordo com a pesquisa DATASUS⁹, as principais causas no Brasil de internações (morbidade) em crianças menores de um ano, em 2002 foram: pneumonias (27,8%), diarreias (19,5%) e afecções perinatais (17,2%). Na mesma pesquisa, em relação ao percentual de óbitos (TMI), se sobressaem, às afecções perinatais (44,1%), septicemia (16,8) e pneumonias (8,0%).

Cabe destacar que, enquanto a mortalidade infantil é de 20 óbitos por mil nascidos vivos quando houve assistência ao pré-natal e ao parto, este índice eleva-se para 207 óbitos por mil nascidos vivos, nos casos em que não houve este tipo de assistência, (Ministério da Saúde/PNDS¹⁰-1996), tornando incontestável a necessidade de ampliação deste serviço para a população brasileira.

Frente a esses contrastes o Brasil foi um dos países convidados a participar do encontro realizado em Florença na Itália, promovido pela OMS e o UNICEF para planejar um conjunto de metas que pudessem proteger, promover e apoiar o aleitamento materno de uma maneira global. Esse documento ficou conhecido por “Declaração de Innocenti” (Anexo 1) que garante o direito da mulher de aprender e praticar a amamentação com sucesso, visto que essa prática está associada com menores índices de morbi-mortalidade infantil. No mesmo encontro foi criada a “Iniciativa Hospital Amigo da Criança” que tem a finalidade de conclamar

⁹ O Departamento de Informática e Informação do SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE

¹⁰ Pesquisa Nacional sobre Demografia e Saúde

profissionais de saúde e funcionários de hospitais e maternidades para adaptarem suas rotinas e condutas a fim de evitar o desmame precoce, sendo conhecido por: “Dez Passos para o Sucesso do Aleitamento Materno” (LAMOUNIER, 1998). O Brasil foi um dos doze países selecionados para dar início ao programa sendo coordenado, a partir de 1992, pelo Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno (PNIAM), Coordenação de Saúde Materno-Infantil do Ministério da Saúde e UNICEF.

Dez passos para o sucesso do aleitamento materno

Passo	Procedimento
1	Ter uma norma escrita sobre aleitamento materno, a qual deve ser rotineiramente transmitida a toda a equipe de saúde.
2	Treinar toda a equipe de cuidados de saúde, capacitando-a para implementar esta norma.
3	Informar às gestantes sobre as vantagens e o manejo do aleitamento.
4	Ajudar as mães a iniciar a amamentação na primeira meia hora após o parto.
5	Mostrar às mães como amamentar e como manter a lactação, mesmo se vierem a ser separadas de seus filhos.
6	Não dar a recém-nascidos nenhum outro alimento ou bebida além do leite materno, a não ser que seja indicado pelo médico.
7	Praticar o alojamento conjunto, permitir que mães e bebês permaneçam juntos 24horas por dia.
8	Encorajar o aleitamento sob livre demanda.
9	Não dar bicos artificiais ou chupetas a crianças amamentadas ao seio.
10	Encorajar a formação de grupos de apoio à amamentação para onde as mães devem ser encaminhadas, logo após alta do hospital ou ambulatório.

Fonte: Ministério da Saúde/ Secretaria do Estado da Saúde/Brasília/DF-2003.

Os hospitais credenciados se caracterizam por prestarem atendimento gratuito às mulheres após o parto, e por dar suporte ao aleitamento materno exclusivo até os seis meses de vida do bebê, sendo esse um diferencial em países subdesenvolvidos, pelo impacto positivo na diminuição das taxas de morbimortalidade infantil (LAMONIER, 1998).

Mas, apesar de todas as evidências, ainda existem hospitais que adotam práticas dessintônicas com o aleitamento materno, onde a utilização rotineira de berçário convencional determina a separação precoce do filho de sua mãe e, a perda do momento preciso do início do processo de amamentação (KENNELL e KLAUS, 1998).

3.2 O Aleitamento Materno no Cotidiano da Vida Urbana

Uma questão importante a ser considerado é o processo de urbanização e industrialização das médias e grandes cidades, onde a mulher passou a ser incorporada na força de trabalho, e o atual período da licença-maternidade de 120 dias, garantido pelo artigo 7º, XVIII da Constituição Federal de 1988, não abona o período mínimo estipulado pela OMS/UNICEF de aleitamento materno exclusivo de seis (06) meses. A força de trabalho da mulher contribui para a produção social, seja participando do mercado formal e informal de trabalho, seja dedicando-se à produção doméstica. Para Singer (1979), as mulheres pertencentes às classes pobres só permaneceriam no mercado de trabalho enquanto isso fosse necessário. Essas afirmações ainda se confirmam nessa pesquisa de 2005, objeto desse estudo.

Diferentemente da realidade da periferia dos grandes centros urbanos, onde um número significativo de mulheres se encontra como chefe de família (DEMO, 2002), nas periferias das pequenas e médias cidades, como é o caso de Criciúma, as famílias ainda se estruturam nuclearmente, com pai, mãe e filhos, portanto, a presença masculina é muito importante na configuração familiar.

Então, como se articula a saúde pública com a expansão das cidades?

Observa-se no mundo de hoje, uma diferença brutal na qualidade de vida dos países desenvolvidos e, na dos países pobres ou em vias de desenvolvimento.

A crise urbana tem muitos fatores e muitos aspectos (TSIOMIS, 1994), tais como: poluição, superpopulação e infra-estrutura inadequada, o que leva a se formar grandes áreas de pobreza nas periferias das cidades. As condições de saúde da população estão diretamente ligadas às circunstâncias por elas vividas.

Nos países em desenvolvimento (ERIKSON, 1976), a despeito de seu crescimento, a maioria da população vive em situação de miséria social, formando os “bolsões de pobreza”. Uma das características dos países em desenvolvimento, a exemplo do Brasil, onde existe uma má distribuição de renda, é a falta de investimentos em saneamento básico, trazendo sérias conseqüências para a saúde, que é dependente do seu nível de vida sócio-econômico-cultural (DALLARI, 2004).

As políticas de saúde que levam em consideração as necessidades do indivíduo e sua relação com o meio podem ser um caminho para se atacar de frente às iniquidades¹¹ (KADAT & TASCA, 1993), e que as possibilidades de uma pessoa ter ou não saúde, é em grande parte, determinada pela condição social. A conclusão que esses autores chegaram, é que a maneira como as pessoas produzem sua vida e a posição alcançada na classe sócio-econômica, determinará suas chances de

11 Injustiças, desigualdades.

saúde. Nesse sentido, afirmam que “as chances de saúde são parte da noção mais ampla das chances de vida” (1993 p.31), e sugerem que, uma política de saúde eficiente, deveria atuar em conjunto com outras políticas sociais como emprego, habitação, saneamento básico, meio ambiente e lazer. Porém, o aumento da população, principalmente em áreas urbanas, opera como um dos elementos fornecedores das desigualdades sociais, especialmente em países não desenvolvidos e nos chamados países em desenvolvimento, como o Brasil.

Na tentativa de minimizar o problema, aconteceu no Kazaquistão em 1978¹² a Conferência de Alma – Ata (Anexo 5), que deu origem a Atenção Primária à Saúde (APS), adaptada aos orçamentos desses países e com abrangências e resultados diferentes, e que pressupõem a participação da comunidade no planejamento e no controle das ações e cuidados com a saúde, com a co-responsabilidade dos governos. Logo após, em abril de 1979, na cidade de *Como*, na Itália, ficou estabelecido um novo conceito: “Atenção Primária de Saúde Seletiva” que seria baseado na mortalidade, morbidade e na factibilidade do controle das doenças mais incidentes da infância (OPAS/OMS, 2003).

A identificação dos fatores de risco, a detecção de causas subjacentes e o reconhecimento das co-morbidades (BLACK, MORRIS e BRYCE, 2003), são muito importantes para que possamos selecionar os tipos de intervenções adequadas para aquela população, com aquele perfil epidemiológico. A amamentação e a terapia de rehidratação oral (TRO) sozinhos (GARETH et al, 2005) são estimadas como sendo capazes de prevenir de 13% a 15% de todas as mortes de crianças no mundo, com menos de cinco anos de idade, respectivamente, ratificando que algumas das

12 Há 27 anos, 134 países e 67 organismos internacionais se comprometeram com uma grande meta: garantir saúde para todos até o ano 2000. O foco de todo esse trabalho deveria ser a APS.

intervenções mais promissoras podem ser colocadas em nível de domicílio, principalmente para países não desenvolvidos e em desenvolvimento como o nosso.

O apoio da UNICEF trouxe a definição das áreas de ação na qual o aleitamento materno exclusivo, até os seis meses de idade, seria uma das principais medidas para reduzir os índices de mortalidade infantil. Para a maioria das crianças dos países não desenvolvidos e em desenvolvimento, o aleitamento materno é de primordial importância para a sobrevivência, pois sem saneamento básico, água potável e educação sanitária, o risco de uma contaminação na preparação do alimento dessas crianças é bem grande, além da possibilidade de mamadeiras com diluições inadequadas, que conduzem ao ciclo vicioso: diarreia, agravos nutricionais e mortes antes do primeiro ano de vida.

Numa pesquisa, realizada no Nordeste brasileiro, Figueira (2004), percebeu que, mesmo na classe média as crianças aleitadas ao seio estão menos sujeitas as infecções do sistema gastrintestinal e respiratório.

As vantagens do aleitamento natural são abrangentes. A amamentação beneficia, além das crianças, também as lactantes¹³, com redução do sangramento pós-parto, involução uterina mais rápida, diminuição da incidência de osteoporose, câncer de ovário, câncer de mama, além de maior espaçamento entre gestações (CRUZ, 2001). Não pode ser esquecido o impacto econômico e social do uso do leite humano, a diminuição dos gastos hospitalares dos municípios e da União.

Segundo Garcia-Montrone e Rose (1996, p.69), “os principais fatores de desmame precoce dividem-se em dificuldades circunstanciais (mamilos achatados, fissuras) e/ou em dificuldades culturais”, que incluem a modificação da estrutura familiar, principalmente nas sociedades urbanas, onde as mulheres ingressaram

¹³ Mulher que amamenta

como força de trabalho; a propaganda desgovernada de produtos lácteos que concorrem com a amamentação (ISSLER, 1988), e a falta de conhecimento sobre os benefícios do aleitamento materno da sociedade como um todo, onde uma política de saúde inflexível privilegia a assistência do indivíduo doente e não de um coletivo saudável.

Apesar de a amamentação ser considerada da natureza feminina, uma minoria de crianças recebe leite materno exclusivo, por mais de algumas semanas em todo o mundo (MS, 2001). Devemos levar em conta outras variáveis, até então pouco valorizadas principalmente pela classe médica, como a cultura, o meio familiar de onde veio essa mulher, e sua expectativa frente à maternidade. Necessita, também, que tanto os profissionais de saúde quanto às mães, estejam estimulados e empenhados para orientar e apoiar, como para manter as práticas apropriadas para a manutenção da amamentação (GIUGLIANI, 1996). Devemos substituir a posição de apenas simpatia por uma verdadeira empatia (MURAHOVSKI, 2003, p.562), modificando o discurso de repasse de informações para um “real processo de aprendizado que necessita de apoio, estímulo e orientação técnica para evitar ou corrigir o inimigo número um do início da amamentação - a mamada ineficiente do bebê”.

3.3 O Aleitamento Materno e a Exclusão Social

A prática do aleitamento materno traz benefícios às crianças e às mulheres, tanto no nível biológico como no psicossocial (SPITZ, 1998; NELSON, BERHMAN e KLIEGMAN, 2002). Essa constatação é encontrada tanto na literatura médica como nas ciências psicossociais. Essas pesquisas deveriam nortear os programas de Saúde Pública, onde a composição das equipes de saúde comunitárias deveria incluir profissional treinado para desenvolver um trabalho educativo tanto com as mães e familiares, e a comunidade como um todo. Lorenzer (1976) aponta que muitas das intervenções de saúde pública são equivocadas por não considerar todos os aspectos que envolvem o ato de amamentar. Se a mãe é o ponto de estabilidade do bebê no sentido da representação máxima para seu desenvolvimento psicossocial (DAMERGIAN, 2001) e, ela também sendo representante de uma sociedade, então esse vínculo passa por valores, costumes e as próprias contradições sociais. Nessa ligação entre mãe e filho forma-se o alicerce de todas as trocas sociais. “Entretanto, para que essa interação bem sucedida se dê, é preciso que a sociedade também ofereça condições favoráveis, uma vez que a díade mãe-bebê está inserida em um contexto social que afeta sua relação”. (DAMERGIAN, 2001 p.95).

Ao falar-se em sociedade, estamos nos referindo nessa pesquisa ao meio ambiente urbano e as relações sociais que se dão nessa esfera. Fala-se hoje sobre as cidades e geralmente não se leva em conta o discurso sobre a urbanidade que mascara a realidade das relações, onde, “o social é silenciado e, nessa organização social urbana que não compreende e não apreende a realidade citadina em

constante movimento, emerge a violência. Se o conflito é social, a violência o individualiza” (ORLANDI, 2001, p.14).

Nossos olhos estão habituados a ver a violência quando elas produzem danos materiais, ficando invisíveis todas aquelas formas de violência não-palpáveis. Nossa capacidade de perceber a violência se apóia basicamente nas nossas construções culturais. Essas construções se traduzem em conceitos empíricos, inclusive nos modos de como cuidamos das nossas crianças. O conceito de leite fraco, tão presente em nosso meio (CORSI e PEYRÚ, 2003), é a expressão dessas construções culturais.

A importância do aleitamento materno exclusivo precisa ser esclarecida para a população em geral, a fim de que as lactantes recebam apoio na comunidade e no trabalho e, por sua vez, os administradores precisam estar cientes dos benefícios da amamentação exclusiva (BECKER, 2001). Faz-se necessário também, que os profissionais de saúde melhorem seus conhecimentos sobre aleitamento materno, para poderem ajudar as mães a vencer os obstáculos que possam ocorrer. O pediatra treinado em amamentação tem um importante papel na promoção do aleitamento materno, influenciando diretamente sua incidência e duração (REA², 2003). Devemos entender, também, a diferença entre dar conselhos e aconselhamento, que pode ser entendido como, assistência nas escolhas das pessoas para resolverem os seus próprios problemas, incluindo informações objetivas que o ajudem para uma melhor utilização de suas aptidões (SCHEEFFER, 1989). As gestantes durante as consultas de pré-natal, e as parturientes¹⁴ devem ter aconselhamento sobre os benefícios do aleitamento materno exclusivo e das desvantagens da introdução precoce de outros alimentos (GIUGLIANI, 2000).

14 Que ou quem está em trabalho de parto ou que acabou de parir

Os primeiros quinze dias de vida do bebê é o período mais delicado da amamentação (MURAHOVSKI, 2003), devendo ser acompanhado com atenção pelos profissionais da saúde, para evitar a mudança de atitude das mães que planejaram amamentar e, até a conversão daquelas que se mostravam relutantes.

Certamente obtivemos grandes avanços, mas, ainda existem no Brasil, rotinas hospitalares que interferem negativamente na prática do aleitamento materno exclusivo, a saber: horários pré-estabelecidos para a amamentação do bebê, o uso desnecessário de leite não-humano, o uso de bicos e chupetas e a ausência de alojamento conjunto para mãe e o bebê (MS², 2001).

Amamentar, portanto, é um ato natural, porém existem fatores que interferem nesse processo, podendo ser citados a cultura, a saúde física e emocional da mulher, seu nível de educação e seu ambiente de vida. Deve-se levar em consideração que é no meio ambiente urbano que se produz a vida, uma vez que, no mundo, a maioria da população mora nas cidades e, o aleitamento materno como uma das práticas de saúde coletiva, se constitui numa estratégia de melhoria de qualidade de vida das crianças que serão, por sua vez, os adultos de amanhã, que, provavelmente amamentarão seus filhos e assim por diante.

4. TRAJETÓRIA METODOLÓGICA

4.1 Localização da Pesquisa

A pesquisa foi realizada com a clientela da Unidade Básica de Saúde – UBS – do Bairro Santa Luzia, Criciúma – SC.

O Bairro Santa Luzia está localizado na zona oeste da cidade de Criciúma, no extremo sul do estado de Santa Catarina. É um bairro com população de baixa renda, predominantemente de operários e pequenos empresários. O bairro apresenta uma Unidade Básica de Saúde (UBS), duas farmácias, seis pequenos mercados e padarias, duas escolas, uma creche municipal, uma praça, um ginásio de esportes e uma agência lotérica, e outras pequenas lojas de comércio. A UBS tem uma área física de 140m² e presta serviço de saúde à população deste bairro e atende pacientes encaminhados de outros postos de saúde, próximos ao mesmo, a saber: Vila Manaus, Nova Esperança, Mineira Velha, Mineira Nova, São Defende, São Sebastião, Vila Belmiro e Montevideú. São atendidas, em média, 330 crianças/mês pelas duas pediatras do serviço, sendo 70% de crianças do bairro onde está localizada a unidade e 30% de crianças dos demais. Um médico obstetra atende por volta de 60 consultas/mês de gestantes. Na UBS trabalham, além das duas pediatras e do obstetra, dois clínicos gerais, dois dentistas, uma assistente social, uma enfermeira, três auxiliares de enfermagem, três técnicos de enfermagem, uma auxiliar de odontologia, quatro agentes comunitários e uma auxiliar de serviços gerais.

No Bairro Santa Luzia, conforme dados do SIAB¹⁵, até julho de 2005 foram cadastradas 7.833 famílias num total de 28.093 pessoas, tendo na ocasião 210 mulheres grávidas, sendo que 43 delas tinham idade entre 10 a 19 anos. A população de crianças e adolescentes perfazia um total de 7.608 indivíduos.

4.2 Metodologia

Para a entrevista narrativa foi utilizada a metodologia qualitativa, por se considerar ser esta a mais adequada para compreender as dimensões psicossociais que levam algumas mulheres da periferia urbana de Criciúma – Sul do Estado de Santa Catarina - usuárias do serviço de saúde pública, da Unidade de Saúde do Bairro Santa Luzia, a não amamentarem ou a iniciarem o processo de desmame de seus bebês muito precocemente¹⁶.

A metodologia qualitativa adotada nessa pesquisa foi o estudo de caso, cujo método é a história de vida e, as principais técnicas de coleta de dados, foram a entrevista narrativa e a estruturada.

Para a entrevista estruturada (Apêndice 2) foram utilizadas perguntas padronizadas, que buscaram informações sobre as seguintes variáveis: informações sobre a mulher (estado civil, escolaridade, profissão, renda familiar); sobre a gravidez e parto (idade gestacional, tipo de parto, peso de nascimento do bebê); sobre o bebê (idade e sexo) e sobre os cuidados com o bebê (tempo de início da primeira mamada, dificuldades para amamentar, tempo de leite materno exclusivo, tempo de amamentação, fontes de informação, influência de terceiros, tempo

¹⁵ Sistema de Informação de Atenção Básica - Secretaria Municipal de Saúde

¹⁶ Será considerado, nessa pesquisa, *desmame muito precoce* quando da introdução de alimentação complementar (leite não-humano e outros alimentos) antes do 2º mês de vida do bebê.

dedicado à maternidade, tempo disponível ao bebê após volta ao trabalho, enfermidades e internações).

Para a coleta dos dados do questionário foi considerada a seguinte variável: distribuição dos filhos por gênero e prevalência de amamentação por gênero (Apêndice 3).

4.3 Pesquisa de Campo - Detalhamento Amostral

A pesquisa de campo se deu em dois momentos. Num primeiro momento, foi aplicado um questionário, com as mulheres que compareceram à consulta com a mestrande, na UBS, no período 28 de março a 28 de julho de 2005, onde eram feitas as seguintes perguntas: quantos filhos, menino ou menina e se amamentou por mais de dois meses. Concomitante a esse, foram realizadas as entrevistas narrativas e estruturada, com mulheres usuárias da UBS, que concordaram em participar da pesquisa individualmente, e que referiram, no período de maio a julho de 2005 durante a consulta pediátrica com a mestrande, não estar amamentando ou terem iniciado muito precocemente o processo de desmame de seus bebês de até 18 (dezoito) meses de idade. Foram excluídas da pesquisa, mulheres que tiveram gravidez de risco e/ou que tiveram bebês prematuros e com complicações pós-natal. Após o aceite do convite feito pela pesquisadora, foram agendadas as entrevistas narrativas e estruturada, realizadas nas dependências da UBS. O registro verbal foi feito por meio de gravador para facilitar a transcrição da mesma. Nessa ocasião a pesquisadora solicitou a concordância para a divulgação da pesquisa, por escrito,

com assinatura das mães em termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice 1). Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da Universidade do Extremo Sul Catarinense.

4.4 Técnica de Coleta de Dados

4.4.1 Dados Primários

A pesquisa de campo foi realizada por meio de:

- Entrevista narrativa¹⁷;
- Entrevista estruturada¹⁸.
- Questionário

4.4.2 Dados Secundários

A pesquisa de dados secundários foi realizada por consultas nos seguintes institutos:

- Banco de Dados DATASUS;
- Ministério da Saúde
- Secretaria de Saúde do Estado de Santa Catarina;

¹⁷ A entrevista narrativa é um método específico de entrevista que consiste em pedir às pessoas que contem sua vida, tanto como um todo, ou focando um determinado fato (BAUER & GASKELL, 2004, p.93)

¹⁸ A entrevista estruturada desenvolve-se a partir de uma relação fixa de perguntas, que podem ser abertas ou fechadas (Gil, 1994, p. 85).

- Secretaria Municipal de Saúde de Criciúma;
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística –IBGE;
- UNICEF;
- OMS;
- Organização Pan-americana de Saúde – OPAS

4.5 Técnicas de Análise de Dados

Para a análise dos dados da entrevista narrativa foi utilizada a análise de conteúdo de Bardin (2004), que aconselha que se faça a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados. Na pré-análise se organiza o material que constitui o “*corpus*” da pesquisa (FERREIRA, 2000, p.14). Na exploração do material ocorre a escolha e seleção das categorias. O tratamento dos resultados compreende a inferência¹⁹ e a interpretação das entrevistas.

Nessa pesquisa as entrevistas foram transcritas e após a primeira leitura, que Bardin (2004, p.90) chamou de “leitura flutuante”, surgiram hipóteses que foram organizadas em pontos referenciais, o qual foi agrupado em categorias para posterior interpretação das inferências. Após a “leitura flutuante” das entrevistas, foi feita a escolha dos temas ou palavras chaves que foram agrupadas em categorias ou em forma de pensamento, pois dessa forma “nos dá acesso a um mundo mais simples, mais previsível e possível de ser explicado” (FERREIRA, 2000, p. 15).

¹⁹ Operação intelectual por meio da qual se afirma a verdade de uma proposição em decorrência de sua ligação com outras já conhecidas como verdadeiras.

Uma vez estabelecidos às categorias, passamos para a análise de conteúdo onde fizemos as inferências e interpretações sobre as entrevistas narrativas das nove mulheres que participaram desse estudo. Dando seguimento, fizemos a fundamentação teórica dos relatos obtidos, que significa dar sentido ou significado à aparente realidade dos fatos.

Já para a entrevista estruturada e o questionário foi utilizada a análise simples dos dados, onde podemos observar a percentagem por sexo e a prevalência da amamentação por gênero.

5. RESULTADOS

5.1 Entrevista Narrativa

O convite para participação da entrevista narrativa e estruturada foi aceito por nove (09) mulheres usuárias do serviço de Pediatria da UBS - Bairro Santa Luzia, onde foram identificadas as categorias, que após analisadas foram agrupadas em: (1) desajuste familiar com violência doméstica, pobreza, criança abandonada, desagregação familiar; (2) dificuldade na relação familiar durante a adolescência e conseqüente gravidez precoce, supervalorização familiar após a maternidade; (3) superproteção familiar e dificuldade de crescimento pessoal; (4) não foram amamentadas quando bebês e conseqüente interferência negativa das avós, ignorância sobre o processo da amamentação e ineficiência dos serviços de saúde em reverter esse processo; (5) dificuldades com o processo gravídico e o pós-parto; (6) obrigação de amamentar e interferência do ambiente familiar; (7) ausência de creche na empresa.

Dessa forma entendemos que foram analisadas todas as entrevistas em profundidade, dando significado às falas e por meio delas poder entender os motivos da baixa prevalência em aleitamento materno exclusivo.

5.2 Questionário

Responderam ao questionário um total de 290 sujeitos.

6. ANÁLISE DOS DADOS

6.1 Entrevista Narrativa

6.1.1 O Contexto Familiar e a Cultura

Na análise das entrevistas narrativas, dessa pesquisa, buscou-se perceber quais fatores estariam relacionados com as dificuldades que essas mulheres enfrentaram, ao se depararem com o processo de amamentação. Moldados pelo meio ambiente passamos a ter comportamentos específicos para transitarmos por diferentes situações, onde vivenciaremos regras e modelos pré-estabelecidos, muitas vezes mais importantes que a própria bagagem genética.

Claval (2001) refere que cada indivíduo está exposto, na mesma cultura a seu contexto familiar, sendo a única diferenciação, as condições a que este está submetido. Imprescindível ao indivíduo, a cultura, o insere nas organizações da sociedade e nas suas inter-relações.

Wallerstein, 1990, nos alerta para o perigo de confundirmos ideologia e cultura. Diz: “Quando se fala das características que não são nem universais e nem idiossincráticas²⁰, geralmente usamos o termo cultura para descrever o conjunto de características e de comportamento de determinado grupo social”. Por outro lado, ele também fala que cada pessoa pode ser descrita de três maneiras: com as

²⁰ Característica comportamental peculiar a um grupo ou a uma pessoa (Houaiss).

características universais da espécie, com o conjunto de características que definem essa pessoa como membro de uma série de grupos, e com as características idiossincráticas desta mesma pessoa.

A perspectiva sugerida por Wallerstein é de que estejamos atentos para a realidade de que a cultura é inerente a cada grupo, dizendo de outra forma, cada grupo social tem sua própria cultura. Contudo, estes grupos não estão desconectados de uma cultura universal que diz respeito à humanidade. Esta cultura universal é que organiza e explicita os valores humanos ligados à vida. Se Wallerstein nos alerta para que estejamos atentos às diferenças culturais, por outro lado a ética universal também nos alerta que os valores culturais que pautam as ações humanas, não podem atentar contra a vida, como é o caso do desmame precoce em países como o nosso, onde a mortalidade infantil é ainda muito alta.

A análise dos dados demonstrou o desajuste familiar prévio, relatado por três mulheres, com história de violência doméstica durante a infância, sendo citado, pai alcoolista que espancava a mãe na sua frente, e em outra, a história de uma mãe muito violenta com problemas mentais que a submetia a exames físicos diariamente. Após a separação dos pais, foi morar com o pai e a madrasta, que também perdia o controle facilmente com ela. Considera o marido e os filhos como uma “recompensa da vida” e acha que a figura da “mãe é a que dá segurança aos filhos”.

T. 24 anos: "... eles têm que ter tudo contrário do que aconteceu comigo, eles tem que ter tudo que eu não tive e tem que ver a mãe que eu não vi na minha mãe [...] é porque mãe assim pra gente é importante, é uma segurança [...] eu sou feliz, acho que fui recompensada de criança [...] eu tenho uma família feliz.."

O comportamento das pessoas no ambiente social (KLEIN, 1975), é dependente de como o indivíduo se desenvolve desde a infância até a maturidade. O crescimento do ser humano se dá em nível biológico, e também na dimensão afetiva, onde ocorrem todas as trocas simbólicas (DAMERGIAN, 2001). Para a criança, o social é representado pela mãe, e serão esses os modelos de identificação que serão internalizados por ela, para estruturação de sua personalidade. O bebê precisa de pelo menos um ponto fixo (DAMERGIAN, 1988), para construir seu universo, e esse deve ser oferecido a ele por intermédio da mãe ou alguém que exerça suas funções.

A importância do meio é muito grande, e pode atuar como algo destrutivo para o bebê, quando a mãe é incapaz de dar o acolhimento necessário, por motivos psicológicos, sociais, econômicos, e por falta de amor. O meio pode, portanto, favorecer ou dificultar (DAMERGIAN, 2001), o desenvolvimento do indivíduo. Depende, pois, da mãe, que se encontra numa trama social, e do bebê ser capaz de receber esse acolhimento.

Teve um papel relevante nessa análise, que duas das nove mulheres entrevistadas foram abandonadas por seus pais quando crianças, vindo a ser criadas por outras famílias. Uma delas teve todas as condições materiais necessárias para crescer com saúde, mas, relatou que por várias vezes lhe foi

contata sua história, na qual ela teria sido resgatada de um local onde incluía muita tristeza e necessidades de toda a espécie.

E. 21 anos: *“...a minha mãe nunca escondeu de mim [...] porque não tinha condições mesmo de criar, tanto que com três dias de vida a minha mãe chegou lá, e eu tava tomando café preto com óleo de rince, porque não tinha nada pra me dar [...] a minha vó, ela foi lá e falou pra minha mãe (adotiva) e ela ficou com dó, né [...] daí ela me pegou...”*

Já, a outra história é de total abandono. Foi levada pelos pais, junto com o irmão menor, para casa de outra família, com o propósito de que voltariam no final do dia. Nunca mais voltaram para buscá-los. Aos sete anos pedia esmolas nas ruas a fim de ajudar no sustento de todos. Conta que nunca recebeu carinho de mãe, o que lhe faz muita falta até hoje. Lembra da figura do pai, mas não tem nenhuma recordação da mãe. Acha que não é uma boa mãe, pois age como “um pai”. Conta somente com a ajuda da comunidade.

A criança é o elo mais frágil da trama social (DIMENSTEIN, 2001, p. 17), “se um país é uma árvore, a criança é um fruto, e está para o progresso social e econômico como a semente está para a plantação”. A pobreza da população provoca a desintegração familiar e coloca suas crianças nas ruas pedindo esmolas, demonstrando a falta de cidadania de todo um país.

“Sentimos que, mesmo que todas as possíveis questões científicas fossem respondidas, nossos problemas vitais não teriam sido tocados”. (Ludwig Wittgenstein²¹, 1889-1951).

R. 32 anos: “...eles deixaram numa casa para tomar conta, mas depois de um mês não vieram mais me buscar [...] então minha infância foi bem péssima mesmo. Passei com muita necessidade, mas muita necessidade [...] não tenho ninguém [...] não, não dize assim...se acontece alguma coisa eu só tenho ajuda das pessoas da comunidade [...] as vezes quero ser mãe pros meus filhos, mas sou tão da parte do homem que não consigo quase ser mãe. E que não sei, eu não tive aquele contato de mãe [...] a parte da mãe, eu quase não sei fazer o trabalho da mãe...”

Diz o dito popular “levo o papai no bolso e mamãe no coração”. A divisão dos papéis parentais, na cultura ocidental contemporânea é classificada em responsabilidades de provento material e moral a cargo do pai, e a condição de provedor afetivo e cuidador²² dos filhos para a mãe. Lyra da Fonseca (1997) constata que a concepção e cuidados com os filhos são atribuições femininas, não incluindo o pai, e cabendo a esse, somente o sustento da família nuclear.

O relato de R. 32 anos demonstra que, o sustento de sua família parece ser o seu objetivo principal, porém, tem consciência que o papel da mãe, que é representado por carinho e proteção, é importante, e que ainda lhe faz muita falta, reafirmando a divisão de papéis no núcleo familiar.

²¹ Pensador do século XX nasceu em 1889, na cidade de Viena de Áustria. A filosofia de Wittgenstein pode ser dividida em: anterior a 1929 que corresponde ao *Tratado Lógico-Filosófico*, e posterior a 1930, que corresponde a *Investigações Filosóficas*.

²² Que ou quem trata, toma conta de (alguém ou algo); que ou aquele se mostra zeloso, diligente para com outrem.

De acordo com Mello, (1999, p.139) “o protagonista da pobreza é um protagonista coletivo”, sendo um fardo a todos, adultos e crianças. A falta dos meios mais essenciais de sobrevivência é de toda a família, e dessa forma essas crianças vão trabalhar porque essa foi a realidade vivida pelos adultos anteriormente. O mesmo autor afirma que “adultos pobres e iletrados são, de modo geral, filhos de adultos pobres e iletrados, assim como a violência que se propaga como fogo e atinge a todos”.

Realidade igual de pobreza total foi relatada por outra das entrevistadas, onde uma mulher de 30 anos, sua mãe, fica viúva com 15 filhos para criar, e ela ainda adolescente tem que ir trabalhar. A oportunidade de vida que lhe surgiu, foi quando aos 16 anos foi morar com um homem mais velho que queria filhos para comprovação de sua virilidade perante os outros. Acabou tendo dois filhos com esse homem, e após separou-se. Seis meses após a separação, agora já com 27 anos, fica grávida de outro homem. Não amamentou nenhum dos filhos.

M. 27 nos: *“...a minha infância eu tenho memória muito curta [...] e a minha adolescência só foi isso, trabalho [...] aí não demorou muito eu casei também bem cedo, com dezesseis anos eu já tava tendo o primeiro filho [...] a primeira herança que adquire é um filho, né [...] daí não pensa no resto [...] essa aqui tava por ele, quer dizer, essa não é dele , veio no período que me separei do meu primeiro [...] então ele queria. Eu não queria mais, né, se eu pudesse não queria mais [...] se eu pudesse ter esperado mais, assim, se eu tivesse filho só nessa idade agora, eu não teria todos os três...”*

As adolescentes ao iniciar sua atividade sexual, principalmente as de classes sociais menos favorecidas, trazem consigo toda a carga familiar, especialmente a de suas mães, que na maioria das vezes é de resignação. Essa mulher, por se sentir incapaz, provavelmente não passou informações para sua filha adolescente sobre a possibilidade de engravidar, caso não tome as medidas necessárias. A gravidez durante a fase da adolescência é inoportuna de uma forma integral, seja por meio de colocá-la em risco de morte, por imaturidade estrutural, seja por impedi-la de concluir seus estudos (MATAMALA, 1998), que de alguma forma estariam incluídos seus projetos de vida. A mesma autora diz que a maternidade é fonte de valorização para esses jovens, especialmente nos estratos sociais de pobreza, tanto urbana como rural. Na sua pesquisa, em Santiago do Chile, em 1995 encontrou relatos de jovens que afirmaram não terem elegido voluntariamente a maternidade, mas que é a obrigação da mulher, e que foram munidas de uma consciência mágica e da falta de expectativas, quando iniciaram a atividade sexual.

Um aspecto fundamental na abordagem da identidade do indivíduo é à busca do “sentimento de diferença”, que passa pelo “sentimento de singularidade” (FOLLMANN, 2001, p. 46), e esse está ligado ao projeto de vida de cada um, que o inclui no universo social com intuito de bem-estar e felicidade. As transformações da identidade variam de cultura para cultura, de grupo para grupo e de indivíduo para indivíduo (LEPRE, s/d). O período da adolescência é caracterizado pela busca do “eu” nos outros na busca de uma identificação (ERIKSON, 1986), o que provoca uma “crise de identidade”, ou “mudança de identidade”, que se manifesta com períodos de angústia, passividade ou revolta, dificuldades de relacionamento inter e

intrapessoal, além de conflitos dos valores sociais, mas necessários para o seu crescimento.

O tratamento dado às meninas adolescentes (CLAVAL, 2001), é diferente daquele dado aos adolescentes meninos em muitas sociedades, sendo as meninas, vigiadas e mantidas com regras e punições. Muitas vezes, o casamento e a maternidade, apresentam-se como via de saída dessa condição.

G. 19 anos: “...não agüento mais [...] me aceitar do jeito que sou e me tratar como gente, me tratar com mais confiança [...] fugi e fiquei escondida na casa de minha amiga. Fiquei uma semana mais ou menos [...] depois fugi para Foz do Iguaçu [...] não só desrespeitada, mas excluída de tudo, eram muito rigorosos comigo [...] agora se tu volta pra dentro de casa com os problemas que tem dentro de casa é pior ainda...”

E. 21 anos: “... minha mãe não queria que namorasse ele , porque não era da igreja [...] foi onde eu fugi [...] peguei e daí casei...”

M. 27 anos: “...não tive muita diversão, então até acho que foi por isso que também casei cedo, né [...] a mãe prendia muito a gente, daí logo casei cedo, não tive muito tempo, já logo casei, me juntei e parti logo pra ser mãe...”

“O desejo de ser mãe e o desejo de ter um filho para uma mulher, devem ser tratados de forma diferenciada, uma vez que produz repercussões orgânicas, psíquicas, culturais e míticas²³, cada uma a seu modo, bastante peculiar” (SALES, 2000, p.28). A experiência da maternidade modifica a personalidade da jovem-mãe, sendo o nascimento do bebê o momento de muita fragilidade. Angústia e o medo de

²³ Transformação

separação (morte) são pensamentos que acompanham o ser humano sempre, ainda mais em um momento de intensa vulnerabilidade como é o nascimento de um filho. Se sua personalidade não estiver bem estruturada anteriormente, provavelmente essa mulher terá menores condições de enfrentar o processo da amamentação, fazendo com que o bebê fique privado de tais cuidados, privando-o também, da relação corporal e de olhar entre mãe-bebê. “A amamentação no seio é um dos aspectos fundamentais das complexas relações entre a criança e a mãe nessa etapa da vida” (QUEIRÓS, 2000, p.143).

A gravidez na adolescência acontece em todas as classes sociais, mas a incidência é maior e com conseqüências mais grave nos segmentos mais desfavorecidos (GOLDENBERG, FIGUEIREDO e SOUZA E SILVA, 2005), tanto no plano biológico-social, como de complicações perinatais.

A busca da liberdade e autonomia que a vida adulta proporciona, muitas vezes pode levar a formação de uma família, com o surgimento de uma gravidez precoce, não planejada, mas por vezes desejada.

A mudança nos padrões de comportamento deu maior autonomia e liberdade sexual entre os adolescentes, mas não garantiu assistência e segurança, transformando-os em vítimas, sendo necessária uma atuação mais coletiva e dirigida a essa clientela. A gravidez precoce é um problema que também envolve os meninos, devendo ser dirigido a eles em todos os seus aspectos moral e social. Existe uma tendência que esses adolescentes de populações mais carentes, venham repetir a vida de seus pais, que provavelmente, os tiveram, ainda enquanto adolescentes (SPITZ, 1998).

Abordando a mesma temática, Paim (1998, p.35) refere que “ser mulher, inclui a maternidade como condição inerente e necessária para a completa

realização como indivíduo nos grupos populares” e, a gravidez está relacionada com a passagem para a idade adulta, sendo valorizado tanto pelas mulheres como por seus familiares.

6.1.2 A Importância do Comprometimento com a Amamentação

A quase totalidade da amostra da pesquisa (77,77%) teve seu primeiro filho enquanto adolescente, variando entre 15 e 18 anos, mas no momento da pesquisa nenhuma delas se encontrava nessa faixa etária, situando-se entre 19 e 32 anos. Somente uma delas referiu que foi amamentada por sua mãe, e na grande maioria delas, suas mães também as tiveram durante a adolescência.

Então, quando essas mulheres-mães se vêem diante de seu filho recém-nascido chorando, e não tendo recebido a orientação e aconselhamento necessário de parte da equipe médica, nem de sua família, consideraram o colostro²⁴ como sendo insuficiente para suprir as necessidades alimentares iniciais de seu bebê, vindo a introduzir precocemente leite não-humano e bicos.

M. 27anos: "...minha mãe com 30 anos tinha 14 filhos [...] porque ela começou bem cedo...".

G. 19 anos: "...minha mãe fugiu com 13...com 14 anos ela tava grávida..."

K. 32 anos: "...me casei com 17 anos e em seguida tive meu primeiro filho..."

E. 21anos: "...eu dizia, gente mais não sai leite olha aqui [...] Aí eu espremia, espremia, mas não saia, sai só aquela aguinha, mas só que eles continuavam falando...mas tenta, tenta mais um pouquinho, arruma ela. Falavam, falavam, mas eu não conseguia..."

²⁴ Líquido espesso e amarelado secretado pelas glândulas mamárias, alguns dias antes e após o parto, rico em anticorpos.

A composição do leite humano sofre fundamentais variações com a fase de lactação, à hora do dia, no decorrer da própria mamada, com a nutrição da mãe e fatores inerentes ao próprio bebê, por exemplo, o leite de mães que deram à luz prematuramente é de composição diferente daquela de mães ao termo (SEGRE, 2002, p.412). O leite do final da gestação (NELSON, BERHMAN e KLIEGMAN, 2002, p. 155), e logo após o nascimento, chamado de colostro, contém mais proteínas, cálcio e outros minerais do que o leite nos estágios subseqüentes da lactação. O colostro humano também contém fatores imunológicos únicos de sua espécie.

Todas as mulheres entrevistadas manifestaram que tiveram alguma informação sobre aleitamento após o parto, durante a hospitalização, sendo que para algumas, foi aceito de forma positiva, mas que mesmo assim, quando frente a pressões de familiares mais “experientes”, mas sem nenhum engajamento com a amamentação, passaram a dar leite não-humano e bicos. Atribuíram, em parte, o insucesso da amamentação por seu leite ser “fraco” ou ser “pouco”, tendo como conseqüência, a rejeição do seio pelo bebê, que sugava o peito menos vezes ao dia, e com dificuldade, pois a “pega”, já não seria a mesma, devido à interferência do bico e da mamadeira. E, se o bebê não suga com freqüência e de forma adequada, então não ocorre a liberação dos hormônios necessários para a manutenção da lactação, formando o ciclo vicioso de desmame. Não houve nesse momento tão vulnerável da amamentação, a interceptação da equipe de saúde para reverter esse processo (SEGRE, 2002; FREITAS et al, 2001).

A cultura do “leite fraco” data de 1869, com a medicina dos higienistas²⁵, que usaram o aleitamento materno para dominar a família burguesa, utilizando a

²⁵ Especialista em higiene, sanitarista.

política da nobreza do ato de amamentar e, dessa forma diminuindo as altas taxas da mortalidade infantil constatada quando da cultura das amas-de-leite, prática vigente até então, em toda a Europa. A filosofia higienista poderia ser resumida assim: "A saúde de seu filho depende de você. Amamente" (ALMEIDA e NOVAK, 2004, p.121). A saúde da criança tornou-se a principal preocupação dos pais (BADINTER, 1985). Porém, começaram a surgir os casos de mulheres que não conseguiam amamentar, por motivos, até então, não entendidos, sendo criado pelos médicos higienistas, o conceito de "leite fraco", e com isso, dando consentimento à utilização da mamadeira, que se tornou um símbolo da modernidade e urbanismo.

G. 19 anos: "...bom mesmo, falta de leite eu não tive, só porque foi 15 dias e ele mamou e parou [...] chorava, chorava, chorava [...] aí demo a mamadeira e ele dormiu o dia inteirinho, acordou só as 6 da tarde. Daí foi que a gente descobriu que foi onde o leite não sustentava [...] quando eu tava no hospital ele tava mamando normal. Aí quando eu acho talvez ele tenha estranhado o lugar que ele tava, no caso em casa, foi quando ele não quis mamar..."

A partir do início da Idade Contemporânea²⁶, tem se preferido, com muita freqüência, o alimento artificial ao leite materno, devendo existir além de causas sociais, razões psicológicas. As causas sociais são manifestas na mulher que trabalha fora de sua casa e não dispõe de tempo suficiente, necessário para a tarefa da amamentação. Uma boa solução a essa problemática é a oferta de creches instaladas nas fábricas e empresas. Acordos coletivos de classes garantiram para muitas empresas, que os empregadores oportunizassem creches às suas

²⁶ Cobre o período do final do século XVIII, a partir da Revolução Francesa, até a atualidade.

empregadas, conforme o disposto do parágrafo 1º do artigo 389 da Consolidação das Leis do Trabalho²⁷, ou conforme foi determinado pela Portaria Ministerial n.º3.296/86, que regulamentou a substituição dessa obrigatoriedade, pelo auxílio creche durante os seis primeiros meses após o retorno da licença-maternidade (SOARES, 1997). Mas, caso o local onde trabalha não disponha desse serviço garantido por lei, ambos, mãe e filho são penalizados por essa infração da empresa.

Nas razões psicológicas estão às alterações de humor do puerpério²⁸, que variam de um período transitório (*blue*) até quadros mais graves de psicose, oferecendo risco ao recém-nascido e à própria paciente (FREITAS, 2001). “O *blue* puerperal é uma alteração autolimitada do humor que pode ser experimentado por 50% a 80% das puérperas (SOGIMIG, 2003, p. 519), manifestando-se com extrema labilidade afetiva e depressão leve e transitória”. O tratamento é sempre de suporte familiar e psicológico.

J. 20 anos: “... aí engravidei com 17anos, mas eu queria muito amamentar ele, mas aí na primeira semana, eu tinha bastante leite, enchia, doía, tirava até com bombinha [...] pingava, né [...] aí eu chorava porque eu queria dar muito mamá pro meu filho [...] aí quando eu dava de mamá, eu dava mamadeira né [...] daí depois foi parando, parando...”

O bebê, até o início do 2º mês de vida reconhece os sinais de alimento (SPITZ, 1998), quando está com fome associado à percepção do estímulo de

²⁷ Todo estabelecimento que empregue mais de trinta mulheres com mais de 16 anos de idade deverá ter local apropriado onde seja permitido às empregadas guardar sob vigilância e assistência os seus filhos no período da amamentação.

²⁸ Período de tempo de seis semanas que se inicia após o parto ou cesariana e a expulsão da placenta. Nesse período, ocorrem o retorno dos órgãos reprodutivos e a readaptação do organismo feminino alterado pela gestação e pelo parto à sua situação pré-gravídica.

satisfação (bico do seio na boca). Mas, quando está faminto e chorando muito de fome, o estímulo é proprioceptivo, ou seja, a colocação do bico do seio na boca é a condição necessária, mas não a suficiente para que ele o perceba e, continua chorando. O sistema proprioceptivo do bebê está envolvido pela sensação de desprazer, sendo incapaz de perceber o estímulo de satisfação da necessidade (bico do seio) na sua boca. Será necessária uma prolongada estimulação oral para fazê-lo dirigir sua atenção novamente ao alimento, pelo qual está chorando.

Diante dessas situações, as interpretações dadas pela mãe e familiares é que o bebê não aceita o peito, porque o leite é fraco, não sustenta, levando facilmente à introdução do aleitamento artificial, oferecido de mamadeira, e a introdução de bicos para acalmar o bebê. Como já foi anteriormente salientado, o leite artificial, não sofre alterações de sabor e, é de fácil sucção na mamadeira, não sendo necessário nenhum esforço adicional por parte do bebê.

O uso de chupetas é muito difundido entre as mães brasileiras (LAMOUNIER, 2003), e uma pesquisa Ministério da Saúde - MS²⁹ (2001) mostrou uma prevalência de 60,3% de uso em crianças. No Brasil uma lei da ANVISA²⁹, com o objetivo de desencorajar a mãe a trocar o aleitamento natural pelo artificial, decidiu incluir na embalagem dos produtos a inscrição “O Ministério da Saúde adverte: a criança que mama no peito não necessita de mamadeira, bico ou chupeta. O uso de mamadeira, bico ou chupeta prejudica a amamentação e seu uso prolongado prejudica a dentição e a fala da criança”.

Embora já esteja bem estabelecida a associação entre o uso de mamadeira, bicos e chupetas e a menor duração do aleitamento materno, não ficou ainda bem determinada à relação causal. A introdução de bicos e chupetas poderia

²⁹ Agência Nacional de Vigilância Sanitária - Resolução - RDC nº 221, de 05 de agosto de 2002.

ser conseqüência de dificuldades surgidas com a maternidade, e o seu uso desenvolveria diminuição das mamadas e posteriormente da lactação (TOMASI, VICTORA, POST et al, 1994).

Para Horta et al (1996, p. 47), essa “associação é complexa, e que a utilização de mamadeira, bicos e chupetas seria um fator que estaria mais presente em mães que não se sentem totalmente confortável com a maternidade” e, dessa forma, a sua utilização implicaria em uma dificuldade prévia em amamentar, sugerindo uma falta de autoconfiança com a maternidade. Um exemplo dessa hipótese é o relato de uma das mulheres que, por considerar-se incapaz de maternar seu bebê, os cuidados com o banho da criança, higiene do coto umbilical e preparo do alimento eram feitos pelo pai da criança.

E. 21 anos: “... até eu queria dar, mas sei lá ela só chorava [...] não sei se é porque eu ficava nervosa, não conseguia dar direito [...] até no começo eu dei um pouco, só porque fui introduzindo com outro tipo de leite, né [...] com dois dias de vida eu já dei outro leite, mas continuava dando o peito [...] daí vi assim que tava poquinho [...] saia só aquela aguinha [...] aí desisti...”

G.19 anos: “... quem cuidou dele foi meu marido, porque eu não podia me levantar, tudo aquilo [...] foi ele quem deu banho, eu não trocava ele [...] tinha medo do umbigo dele, não tem! [...] segurar ele, tinha medo [...] era ele que dava banho, trocava a fralda [...] de madrugada, 5 dias mesmo que o bebê não queria dormir, era ele que ficava em pé acordado fazendo o menino dormir...”

Questionamento importante, também é em relação ao fato de que enquanto estava no ambiente hospitalar, recebendo apoio, tanto da equipe médica,

quanto das outras parturientes no alojamento conjunto, o bebê aceitou normalmente o leite materno, e os cuidados com o bebê eram de sua responsabilidade. Porém, chegando a casa, algumas vieram para a casa da sogra, sentiram-se em um ambiente estranho, onde não existiam referenciais seus e, desta forma, o bebê começou a rejeitar o seio materno.

E. 21anos: "...mamou, as enfermeiras me ajudavam, elas iam lá, eu não tava conseguindo dar direitinho, ia lá me ajudavam, me acalmavam, acalmavam a menina, muitas vezes [...] eu dei no hospital, dei um pouco quando vim pra casa da mãe, e fui dando [...] até que no começo eu dei um pouco, só porque fui introduzindo outro leite..."

G.19anos: "... no hospital no caso ele mamava normal e tudo, e quando viemos pra casa à noite era de 5 em 5 minutos [...] então ele chorava, chorava..."

O uso da mamadeira e a introdução de água e chás continuam sendo observados em muitos estudos, sendo o Brasil um dos países da América Latina com menor prevalência da amamentação exclusiva nos primeiros meses de vida (PEDROSO et al, 2004).

G.19 anos: "...só quis a mamadeira. Daí não quis mais saber do peito [...] Então daí pronto, já comecei a da o nestogeno, depois já não queria toma o nestogeno, daí a gente já tentou outra coisa... daí agora tá um gordo..."

E. 21 anos: "...muitas vezes a gente dava o leite, né ou chazinho de camomila [...] sim bico era só para dormir..."

Informação relatada por duas mulheres entrevistadas que, mesmo antes da amamentação, já existia uma dificuldade com o processo gravídico, foi explicado por Langer (1981), que a nossa sociedade aceita como normais às dificuldades da gravidez e do parto, porém as investigações psicológicas comprovam que essas dificuldades são conseqüentes a conflitos prévios.

A abordagem obstétrica das dificuldades do processo gravídico (GABBE, NIEBYIL e SIMPSON, 1999), está relacionada aos níveis elevados de hormônios esteróides e gonadotrofina coriônica humano, mas os autores aceitam que o tratamento desse transtorno (FREITAS, 2001) é amplamente de suporte³⁰ com acompanhamento psicológico e orientação alimentar.

G. 19 anos: "...ah!, horrível... eu parava mais no hospital que em casa, porque os nove meses eu vomitei direto, enjoada [...] porque era só comer e vomitar [...] não teve nada que melhorasse..."

T. 24 anos: "...é porque eu passei muito trabalho na gravidez, eu passei muito enjoô, daí eu fiquei em casa..."

Em nosso meio, ainda espera-se que a mulher amamente seu filho, mas muitas fracassam alegando pouco leite, leite fraco, fissuras dolorosas. A probabilidade de que existe interação dos fatores psicológicos e hormonais no processo da amamentação, já é aceita pela maioria dos profissionais da área médica, pois a lactação é "decorrente de uma série de impulsos biológicos, instintivos e comportamentais" (FREITAS, 2001, p.307).

³⁰ Tratamento de suporte é dito quando se administram procedimentos e/ou substâncias para manter as condições vitais do organismo.

Em mulheres primitivas³¹, a lactância se processa sem dificuldades (LANGER, 1986), pois ainda não experienciaram proibições da nossa cultura, e entre as mulheres que vivem no campo, “observamos que as dificuldades são bastante raras e que elas ainda permitem-se amamentar seus filhos até dois ou três anos” (p.228).

Com outro ponto de vista, Queirós (2000), refere que com poucos dias de vida o bebê já mostra uma relação aos sabores pela mímica, fazendo caretas e chorando se não gosta do sabor do leite materno, pois esse varia em cada mamada conforme os alimentos ingeridos pela parturiente. Mas, se a criança é alimentada com leite artificial, receberá sempre o mesmo sabor.

G. 19 anos: “... era assim, ele chorava, chorava, daí eu dava de mamar, ninguém dormia [...] vamo dá uma chuquinha com leite pra ele pra vê se não é fome [...] dormiu o dia inteirinho [...] daí descobri que o leite não sustentava ele [...] daí que ele gostou da mamadeira ele só quis a mamadeira. Daí não quis mais saber do peito....”

E. 21 anos: mas sei lá, ela chorava, não conseguia dar direito [...] até que no começo eu dei um pouco, só porque fui introduzindo com outro tipo de leite, né...”

J. 20 anos: “... aí quando eu dava de mamá, eu dava mamadeira, né, aí assim de dia eu dava mais mamá...”

Oito das nove mulheres entrevistadas consideram a amamentação como “obrigação materna” e “muito importante para o bebê”, além de “achar bonito” amamentar. Apenas uma mulher manifestou “pavor” na hora da amamentação, e

³¹ Mulheres primitivas, segundo a autora, são as indígenas.

que só o fez durante a hospitalização, por não ter outra opção. É um caso bem específico, que deveria ter passado por uma triagem³² durante o pré-natal.

Uma tercigesta³³, por insegurança para com a amamentação, levou para o hospital, uma mamadeira escondida, pois “sabia que não iria conseguir amamentar seu filho”. O mesmo fato já acontecia pela terceira vez, mesmo assim não houve nenhuma atitude na tentativa de modificar esse comportamento, ficando evidente a falta de preparo da equipe que lhe prestou o serviço durante o pré-natal.

K.32 anos: “...porque a médica ia nos quarto e falava né, por sinal que ninguém desse mamadeira pra ele [...] mas eu me senti mal porque elas falavam, porque elas achavam que eu não queria dar [...] eu não conseguia dar de mamá [...] é uma vontade que eu tenho, não sei, é vontade [...] eu acho bonito, eu acho bonito...e eu queria ter [...] tenho inveja dela, ela vem aqui em casa e amamenta a filha dela, eu acho lindo [...] eu tenho muita vergonha de alguém aqui no postinho, de alguém ali fora saber que eu não tô amamentando [...] porque eu acho assim, é importante, eu dô apoio pra quem amamenta [...] eu me sinto covarde [...] por isso eu evito comentar [...] eu digo que amamento, é assim..”

T. 24 anos: “...eu sentia pavor na hora que a criança começava a chorar [...] de todos os dois filhos. Toda vez que eu tinha que tirar o peito pra dar pros meus filhos se alimentar, eu achava terrível [...] eu não gostava, não me sentia bem...”

J. 20 anos: “...é porque sei que era a melhor coisa,né...mas... eu sei assim que... era minha obrigação, de toda mãe amamentar...”

³² Ato ou efeito de separar, de selecionar; separação, escolha, seleção.

³³ Terceira gestação

A representação cultural do leite materno é similar ao das ciências médicas, ou seja, de que é o melhor alimento para os bebês, mas a amamentação é dependente de outros fatores, por vezes não entendidos pela população, principalmente por existir uma cobrança social, responsabilizando somente as mulheres pelo seu insucesso.

Quando nos dirigimos às mães, enquanto médicos, para abordarmos o aconselhamento para amamentação, deve-se dar espaço para entender o que para aquela mãe representa a maternidade, e caso ela não esteja preparada, no momento para essa tarefa, não devemos ser autoritários, pois com essa postura certamente nós a desestimularemos, ainda mais. Devemos respeitar a pessoa e sua bagagem cultural, caso estejamos interessados em reorganizar ou modificar ações que visem o bem estar individual e coletivo, onde com esse novo olhar do médico pediatra, possibilite ver as considerações em relação à saúde de nossa clientela de forma menos normativa, menos técnica e cientificamente determinada (OLIVEIRA, SIQUEIRA E ALVARENGA, 1998).

Um ambiente familiar conturbado pode contribuir para o início do aleitamento artificial já nos primeiros dias após o parto. Uma das mulheres referiu que “o bebê não quis mais mamar”, demonstrando que a interferência de pessoas não comprometidas com o processo da amamentação pode modificar essa interação, recentemente iniciada entre mãe e o seu bebê.

G. 19anos: “...tivemos nossas brigas, tudo...(se referindo a sogra) [...] é o filho dela...quer proteger ele, né [...] quem cuida da vida dele [...] daí fiquei uns 4-5 meis na casa da minha sogra [...] daí passamo pra casa de trás [...] é minha, depois

ninguém pode falar nada [...] muito palpite com certeza [...] tanto da minha parte (referindo-se à mãe) como da parte de meu marido (referindo-se à sogra)...

E. 21 anos: "... principalmente pela família dele. Nossa!, a família dele pegava muito no meu pé, chegava ali....dá de mamá pra tua filha, dá de mamá pra tua filha [...] mandavam eu dar, não ajudavam [...] mas era difícil porque sempre tinha alguma visita da família dele..."

J. 20 anos: "...mais porque eu moro com minha sogra, né, agora que tô construindo minha casa [...] minha sogra pressionava muito, né [...] quando eu sentia dor ela até achava ruim, mas ela não amamentou nenhum dos filhos [...] mas ela não amamentou nenhum dos filhos..."

Outro aspecto que chama a atenção na fala dessas mulheres, principalmente as que se encontra em ambiente familiar conturbado, é a falta de autoconfiança na maternidade, sendo desconsiderado pela família esse momento de extrema fragilidade, recebendo constantemente a interferência dos familiares, principalmente das avós. Essa interferência na prática do aleitamento materno foi analisada por Susin, Giugliani e Kummer (2005) como uma influência negativa, tanto na sua duração quanto na sua exclusividade, numa população de menor poder aquisitivo pesquisado em hospital universitário de Porto Alegre, RS. Nesse estudo mais de 75% das avós, teve seus filhos na década de 60 ou 70, época em que as taxas de aleitamento materno eram muito baixas, o uso de chás e água era recomendado pelos pediatras e prevalecia a crença de "leite fraco ou pouco". Nesse ponto, segundo os autores, as avós, provavelmente estariam repassando as suas experiências vividas há 20 ou 30 anos. No mesmo artigo, porém, os autores fazem referências a outros pesquisadores que apontaram no Texas (EUA), e em Lesoto, na

África do Sul, a avó materna foi considerada a fonte de apoio mais importante para o início da amamentação.

A interferência negativa das avós, em relação à prevalência de aleitamento materno exclusivo, também foi verificada em outro estudo brasileiro, em Natal, Rio Grande do Norte (ANDRADE e TADDEI, 2002), onde essa foi significativamente menor quando as avós estavam presentes no ambiente familiar.

6.2 Entrevista Estruturada

Na análise das entrevistas estruturadas das nove (09) mulheres, o item referente a informações sobre a mãe (Gráfico de 1 a 5), podemos verificar que quase metade da amostra, ou seja, 45% tem entre 19 e 22 anos; 22% tem entre 23 e 27 anos e 33% tem entre 28 e 32 anos. Mais da metade das mulheres, 56% eram casadas, 33% tinham relação estável e 11% era viúva. Em relação à escolaridade, tivemos uma distribuição homogênea entre o 1º grau incompleto (34%), 33% o 2º grau completo, e restante 33% tinha o 2º grau incompleto.

Das nove mulheres que fizeram à entrevista narrativa, 23% são do lar, 22% trabalham em serviços gerais, e os 66% restantes ficaram distribuídos entre estudante, costureira, encarregada de fábrica, doméstica e caixa de supermercado (11% cada). Em relação à renda familiar, a maioria respondeu (56%) que fica entre 04-06 salários, 33% respondeu 01- 03 salários e 11% entre 07-11 salários. Das nove mulheres entrevistadas, as cinco mulheres que trabalham fora de casa, objetivam a complementação de renda.

A análise dos dados acerca da gravidez e parto (Gráfico 6 a 8), foi respondida que 67% tiveram seus filhos com idade gestacional com 39 semanas, 22% com 40 semanas e 11% com 38 semanas. O tipo de parto foi para grande maioria vaginal (67%) e os 33% restantes foram pela via operatória. Já quando interrogadas sobre o peso ao nascer de seus bebês, 45% responderam que o peso ficou entre 3400-3700g, 33% entre 2600-2900g e o restante (22%) entre 3000 e 3300g.

No momento da pesquisa, os bebês estavam (Gráfico 9), na maioria deles, com idade entre 3 e 6 meses (45%). 22% estavam no primeiro trimestre de vida, outros 22% entre 9 e 12 meses e os 11% restantes estavam com 6 e 9 meses de vida. Em relação ao gênero, 56% eram do sexo masculino e os 44% restantes do sexo feminino (Gráfico 10).

Outras informações sobre os cuidados com o bebê (Gráfico 11 a 20), foi respondidas pelas mulheres que quase metade dos bebês foram amamentados pela primeira vez entre 2 e 4 horas após o parto, 22% responderam que foi entre 8 e 10 horas, 11% disse que foi acima de 10 horas e os 22% restantes respondeu entre 10 e 30 min (Gráfico 11).

Nessa entrevista estruturada foi ratificada a intervenção dos fatores psicoculturais envolvidos no processo do desmame, pois no questionamento sobre as dificuldades para amamentar, quase a metade (45%) das mulheres abordou problemas de ordem psicológica, 30-35% revelaram aspectos orgânicos, os outros 33% disseram que tinham “pouco leite” e 20% que foi recusa do bebê (Gráfico 12). Como já foi amplamente abordado, é o fator cultural somado a um serviço de saúde pública ineficiente e ineficaz. Por esses motivos o desmame ocorreu tão precocemente, sendo o tempo de leite materno exclusivo, a saber: 20% até os 15 dias de vida do bebê, 30% de 15 a 30 dias de vida, 30% oscilou entre 1 e 2 meses, 20% não amamentou (Gráfico 13). O tempo total de aleitamento materno ficou entre: 22% aleitou até 15 dias de vida, 22% até 2 meses, 22% não amamentou e 11% referiu que ainda amamenta esporadicamente (Gráfico 14).

A análise do questionamento sobre quais foram as fontes de informações sobre amamentação (Gráfico 15), revelou que 50% das mulheres receberam orientações de amigos, parentes e no hospital na hora do parto, e o restante no

posto de saúde com o médico ou por meio de palestras ou livros, sugerindo que a abordagem deva ser bem mais precoce e permanente.

No Gráfico 16 foi abordado quem teve influência no processo de amamentação e, mais da metade (55%) respondeu que foi o marido, 30% respondeu que tiveram apoio de outros parentes mais distantes, 20% de pais e irmãos e 20% disseram que não tiveram apoio de ninguém. Em relação ao tempo dedicado, integralmente à maternidade (Gráfico 17), 34% disseram que estavam se dedicando até o momento da pesquisa, 22% disseram que ficaram entre 1 a 3 meses de vida do bebê, 22% responderam que se dedicaram por 4 a seis meses e 22% responderam que se dedicaram até 7 a 10 meses de vida do bebê. Após a volta ao trabalho (Gráfico 18), 56% disseram que se dedicam ao bebê o tempo todo e 44% têm somente à noite para essa tarefa. Ao abordarmos enfermidades do bebê (Gráfico 19), 56% informaram que já estiveram doentes por até três vezes, 22% até seis vezes e 22% disseram que seus bebês não adoeceram. Já quando perguntamos sobre internações (Gráfico 20), 44% informaram que seus bebês já internaram uma vez e 56% disseram que nunca internaram.

6.2.1. Informações sobre a mulher

Gráfico 1: Idade Materna

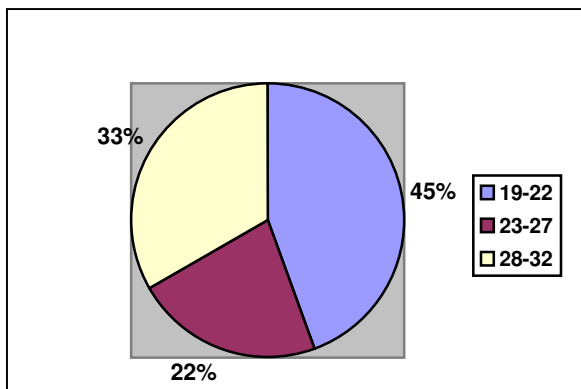


Gráfico 2: Estado Civil

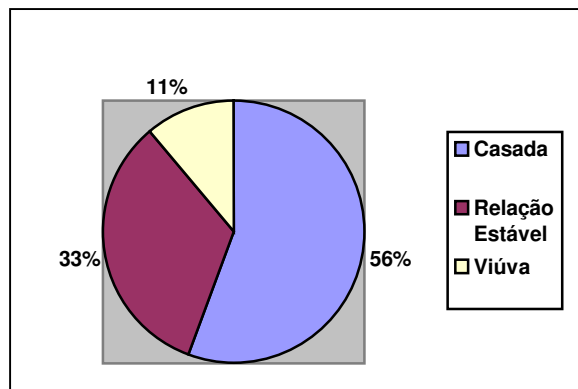


Gráfico 3: Escolaridade

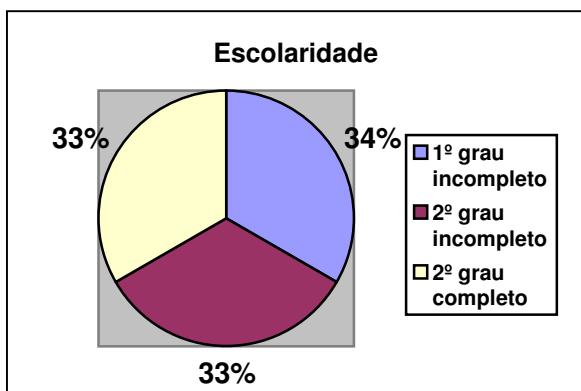


Gráfico 4: Profissão

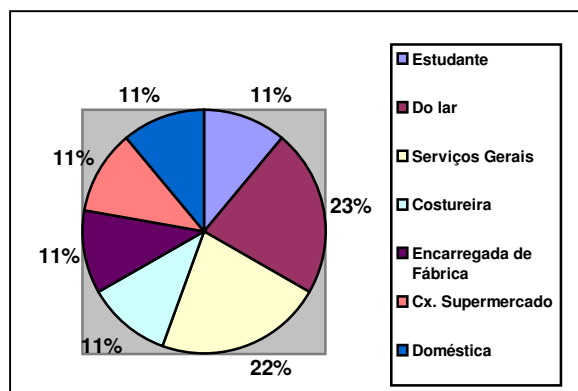
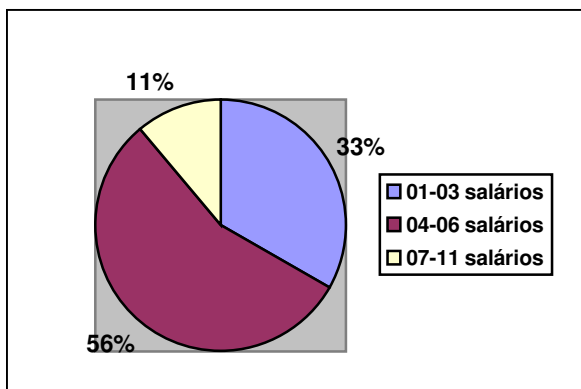


Gráfico 5: Renda Familiar



6.2.2. Informações sobre a Gravidez e Parto

Gráfico 6: Idade Gestacional

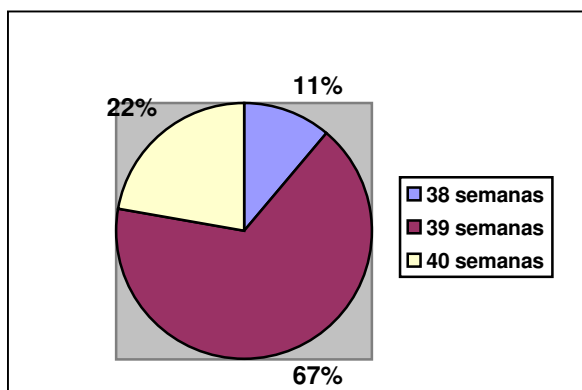


Gráfico 7: Tipo de Parto

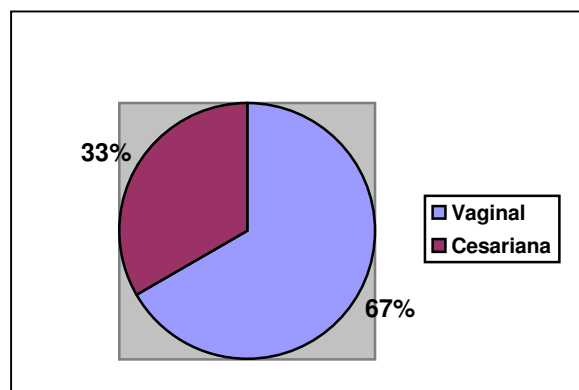
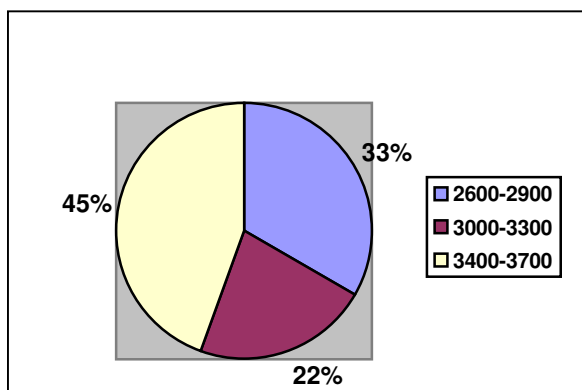


Gráfico 8: Peso do Nascimento



6.2.3. Informações sobre o Bebê

Gráfico 9: Idade do Bebê

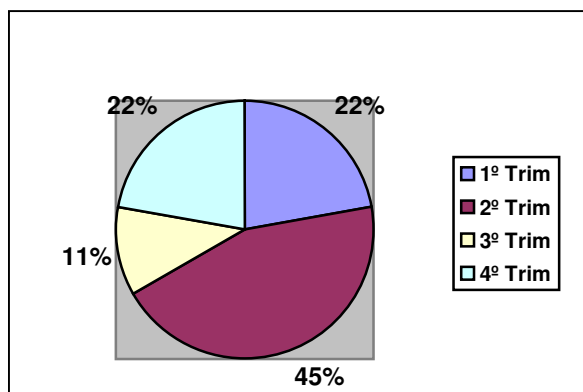
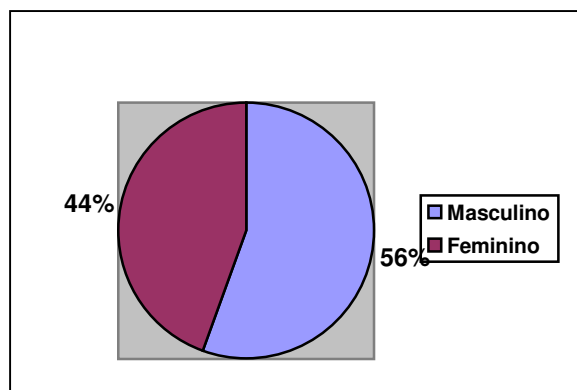


Gráfico 10: Sexo



6.2.4. Outras Informações sobre os Cuidados com o Bebê

Gráfico 11: Tempo de Início da Amamentação após o Parto

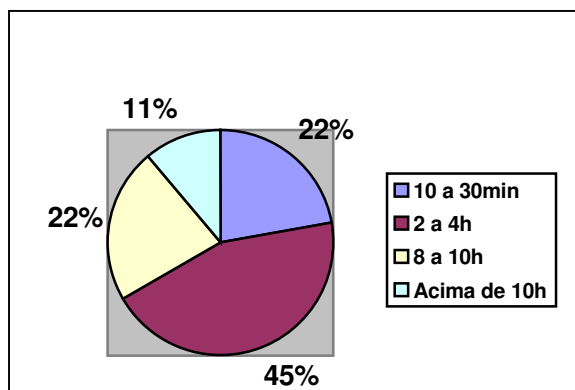


Gráfico 12: Dificuldades para Amamentação

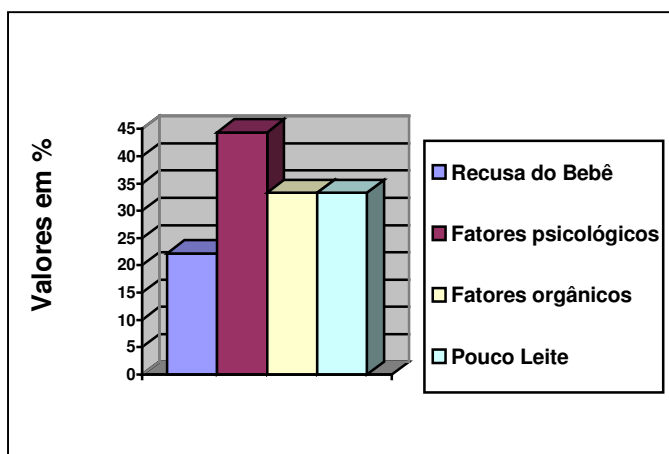


Gráfico 13: Leite Materno Exclusivo

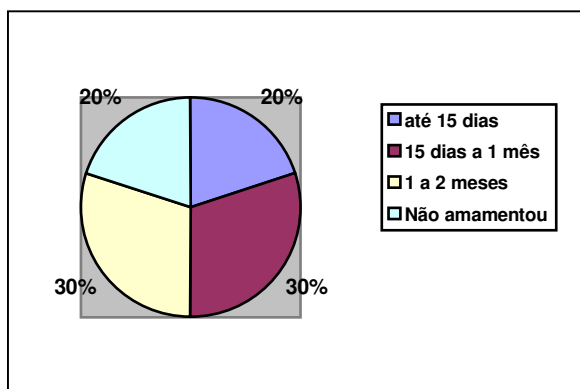


Gráfico 14: Tempo de Amamentação

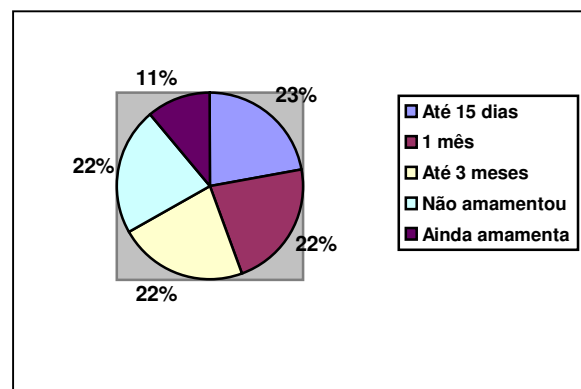


Gráfico 15: Fontes de Informações sobre Amamentação

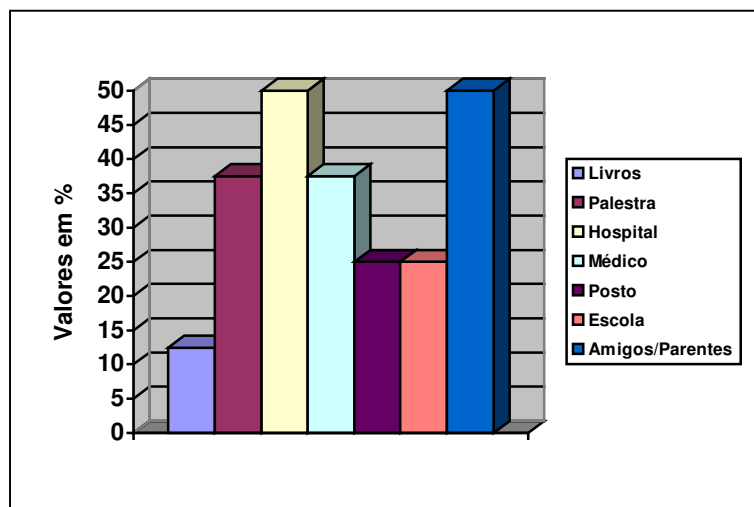


Gráfico 16: Influência de Terceiros

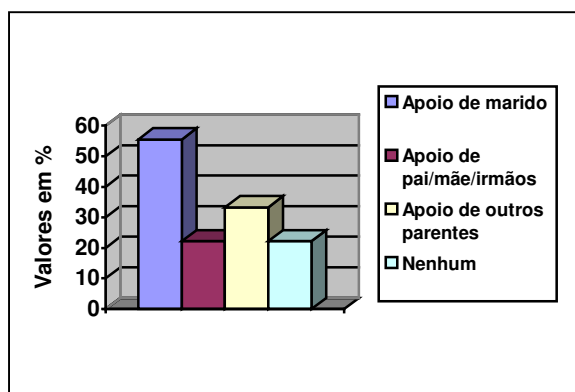


Gráfico 17: Tempo Dedicado Integralmente à Maternidade

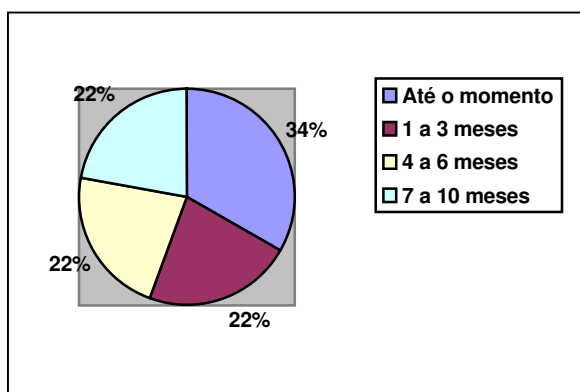


Gráfico 18: Tempo Disponível aos Cuidados com o Bebê após a Volta ao Trabalho

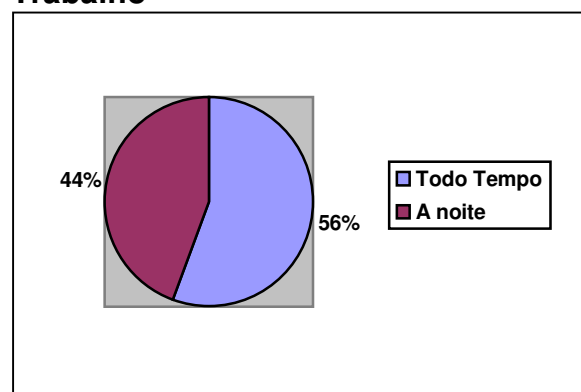
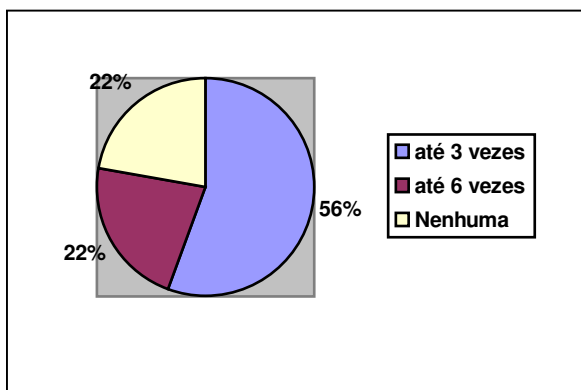
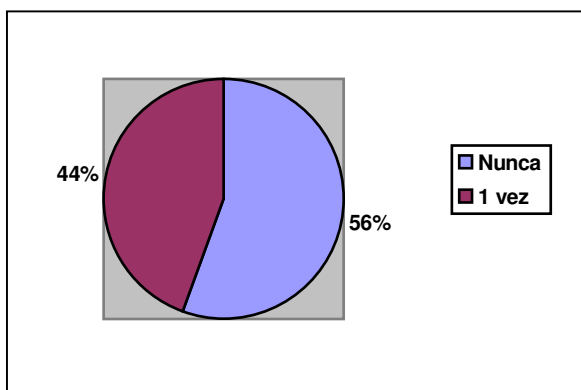


Gráfico 19: Enfermidades do Bebê**Gráfico 20: Internações do Bebê**

6.3 Questionário

Na análise do questionário (Gráfico 21 e 22) com as 290 mulheres, que consultaram seus filhos com a mestrandia na UBS do Bairro Santa Luzia, no período de 28/03/05 a 28/07/05, verificou-se que essas mulheres tiveram 624 filhos, sendo que desses 319 eram meninas (51%) e 305 eram meninos (49%). Observou-se, também que, 57,1% dos meninos foram amamentados (182) e 42,9% (137) não (Gráfico 21). Em relação às meninas, 58,69% (179) foram amamentadas e 41,31% (126) não foram (Gráfico 22).

Conclui-se que não ocorreu prevalência significativa em relação ao gênero, e que um pouco mais da metade das crianças dessa amostra foram amamentadas por mais de 2 meses.

6.3.1 Prevalência da Amamentação por Gênero

Gráfico 21: Prevalência da Amamentação por Gênero

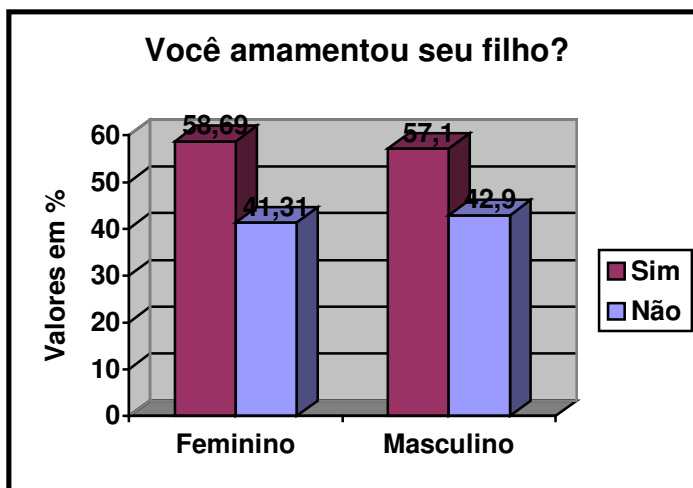
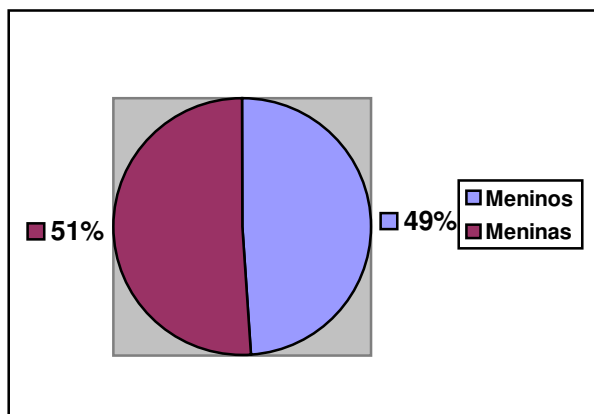


Gráfico 22: Total de Meninos e Meninas³⁴



³⁴ Fonte: Dados do pesquisador relativos ao questionário realizado no período de 28/03/2005 a 28/07/2005 na UBS Santa Luzia, Criciúma/SC

7. CONCLUSÕES

Durante a trajetória de investigação e análise das entrevistas, observaram-se histórias de vidas que a pesquisadora conhecia somente, pelos meios de comunicação gráfica e fílmica. Algumas histórias muito tristes de meninas abandonadas, desprotegidas da sociedade, carentes de afeto e comida que quando se tornam mães, a maioria delas muito jovens, encontravam-se despreparadas para a maternidade e, em outras poucas, esse despreparo parecia não ter tido relação com seu passado enquanto criança ou adolescente, mas, agora enquanto mães foram influenciadas pelo seu meio familiar, seja através de preconceitos sobre o aleitamento materno (cultura do leite fraco e introdução precoce de leite não humano) ou por meio de uma assistência ineficaz ou ineficiente durante o pré e pós-natal. O universo dessa pesquisa é de mulheres batalhadoras que por falta de opção de vida e/ou educação tiveram seus filhos e agora necessitam garantir-lhes a subsistência.

Nos programas de incentivo ao aleitamento materno, principalmente entre mães jovens e pertencentes aos grupos sócio-econômicos mais desfavorecidos, devem ser enfatizadas as importâncias do aleitamento materno, especialmente o aleitamento materno exclusivo, e a correta introdução dos alimentos (BUENO et al, 2003). Contudo, apesar de todas as campanhas em prol da amamentação nas últimas décadas, os índices ainda estão muito aquém do desejado, o que nos faz concluir que esse apoio e incentivo devam ser iniciados bem antes do nascimento do bebê, e não somente após ele já ter nascido, onde muitos outros fatores poderão interferir em seu processo, colocando em risco seu sucesso.

A implementação de ações e/ou programas exige paciência, pois seus resultados, quase sempre, só são observados a médio ou em longo prazo, devido ao fato de serem construções que envolvem muitas pessoas, num contínuo trabalho de transformação.

Segundo Mello (2000, p.2), “as experiências, às vezes conflituosas, colaboram para rupturas de paradigmas, demandando desdobramentos de construção – reconstrução – transformação”, e acreditando nisso, que a pesquisadora, após vinte anos de envolvimento com a pediatria, não poderia deixar de priorizar as crianças, pois essas serão os adultos de amanhã, que terão seus filhos, e poderão amamentá-los.

Reconhece-se nessa pesquisa, a importância do contexto sócio-econômico-cultural das mães. É de vital importância para o pesquisador médico conhecer o ambiente urbano, com todas suas pressões e contradições, e com seus valores que perpassam pela cultura urbana.

Apesar de todas as mães dessa pesquisa terem feito pré-natal, todas as crianças já estavam desmamadas antes do segundo mês de idade, e todas as crianças já haviam recebido chás e bicos nos primeiros dias de vida. Assim, a possibilidade de que fatores culturais venham interferir negativamente no processo da amamentação é atualmente incontestável, vindo essa pesquisa a corroborar, ainda mais, com as recentes abordagens desse tema.

O entendimento de que, são vários os fatores que interferem no processo do desmame precoce, e a partir deles reconhecer como muito importante os fatores psicológicos ligados ao processo de construção da subjetividade de cada mãe, contribui, fundamentalmente, para uma nova postura da equipe, na elaboração dos programas de saúde.

Os dados obtidos revelam, também, um serviço de saúde com sérias deficiências em incentivar o aleitamento e em retardar a introdução de outros alimentos na dieta infantil. Espera-se, a partir dos resultados obtidos, contribuir para reestruturação dos programas existentes, bem como demonstrar que, a partir de recursos mínimos é possível avaliar e modificar a qualidade dos serviços oferecidos à população.

Com essa pesquisa podemos fazer algumas considerações, e de posse das mesmas, sugerir ao poder público algumas medidas que, podem num todo, fazer uma grande diferença no que diz respeito à redução de custos na saúde pública, e à melhoria da saúde infantil em nosso município. Ratifica-se a importância que o poder público tem como zelador dos direitos da população e “reconhecendo que o futuro do país está guardado no coração e na mente de suas crianças” (MELLO, 1999, p. 5), e ainda que, é no meio ambiente urbano que se pode alterar o panorama da prevalência do aleitamento materno exclusivo, contribuindo de maneira efetiva para a melhoria da qualidade da saúde dos lactentes.

De posse dessas considerações, sugerem-se alternativas para uma melhoria na assistência dada a população como um todo: para a sociedade; com relação à qualificação dos profissionais da saúde; contribuições para o pré-natal; sala de parto e o pós-natal.

Sociedade:

- Programas educacionais permanentes nas escolas, desde as séries iniciais sobre educação sexual (como evitar gravidez na adolescência e doenças sexualmente transmissíveis), com intercâmbio das áreas da saúde, educação, cultura e lazer.
- Programa de educação permanente sobre amamentação nas escolas.
- Campanhas permanentes de esclarecimentos sobre a amamentação, nos meios de comunicação (TV, rádio, jornal).
- Mobilização social em prol da amamentação: impressos em folhetos de loteria esportiva, contas de água, telefone e energia elétrica, extratos bancários, encartes de venda e tíquetes de supermercado.
- Envolvimento de entidades como a Legião Brasileira de Assistência (LBA), Associação Feminina de Assistência Social de Criciúma (AFASC) e representantes das diversas religiões.
- Programas de controle anual da amamentação, por meio do Cartão da Criança, com cópia que permanecerá no posto de saúde, com os dados referentes ao peso e estatura/mês, a alimentação/mês e o desenvolvimento neuropsicomotor/mês (FALAEIROS, KALIL, CASARIM, 2005).

Qualificação Profissional:

- Inclusão de pediatra treinado em Aconselhamento em Amamentação nos Programas de Saúde de Família (PSF) é uma estratégia facilitadora da

promoção, proteção e de apoio ao aleitamento materno, atingindo mulheres que não buscam o pré-natal espontaneamente e, assim alcançar a amamentação de forma longitudinal (pré-natal, pós-natal e em outras gestações dessa mesma mulher).

- Treinamento e retreinamento para os profissionais da saúde em “Aconselhamento em Amamentação” (Curso de 40 horas elaborado pela OMS, que emprega uma importante estratégia didática de comunicação entre profissionais de saúde e a mãe para a proteção, promoção e apoio ao aleitamento materno).
- Centro de referência em amamentação no município de Criciúma (BLH).³⁵

Pré-Natal:

- Identificação dos “casos de risco”³⁶ durante uma entrevista com a gestante, feita por profissional qualificado. Após essa triagem, será acompanhada por equipe interdisciplinar, treinada em Aconselhamento em Amamentação. Essa abordagem, segundo Neutzling et al (1993), poderá ser individual e/ou em grupos de gestantes, sob o comando de um médico treinado em Aconselhamento em Amamentação, onde serão discutidos periodicamente, os problemas levantados por elas.
- Programa de Puericultura com pediatra treinado em aconselhamento em amamentação, e também aos demais componentes da equipe oferecendo à gestante uma atenção personalizada.

³⁵ Banco de Leite Humano

³⁶ Histórias de vida com falta de suporte familiar (pobreza, abandono, violência, etc) e gravidez durante adolescência, entre outras.

- Identificação dos familiares influentes, principalmente as avós maternas e paternas.
- Verificar se a parturiente irá para a casa de uma das avós no pós-parto imediato ou residem no mesmo terreno dessas, principalmente porque as futuras mães delegam parte de seu papel à elas, que segundo referência já citada, contribuem com suas orientações, para menor duração do aleitamento materno aqui no Brasil.
- Programas de apoio à lactante, onde as famílias, principalmente as avós, possam expor suas crenças e os seus sentimentos com relação à amamentação e, dessa forma poder identificar e desmistificar preconceitos.
- Atenção especial às adolescentes grávidas, onde se tem risco muito maior de insucesso na amamentação.

Sala de Parto:

- Sala de parto composta com equipe³⁷ treinada em Aconselhamento em Amamentação.
- Alojamento conjunto com equipe treinada em Aconselhamento em Amamentação.

³⁷ Equipe para parto vaginal é composta de médico obstetra e pediatra, enfermeiro e auxiliar de enfermagem e auxiliar de sala e, se houver indicação de parto operatório, deverá estar incluído, também médico anestesista e primeiro auxiliar.

Pós-Natal:

- Programa de Puericultura com pediatra treinado em Aconselhamento em Amamentação, e também os demais componentes da equipe de saúde, para avaliação cuidadosa da mamada com o objetivo de detectar alterações, principalmente em relação à pega e à posição.
- As mães serão visitadas em casa, por pessoas da própria comunidade, treinadas para solucionar os problemas com a amamentação (NEUTZLING et al, 1993).
- Motivação, autoconfiança e tranquilidade são sinônimas de “aconselhamento materno face a face” e devem ser utilizadas como intervenção do desmame precoce, conforme termo aplicado pelo autor acima.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Aprígio Guerra de ; NOVAK, Franz R. Amamentação: uma híbrida natureza-cultura. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v.80, s.5, p.119-125/2004.

ANDRADE I. G. M; TADDEI, José Augusto Aguiar Carrazedo. Determinantes socioeconômicos culturais e familiares do desmame precoce numa comunidade de Natal, Brasil. **Revista Paulista de Pediatria**. São Paulo, v.20, p.8-18/2002.

BADINTER, Elisabeth. **Um Amor conquistado: o mito do amor materno**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. 3 ed. Lisboa: Edição 70, 2004.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: Um Guia Prático**. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BECKER, Daniel. **No seio da família: a amamentação e promoção da saúde no Programa de família**. Textos Completos. Teses ENSP – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, mar 2001. Sessão: Pesquisa. Disponível em: <http://portalteses.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_cover&id=000040&lng=pt&nr m=iso#abstract> Acesso em 15 fev 2005.

BLACK, Robert E.; MORRIS, Saul S.; BRYCE, Jennifer. Onde e por que 10 milhões de crianças estão morrendo a cada ano? In: CARVALHO, M.R. **II Revolução em favor da Sobrevivência Infantil**. Rio de Janeiro, dez 2003. Seção: Profissionais. Disponível em: <http://www.aleitamento.med.br/upload/arquivos/arquivo1_383.pdf>. Acesso em 11 jan. 2005.

BUENO, Milena Baptista, SOUZA, José Maria Pacheco, Sonia Buongermino de *et al.* Riscos associados ao processo de desmame entre crianças nascidas em hospital universitário de São Paulo, entre 1998 e 1999: estudo de coorte prospectivo do primeiro ano de vida. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n.5, v.19, p.1453-1460, set/out/2003.

CÉSAR, Juraci A.; VICTORA, César G.; BARROS, Fernando C.; SANTOS, Iná S.; FLORES, José A. **Impact of breast feeding on admission for pneumonia during postneonatal period in Brazil: nested case-control study**. Disponível em: <<http://bmj.bmjournals.com/cgi/content/full/318/7194/1316> > Acesso em 18 de out 2005.

CHIZZOTTI, Antônio. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1991.

CIDC – Centro Internacional de Documentação do Código – Disponível em: <<http://www.ibfan.org.br/imprensa.html>> Acesso em abr 2005.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2 ed. Florianópolis: UFSC, 2001.

CORSI, Jorge; PEYRÙ, Graciela. **Violências Sociais**. 1 ed. Buenos Aires: Ariel, 2003.

CRUZ, Myrian Coelho da Cunha. **O Impacto da amamentação sobre a desnutrição e a mortalidade infantil**. Textos Completos. Teses ENSP – FIOCRUZ. Rio de Janeiro, out/2001. Seção: Pesquisa. Disponível em: <http://portaltheses.cict.fiocruz.br/transf.php?script=thes_cover&id=000099&lng=pt&nrn=iso#abstract>. Acesso em 07 de jul 2005.

DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos Humanos e Cidadania**. 2 ed. Coleção Polêmica. São Paulo: Moderna, 2004.

DAMERGIAN, Sueli. **O Papel do Inconsciente na Interação Humana: um estudo sobre o objeto da Psicologia Social**. São Paulo: Tese de Doutorado. Instituto Psicologia da Universidade de São Paulo, 1988.

_____ **A Construção da Subjetividade na MetrÓpole Paulistana: Desafios da Contemporaneidade**. São Paulo: EDUC, 2001.

DATASUS. Brasília, dez 2004. Disponível em: <<http://www.tabnet.datasus.gov.br/cgi/idb2001/matriz.htm>>. Acesso em: 23 nov. 2004.

DEMO, Pedro. **Charme da Exclusão Social**. 2 ed. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2002.

DIMENSTEIN, Gilberto. **Cidadão de Papel. A infância, a adolescência e os Direitos Humanos no Brasil**. 19 ed. São Paulo: Ática, 2001.

ESTATUTO DA CRIANÇA E DO ADOLESCENTE (ECA). Lei nº 8069 de 13 de julho de 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069Compilado.htm> Acesso em 11 de dezembro de 2005.

ERIKSON, Erick Homburger. **Infância e sociedade**. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

_____ **Identidade, juventude e crise**. 2 ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

FALEIROS, José Justino, KALIL, Gladis, CASARIN, Darci Pegoraro et al. Avaliação do impacto de um programa de puericultura na promoção da amamentação exclusiva. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n.2, v.21, p.482-489, mar/abr/2005.

FERREIRA, Berta Weil. **Análise de Conteúdo**. Revista Aletheia, n.11, p. 13-20. jan/jun 2000.

FIGUEIRA, Fernando. **Pediatria**. 3 ed. Rio de Janeiro: Medsi/Guanabara Koogan, 2004.

FOLLMANN, J. Ivo. **Identidade de Projeto**. CIÊNCIAS SOCIAIS UNISINOS/Centro de Ciências Humanas, Universidade do Vale do rio dos Sinos, n.158, v.37, p.43-66, São Leopoldo: UNISINOS, 2001.

FREITAS, Fernando. Puerpério normal e amamentação. In: **Rotinas em Obstetrícia**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.

GABBE, Steven G.; NIEBYL, Jennifer R.; SIMPSON, Joe Leigh. **Obstetrícia: Gestações Normais e Patológicas**. 3 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1999.

GARCIA-MONTRONE, Victória e ROSE, Júlio C. de. Uma experiência educacional de incentivo ao aleitamento materno e estimulação do bebê, para mães de nível sócio-econômico baixo: estudo preliminar. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n.1, v.12, p.61-68, jan/mar/1996.

GARETH, Jones; STEKETEE, Richard W.; BLACK, Robert E. et al. Quantas mortes de crianças nós podemos evitar este ano? In: CARVALHO, M.R. **II Revolução em favor da Sobrevivência Infantil**. Rio de Janeiro, dez 2003. Seção: Profissionais. Disponível em: <http://www.aleitamento.med.br/upload/arquivos/arquivo1_383.pdf>. Acesso em 11 jan. 2005.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 1994.

GIUGLIANI, Elsa R.J. Aleitamento Materno na Prática Clínica. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v.76, s. 3, p.238-252/2000.

_____. Aleitamento Materno. In: Duncan, Bruce B.; Schmidt, Maria Inês. **Medicina Ambulatorial: Condutas Clínicas em Atenção Primária**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

GOLDEBERG, Paulete; FIGUEREDO, Maria do Carmo Tolentino e SOUZA E SILVA, Rebeca. Gravidez na adolescência, pré-natal e resultados perinatais em Monte Claros, Minas Gerais, Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, n.21, v.4, p. 1077-1086, jul/ago/2005.

GULLA, G.; & BENECH, C. Aleitamento materno e infecções em lactentes no Rio de Janeiro. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, v.57, p.430-433. out/1984.

HORTA, Bernardo L.; OLINTO, Maria Teresa A.; VICTORA, César G. *et al.* Amamentação e padrões alimentares em crianças de duas coortes de base populacional no Sul do Brasil: tendências e diferenciais. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.12, s.1, p.43-48, set/1996.

ISSLER, Hugo. Aleitamento Materno: dificuldades e propostas. **Pediatria Moderna**. São Paulo, v.23, p.352-356/1988.

KADT, Emanuel de; TASCA, Renato. **Promovendo a Eqüidade: Um Novo Enfoque para o Setor Saúde**. São Paulo: Hucitec, 1993.

KENNEL, John H.; KLAUS, Marshall.H. **Vínculo Afetivo: observações recentes que alteram o cuidado perinatal** Documento do mês sobre amamentação. Nº 04/99, 1998; 19(1): 4-12. Tradução: FILHO, T. R; TOMA, T. S. Sessão: Documentos on line. Disponível em: <http://www.ibfan.org.br/doc4_99.pdf> Acesso em: 23 jan 2005.

KLEIN, Melanie. **O Sentimento de Solidão**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

LAMOUNIER, Joel Alves. A influência do uso da chupeta com a duração da amamentação ao seio. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, n.4, v.9, p.284-286, jul/ago/2003.

_____. Experiência do Hospital Amigo da Criança no Brasil. **Revista da Associação Médica Brasileira**. São Paulo, n.4, vol.44, p.319-324. out/dez/1998.

LANGER, Marie. **Maternidade e Sexo: Estudo psicanalítico e psicossomático**. 2 ed. Porto Alegre: Artes Médica, 1981.

LEPRE, Rita melissa. Adolescência e construção da Identidade. **Sociologia**. São Paulo. Sessão: Pesquisa. Disponível em <<http://www.sociologia.org.br/tex/pscl36ibes.htm> > Acesso em 24 novembro de 2005.

LORENZER, Alfred. **Bases para uma teoria de la Socialización**. Buenos Aires: Amarrortu, 1976.

LYRA DA FONSECA, Jorge Luiz Cardoso. **Paternidade adolescente: uma proposta de intervenção**. São Paulo: 1997. 182 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). ,Área de concentração:Psicologia Social – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo/SP.

MARCONDES, Eduardo. A Questão do Aleitamento Materno. **Pediatria**. São Paulo, v.3:1-2, Departamento de Pediatria da Faculdade de Medicina de São Paulo. Mar 1981. Seção: Editorial. Disponível em: <<http://www.pediatrasiapaulo.usp.br/index.php?p=browse&id=62>> .Acesso: set 2004.

MATAMALA, María Isabel. Derechos sexuales y reproductivos, estados y sociedad. In: BILAC, Elisabete Dória e ROCHA, Maria Isabel Baltar (organizadoras). **Saúde Reprodutiva na América Latina e no Caribe**. Campinas: PROLAP, ABEP, NEPO/UNICAMP/São Paulo: Ed 34, 1998, 488f.

MELLO, Dalva A. Reflexões sobre promoção à saúde no contexto do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n.4, v.16, p.1149-1149, out/dez 2000.

MELLO, Sylvia Leser de. O Estatuto da Criança e do Adolescente: é possível torná-lo uma realidade psicológica? **Psicologia USP**, São Paulo, n.2, v.10, p.139-151, 1999.

MENEZES, Ana M. B., BARROS, Fernando C., VICTORA, Cesar G. *et al.* Mortalidade perinatal em duas coortes de base populacional no Sul do Brasil: tendências e diferenciais. **Caderno de Saúde Pública**, v.12 ,s.1, p.33-41. 1996.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS¹)/Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), SECRETARIAS DE POLÍTICAS DE SAÚDE, ÁREA DE SAÚDE DA CRIANÇA. **Prevalência de aleitamento materno nas capitais brasileiras e no Distrito Federal** – Relatório final. Brasília: MS; 2001.

MINISTÉRIO DA SAÚDE (MS²). Portaria nº 2051/GM de 8 de novembro de 2001. **Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes e Crianças de Primeira Infância, Bicos, Chupetas e Mamadeiras**. Brasília: Diário Oficial da União, Seção 1; nº 215 de 9/11/2001.

MIURA, Ernani. Leite Materno, desnutrição e infecção. **Jornal de Pediatria**. Porto Alegre, n.2, v.47,p.30-35/1979.

MURAHOVSKI, Jaime. Amamentação – Repensando as Dificuldades. **Jornal de Pediatria**. Editorial. Rio de Janeiro, n.79, v.6, p. 561-562, nov/dez/ 2003.

NELSON, Hal, B.; BERHMAN, Richard E.; KLIEGMAN, Robert M. **Tratado de Pediatria**. 16 ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002.

NEUTZLING, Marilda B., VIEIRA, Maria de Fátima, CESAR, Juraci A. *et al.* Medindo o impacto do aleitamento materno em serviços de atenção primária à saúde em Pelotas, Rio Grande do Sul , Brasil. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n.2, v.9, p.149-154, abri/jun/1993.

OLIVEIRA, Denize Cristina de; SIQUEIRA, Arnaldo Augusto Franco de; e ALVARENGA, Augusta Thereza de. Práticas sociais em saúde: uma releitura à luz da teoria das Representações Sociais. In MOREIRA, Antônia Silva Paredes e OLIVEIRA Denize Cristina de (Organizadores). **Estudos Interdisciplinares de Representação Social**. Goiânia: AB, 1998.

OPAS/OMS – Organização Pan-Americana de Saúde/Organização Mundial da Saúde. 25 anos de Alma-Ata: Saúde é Direito de Todos. 2003. Disponível em: <<http://www.opas.org.br/mostrant.cfm?codigodest=195>> Acesso em nov 1005.

ORLANDI, Eni. P. Tralhas e Troços: O Flagrante Urbano. In: **Cidade Atravessada: os sentidos públicos no espaço**. Eni P. Orlandi (org.). Campinas/São Paulo: Pontes, 2001.

PAIM, Heloísa Helena Salvatti. Marcas no Corpo: Gravidez e Maternidade em Grupos Populares. In: **Doença, Sofrimento, Perturbação: perspectivas etnográficas**. Organizadores: Luiz Fernando D. Duarte e Ondina F. Leal. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, p.31 - 47, 1998.

PAULINO, Maria A. Silveira. A Pesquisa Qualitativa e a História de Vida. **Serviço Social em Revista**. Londrina/PR, n. 1, v. 2, p.135-148, jul/dez, 1999.

PEDROSO, Glaura César, PUCCINI, Rosana Fiorini, SILVA, Edina Mariko Koga da *et al.* Prevalência de aleitamento materno e introdução precoce de suplementos alimentares em área urbana do Sudeste do Brasil, Embu, São Paulo. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, n.1, v.4, p.45-58, jan/mar/2004.

QUEIRÓS, Telma. Amamentação e Desmame. In: Rohenkohl, Cláudia Mascarenhas F. (Org.), **A Clínica com o Bebê**, 1ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

RAMINELLI, Ronald. Eva Tupinambá. In: PRIONE, Mary Del (organizadora) / BASSANEZI, Carla (coordenadora). **História das Mulheres no Brasil**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 1997.

RAMOS, Carmen V. ;ALMEIDA, João A.G. Alegações Maternas para o Desmame: estudo qualitativo. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, n.5, v. 79, p.385-90, Set./Out. 2003.

REA, Marina Ferreira e TOMA, Tereza Setsuko. Rótulos de alimentos infantis:Alguns aspectos das práticas de marketing no Brasil. **Revista de Nutrição da PUCCAMP**, Campinas, v.10, p.127-135/1997.

REA, Marina Ferreira. Substitutos do leite materno: passado e presente. **Revista de Saúde Pública**. São Paulo, n.3, v.24, p.241-249, jun/1990.

_____ ²O Pediatra e a Amamentação Exclusiva. **Jornal de Pediatria**. Rio de Janeiro, n.6, v.79, p.479-480, nov /dez/2003.

_____ ³Reflexões sobre a amamentação no Brasil: de como passamos a 10 meses de duração. **Caderno de Saúde Pública**. Rio de Janeiro, v.19, s.1, p37-45/2003.

ROBERTSON, Aileen. **Alimentação Artificial**. Documento do mês sobre amamentação. N. 09/97. Sessão: Arquivos. Disponível: <<http://www.aleitamento.org.br/arquivos/alimentacaoartificial.pdf> >. Acesso: 20 nov. 2004.

SALES, Lea Maria Martins. A “loucura” das mães: do desejo à realidade do filho. In: Rohenkohl, Cláudia Mascarenhas F. (Org.), **A Clínica com o Bebê**, 1.ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

SCHEEFFER, Ruth. **Aconselhamento Psicológico: teoria e prática**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 1989.

SEGRE, Conceição A . M. **Perinatologia: fundamentos e prática**. São Paulo: Sarvier, 2002.

SINGER, Paul. **A Economia Urbana de um ponto de vista estrutural: o caso de Salvador**. In Bahia de todos os pobres. Org. Vianna, A. R. Petrópolis: Vozes, p. 41-56, 1980.

SOARES, Vera. Trabalhadoras: Direitos Reprodutivos nos Acordos Coletivos. In: COSTA. Albertina de Oliveira (organizadora). **Direitos Tardios: Saúde, Sexualidade e Reprodução na América Latina**. 1 ed. São Paulo: PRODIR/FCC. São Paulo: Ed. 34, 1997.

SOGIMIG. Puerpério Fisiológico. In: **Ginecologia e Obstetrícia: manual para concursos**. 3 ed. Rio de Janeiro: Medsi, 2003.

SPITZ, R. A. **O Primeiro Ano de Vida**. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

SUSIN, Lulie R. O; GIUGLIANI, Elsa R. J. e KUMMER, Suzane C. A Influência das avós na prática do aleitamento. **Revista Saúde Pública**. Rio de Janeiro, n.2, v.39, p.141-147, abr/2005.

TOMASI, Elaine, VICTORA, Cesar Gomes, POST, Paulo Roberto *et al.* O uso de chupeta em crianças: contaminação fecal e associação com diarreia. **Revista Saúde Pública**, n.5, v.28, p.373-379, out /1994.

TSIOMIS, Yannis. A Questão Urbana. **Os Cadernos de Desenvolvimento e Meio Ambiente**. n.1. Curitiba: UFPR, 1994.

VENÂNCIO, Sônia Isoyama e MONTEIRO, Carlos Augusto. A tendência da prática da amamentação no Brasil nas décadas de 70 e 80. **Revista Brasileira de Epidemiologia**, Rio de Janeiro, n.1, v.1 p. 40-49. abr/1998.

VENANCIO, Sônia Isoyama. Dificuldades para o estabelecimento da amamentação: o papel das práticas assistenciais nas maternidades. **Jornal de Pediatria**, Rio de Janeiro, n.1, v.79, p.1-2, jan/fev/2003.

VICTORA, C.G. BARROS, F.C. & VAUGHAN, J. P. **Epidemiologia da Desigualdade: Um Estudo Longitudinal de 6000 Crianças Brasileiras**. São Paulo: Cebes/Hucitec, 1989.

VIDAL, Suely Arruda, FRIAS, Paulo Germano de BARRETO, Flora Morais Pais *et al.* Óbitos infantis evitáveis em hospital de referência estadual do Nordeste brasileiro. **Revista Brasileira de Saúde Materna Infantil**, Recife, n.3, v.3 p.281-289, jul/set/2003.

WALLERSTEIN, Immanuel. A Cultura como Campo de Batalha Ideológico do Sistema Mundial Moderno. In: FEATHERSTONE, Mike. **Cultura Global**. Petrópolis, Rio de Janeiro. 3. ed. 1990.

WHO/(WORD HEALT ORGANIZATION) OMS, Genebra. **Alimentação Infantil Bases Fisiológicas**. 2.ed. 1990. Disponível em: < <http://www.cepef.com.br/site-aluno/alimentacao.pdf>> Acesso em 10 de abril de 2005.

APÊNDICES

APÊNDICE 1**TERMO DE CONSENTIMENTO E ESCLARECIMENTO DO PARTICIPANTE**

Eu,, declaro participar por consentimento livre e esclarecido da pesquisa, realizada pela mestranda Solange Therezinha Barreto de Oliveira, com o seguinte tema: “Meio Ambiente Urbano e Saúde – Fatores que interferem no processo de Amamentação. Unidade de Saúde Santa Luzia, Criciúma, SC, para fins de elaboração de uma dissertação do Curso de Mestrado em Ciências Ambientais, colaborando no fornecimento de dados, permitindo o uso das informações recolhidas, por meio de entrevistas e observação, sem identificação do nome do participante(sigilo) e o não ressarcimento pela participação da mesma.

Para tanto declaro participar da pesquisa,

Assinatura do participante:.....

Criciúma/SC, de.....de 2005.

APÊNDICE 2

ENTREVISTA ESTRUTURADA

Idade:

Idade do filho: Sexo: () M () F

Tipo de Parto: () vaginal () cesariana

Idade gestacional: Peso do Nascimento:

Estado Civil: () solteira () casada () relação estável

Profissão:

Renda Familiar: () menos de 01 salário () 01-03 salários () 04-06 salários
() 07-11 salários () mais de 11 salários

Escolaridade: () 1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto () 2º grau completo () superior

- 1- Quantas horas após o parto você tentou amamentar?
- 2- Quais as dificuldades surgidas para amamentar?
- 3- Leite materno exclusivo até que idade?
- 4- Por quanto tempo amamentou?
- 5- Fontes de informação sobre amamentação?
- 6- Que tipo de influência você recebeu de terceiros?
- 7- Quanto tempo você se dedicou à maternidade em tempo integral?
- 8- Após a volta ao trabalho, quanto tempo você disponibiliza aos cuidados do bebê?
- 9- Quantas vezes seu filho já esteve doente?
- 10- Quantas vezes seu filho internou?

ANEXOS

ANEXO 1

A "**Declaração de Innocenti**" foi produzida e adotada por representantes de organizações governamentais e não governamentais (ONGs), defensores da amamentação de países de todo o mundo, no encontro "Breastfeeding in the 1990s: A Global Initiative" organizado pela OMS/UNICEF com apoio da A.I.D-United States Agency for International Development e da SIDA - Swedish International Development Authority, em, Florença, na Itália, entre os dias 30 de Julho e 01 de Agosto de 1990.

A Declaração reflete o conteúdo dos documentos produzidos para o encontro e pontos de vista apresentados nos grupos e sessões de plenária com o objetivo claro de serem alcançados pelos países na promoção da amamentação: fortalecer a mulher na sua decisão de amamentar exclusivamente até os 4 ou 6 meses de vida e continuar amamentando, com alimentos complementares, até o segundo ano de vida ou mais. Quatro ações são fundamentais para que isso ocorra: (1) ter uma coordenação e um comitê pró-amamentação, (2) assegurar que as maternidades cumpram os dez passos para o sucesso do aleitamento materno, (3) implementar todo o código e resoluções subseqüentes relevantes da Assembléia Mundial de Saúde e (4) buscar formas imaginativas de proteger a mulher trabalhadora lactante, respeitando seus benefícios.

Fonte:< <http://www.unicef.org/brazil/innocenti.htm>>

ANEXO 2

Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes (NBCAL)

Resolução CNS 31/92

Do Objetivo:

Artigo 1º - O objetivo desta Norma é contribuir para a adequada nutrição dos lactentes e para defendê-los dos riscos associados a não amamentação ou desmame precoce, protegendo e incentivando a amamentação, mediante a regulamentação da promoção comercial e uso apropriado dos alimentos que são colocados à venda como substitutos ou complementos do leite materno.

Da Abrangência:

Artigo 2º - Esta norma aplica-se a comercialização e as práticas a ela relacionadas, a qualidade e informações de uso, dos seguintes produtos, fabricados no País ou Importados:

I - Leites infantis modificados;

II - Leite em pó, leite pasteurizado e leite esterilizado;

III - Alimentos complementares, bebidas a base de leite ou não, quando comercializados ou de outra forma apresentados como apropriado para utilização como substituto parcial ou total do leite materno;

IV - Mamadeiras, bicos, chupetas e copos fechados com canudinhos ou bicos, comercializados ou indicados para o uso de crianças como recipientes para produtos líquidos relacionados nos incisos I, II e III desse artigo.

Das Definições:

Artigo 3º - Para as finalidades desta Norma considera-se:

I - "ALIMENTOS SUBSTITUTOS DO LEITE MATERNO": Qualquer alimento comercializado ou de alguma forma apresentado como um substituto parcial ou total do leite materno.

II - "ALIMENTO COMPLEMENTAR": Qualquer alimento industrializado para uso direto ou empregado em preparado caseiro, utilizado como um complemento do leite materno ou de leites infantis modificados, quando qualquer um deles se tornar insuficiente para satisfazer as exigências nutricionais dos lactentes. Tal alimento é também denominado "alimento do desmame".

III - "AMOSTRA": Unidade ou pequena quantidade de um produto fornecido gratuitamente.

IV - "DOAÇÃO": Fornecimento gratuito de um produto em quantidade superior a caracterizada como amostra.

V - "FABRICANTE": Empresa ou entidade privada ou estatal envolvida na fabricação ou na cadeia de comercialização de um produto dentro da abrangência desta Norma, quer diretamente ou, por intermédio de agente ou entidade por ela controlada ou contratada.

VI - "LACTENTE": Criança até 1 ano de idade (de zero a 11 meses e 29 dias).

VII - "LEITE INFANTIL MODIFICADO": Alimento preparado industrialmente de acordo com os padrões do Codex Alimentarius - FAO/OMS - 1982, para satisfazer as exigências nutricionais dos lactentes e adaptados às características fisiológicas da faixa etária dos produtos abrangidos por esta Norma.

VIII - "PESSOAL DE COMERCIALIZAÇÃO": Qualquer profissional (vendedor, promotor, demonstrador ou representante de vendas) remunerado direta ou indiretamente pelos fabricantes dos produtos abrangidos por esta Norma.

IX - "PROFISSIONAL DE SAÚDE": Recursos Humanos de nível superior da área de saúde.

X - "PESSOAL DE SAÚDE": Agentes e trabalhadores sem graduação universitária, que atuam no sistema de saúde, como técnicos e auxiliares de enfermagem, atendentes e outros, incluindo voluntários.

XI - "PROMOÇÃO COMERCIAL": Quaisquer formas de induzir vendas através de divulgação por meios escritos, auditivos ou visuais, contato direto ou indireto com profissionais de saúde, pessoal de saúde, estudantes da área de saúde, mães, gestantes e seus familiares e com o público em geral; distribuição de amostras, de brindes, de presentes; doações ou vendas a preços especiais e por outras formas não relacionadas.

XII - "RÓTULO": Qualquer identificação impressa ou litografada, bem como os dizeres pintados ou gravados a fogo, por pressão ou decalcação, aplicados sobre o recipiente, vasilhame, invólucro, cartucho ou qualquer tipo de embalagem dos produtos abrangidos por esta Norma.

XIII - "SISTEMA DE SAÚDE": Complexo de órgãos e identidades do setor público e do setor privado, prestadores de serviços destinados a promoção, proteção e recuperação da saúde da população, inclusive reabilitação.

Da Promoção Comercial:

Artigo 4º - É vedada a promoção comercial dos produtos a que se refere o Artigo 2º, incisos I a IV, incluindo estratégias promocionais para induzir descontos, prêmios, bonificações, vendas com descontos ou preço abaixo do custo, vendas vinculadas a produtos não cobertos por esta Norma, embalagens ou apresentações especiais.

Parágrafo Único - Este dispositivo não deve restringir políticas e práticas de preços visando à venda de produtos a preços mais baixos.

Artigo 5º - A promoção comercial de alimentos infantis que possam ser utilizados como alimentos complementares a que se refere o Artigo 2º, incisos II e III, deverá incluir, em caráter obrigatório e com destaque, uma advertência visual e/ou auditiva, de acordo com o meio de divulgação, de que não devem ser utilizados na alimentação do lactente nos seis primeiros meses de vida, salvo sob orientação de médico ou nutricionista.

Da Qualidade:

Artigo 6º - Os alimentos para lactentes devem atender aos padrões de qualidade e as especificações do "Codex Alimentarius FAO/OMS", cumprida a legislação nacional especificada.

Artigo 7º - As mamadeiras, bicos e chupetas não podem conter mais de dez partes por bilhão de nitrosaminas e devem atender aos padrões de qualidade, de acordo com a legislação nacional específica.

Da Rotulagem:

Artigo 8º - É vedada nas embalagens e/ou rótulos, a utilização de ilustrações, fotos ou imagens de bebê ou outras formas que possam sugerir a utilização do produto como sendo o ideal para a alimentação do lactente, bem como a utilização de frases do tipo "quando não for possível" ou similares que possam por em dúvida a capacidade das mães de amamentarem seus filhos.

Artigo 9º - Os rótulos dos leites infantis modificados devem exibir em lugar de destaque, de forma legível e de fácil visualização, além de atender os dispositivos previstos no Capítulo III do Decreto-Lei nº 986, de 21 de outubro de 1969 e na Resolução nº 10, de 31 de julho de 1984 da Comissão Interministerial de Indústria, Saúde e Agricultura - CISA, as seguintes mensagens:

I - "O ALEITAMENTO MATERNO EVITA INFECÇÕES E ALERGIAS E FORTALECE O VÍNCULO MÃE-FILHO".

II - "ESTE PRODUTO SÓ DEVE SER UTILIZADO PARA LACTENTES QUANDO ORIENTADO POR MÉDICO OU NUTRICIONISTA".

Parágrafo Primeiro - Devem constar instruções para a correta preparação do produto, incluindo medidas de higiene a serem observadas e a dosagem para a diluição, quando for o caso.

Parágrafo Segundo - Fica vedada a utilização de frases como "leite humanizado", "leite maternizado", "substituto do leite materno" ou similar, com o intuito de sugerir forte semelhança do produto com o leite materno.

Artigo 10º - Os rótulos dos produtos compreendidos no inciso II, do artigo 2º, devem conter as seguintes mensagens:

I - Leites desnatados (em pó, pasteurizado e esterilizado).

"ESTE PRODUTO NÃO DEVE SER USADO COMO FONTE DE ALIMENTAÇÃO DO LACTENTE".

II - Leites semidesnatados e padronizados (leite tipo "C" e "reconstituído" - 3,2% de gordura, leite em pó e leite esterilizado).

"ESTE PRODUTO NÃO DEVE SER USADO COMO ÚNICA FONTE DE ALIMENTAÇÃO DO LACTENTE"

III - Leites integrais (leite tipo "A" e "B", em pó esterilizado).

"ESTE PRODUTO NÃO DEVE SER USADO, COMO ÚNICA FONTE DE ALIMENTAÇÃO DO LACTENTE, SALVO SOB ORIENTAÇÃO DE MÉDICO OU NUTRICIONISTA".

Parágrafo Único - O leite condensado e os leites aromatizados, não sendo indicados para alimentação de lactentes, estão isentos do cumprimento deste Artigo.

Artigo 11º - Os rótulos os alimentos complementares, além de atenderem a legislação específica, devem conter as seguintes mensagens:

I - "O ALEITAMENTO MATERNO DEVE SER MANTIDO APÓS A INTRODUÇÃO DE NOVOS ALIMENTOS NA DIETA DA CRIANÇA, ATÉ COMPLETAR DOIS ANOS DE IDADE OU MAIS".

II - "ESTE PRODUTO NÃO DEVE SER UTILIZADO NA ALIMENTAÇÃO DOS LACTENTES NOS PRIMEIROS SEIS MESES DE VIDA, SALVO SOB ORIENTAÇÃO DO MÉDICO OU NUTRICIONISTA".

Artigo 12º - Os rótulos dos alimentos elaborados para atender às necessidades especiais de lactentes devem conter informações sobre as características específicas do alimento, mas sem indicar condições de saúde para as quais o produto possa ser utilizado. Aplica-se a estes alimentos o disposto no Art. 9º.

Artigo 13º - É obrigatório o uso de embalagens e/ou rótulos em mamadeiras, bicos ou chupetas.

Parágrafo Primeiro - Os rótulos destes produtos, além de atenderem a legislação específica, devem conter a seguinte mensagem: "A CRIANÇA AMAMENTADA AO SEIO NÃO NECESSITA DE MAMADEIRA E DE BICO".

Parágrafo Segundo - Fica vedada a utilização de frases ou expressões que possam sugerir semelhança destes produtos com a mama e o mamilo.

Artigo 14º - Os rótulos de amostras dos produtos abrangidos por esta Norma devem conter os seguintes dizeres: "AMOSTRA GRÁTIS PARA AVALIAÇÃO PROFISSIONAL".

Da educação e Informação ao Público:

Artigo 15º - Compete aos órgãos públicos de saúde e de educação a responsabilidade de zelar para que as informações sobre alimentação infantil

transmitida às famílias, aos profissionais e pessoal de saúde e ao público em geral, sejam coerentes e objetivas. Esta responsabilidade se estende tanto a formação e capacitação de recursos humanos.

Artigo 16º - Todo material educativo, qualquer que seja a sua forma, que trate de alimentação de lactentes, deve se ater aos dispositivos desta Norma e incluir informações claras sobre os seguintes pontos:

I - Os benefícios e a superioridade da amamentação;

II - Orientação sobre alimentação adequada da gestante e da nutriz, com ênfase no preparo para o início e a manutenção do aleitamento materno até 2 anos de idade ou mais;

III - Os efeitos negativos do uso da mamadeira, do bico e chupetas sobre o aleitamento natural, particularmente no que se refere às dificuldades para o retorno da amamentação;

IV - As implicações econômicas decorrentes da opção pelos alimentos substitutos do leite materno, além dos prejuízos causados a saúde do lactente pelo uso desnecessário ou inadequado de tais alimentos.

Parágrafo Único - os materiais educativos não poderão conter imagens ou textos, mesmo de profissionais ou autoridades de saúde, que possam estimular ou induzir o uso de alimentos para substituir o leite materno.

Dos fabricantes e do Pessoal de Comercialização:

Artigo 17º - Os fabricantes só poderão fornecer amostras dos produtos abrangidos por esta Norma a médicos e nutricionistas, quando do lançamento do produto e também a outros profissionais de saúde, para pesquisa, mediante pedido formal do profissional ou da instituição a que estiver vinculado, atendendo ao Artigo 14 desta

Norma e aos dispositivos da Resolução nº 01/88 do Conselho Nacional de Saúde, que aprova as "Normas de Pesquisa em Saúde".

Artigo 18º - Os fabricantes e distribuidores dos produtos de que trata esta Norma só poderão conceder estímulos financeiros e/ou materiais às entidades científicas ou associativas de médicos e de nutricionistas, que sejam reconhecidas nacionalmente, ficando, portanto, vedadas todas e quaisquer formas de concessão de estímulos a pessoas físicas.

Parágrafo Único - As entidades contempladas com estímulos terão a responsabilidade de zelar para que as empresas não façam promoção comercial desses produtos nos eventos por elas patrocinados, autorizando somente a distribuição de material científico, conforme as disposições desta Norma.

Artigo 19º - Ficam proibidas as doações ou vendas a preços reduzidos dos produtos abrangidos por esta Norma às maternidades e outras instituições que prestam assistência a crianças, quer para uso da própria instituição, quer para distribuição a clientela externa.

Parágrafo Único - A proibição de que trata este Artigo não se aplica às doações ou vendas a preços reduzidos em situação de excepcional necessidade individual ou coletiva, a critério da autoridade sanitária, sendo permitida a impressão do nome e do logotipo do doador, mas vedada qualquer propaganda dos produtos.

Artigo 20º - Não é permitida a atuação do pessoal de comercialização nas unidades de saúde, exceto para contatos com médicos e nutricionistas, devendo neste caso restringir-se aos aspectos científicos, incluindo as informações específicas do Artigo 17.

Parágrafo Único - O fabricante deve informar, a todo o seu pessoal de comercialização sobre esta Norma e suas responsabilidades no seu cumprimento.

Do Sistema de Saúde e das Instituições de Ensino:

Artigo 21º - Compete aos órgãos do Sistema Único de Saúde, sob orientação nacional do Ministério da Saúde, a divulgação, aplicação e vigilância do cumprimento desta Norma.

Parágrafo Único - O Ministério da Saúde, as Secretarias Estaduais de Saúde e órgãos equivalentes em nível municipal, sempre que necessário acionarão outras entidades governamentais para melhor cumprimento do disposto nesta Norma.

Artigo 22º - As instituições de ensino e pesquisas, bem como as unidades prestadoras de serviços de saúde de qualquer natureza, não podem ser usadas com a finalidade de promover os produtos objetos desta Norma.

Artigo 23º - As instituições responsáveis pela formação e capacitação de profissionais e pessoal da área de saúde devem incluir a divulgação e estratégias de cumprimento desta Norma, como parte do conteúdo programático das disciplinas que abordem a alimentação infantil.

Dos Profissionais de Saúde:

Artigo 24º - Compete de forma prioritária aos profissionais e ao pessoal de saúde em geral estimular a prática do aleitamento materno.

Parágrafo Único - Os recursos humanos referidos no "caput" deste Artigo, em particular os vinculados ao setor público e as instituições conveniadas com o mesmo, deverão familiarizar-se com esta Norma, com vistas a contribuir para a sua difusão, aplicação e fiscalização.

Artigo 25º - A alimentação com o uso de leites infantis modificados deve ser prescrita por médicos ou nutricionista, podendo ser demonstrada ou orientada por outro profissional de saúde, devidamente capacitado.

Artigo 26º - Fica vedado aos profissionais e pessoal de saúde distribuir amostras de produtos referidos nesta Norma a gestantes, nutrizes ou seus familiares.

Da Implementação:

Artigo 27º - Fabricantes, organizações governamentais e não governamentais e, em particular, as de defesa do consumidor, instituições privadas de prestação de serviços de saúde ou de assistência social, bem como entidades comunitárias e associações que congreguem profissionais ou pessoal de saúde, serão estimulados a colaborar com o sistema público de saúde para o cumprimento desta Norma.

Artigo 28º - As instituições responsáveis pelo ensino de 1º e 2º graus deverão promover a divulgação desta Norma.

Artigo 29º - As penalidades pelo não cumprimento desta Norma serão aplicadas de forma progressiva de acordo com a gravidade e frequência da infração. Aplica-se aos infratores as sanções previstas na Lei nº 6.437, de 20 de agosto de 1977.

Artigo 30º - Visando o cumprimento desta Norma, de forma a assegurar a defesa e proteção da saúde da criança, aplica-se, no que couber, as demais disposições estabelecidas no Decreto-lei nº 986, de 21 de outubro de 1969.

Artigo 31º - Dada à conveniência de respaldo mais abrangente, para o fiel cumprimento, e assim, assegurar a sua eficácia, aplica-se ainda, no que couber, as disposições preconizadas no Código de Defesa do Consumidor, Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990, em vigor a partir de 11 de março de 1991.

Com base no Código Internacional, o Brasil aprovou em 1988, as “Normas para Comercialização de Alimentos para Lactentes” – Resolução CNS nº 05 de 20 de dezembro. Esta foi revisada e aprovada como “Norma Brasileira de Comercialização de Alimentos para Lactentes” – Resolução CNS nº 31/92 de 12 de outubro de 1992. Nos anos de 2000 e em 2001 a Norma sofreu novo processo de

revisão, publicada então como Portaria GM 2.051 de novembro de 2001 e Resoluções RDC ANVISA nº 221 e 222 de 2002. O conjunto da Portaria 2.051 e das duas Resoluções RDC 221 e 222/2002 constituem portanto a Norma Brasileira de Comercialização de: Alimentos para Lactentes, Crianças de primeira Infância, Bicos, Chupetas e Mamadeiras, marco importante na história do aleitamento materno no país. Essa Norma é portanto o instrumento legal, no Brasil, que regula a promoção comercial e o uso apropriado dos produtos abrangidos nesse Regulamento. É uma norma marcadamente protetional, típica das regulamentações das ações e políticas públicas, que possui princípios reguladores de conduta, os quais, quando violados, implicam conseqüentemente a sanção correspondente à lei desrespeitada.

Fonte:<http://acd.ufrj.br/consumo/legislacao/nb_nbcad.htm>

<http://www.aleitamento.com/upload%5Carquivos%5Carquivo1_203.pdf >

ANEXO 3

Banco de leite

Portaria MS/GM nº 322, de 02 de maio de 1988

Aprova as normas gerais que regulamentam as instalações e o funcionamento dos Bancos de Leite Humano, em todo o território nacional.

Fonte: <http://www.saude.mg.gov.br/legislacao_servi%C3%A7os_saude.htm#10>

Banco de Leite Humano

A partir de 1985, através de uma ação conjunta realizada pela Fundação Oswaldo Cruz - FIOCRUZ e o Programa Nacional de Incentivo ao Aleitamento Materno - PNIAM, teve início o desenvolvimento de um sub-programa com vistas a promover uma expansão quali-quantitativa dos Bancos de Leite Humano no Brasil. Naquele momento, o país contava com pouco mais de uma dezena de Bancos de Leite Humano, cujo funcionamento era norteado por um paradigma que foi questionado e substituído. Estas unidades de serviço, com maior ou menor grau de dificuldade operacional, foram reorientadas no intuito de serem transformadas em *locus* de promoção do aleitamento materno. Mais do que coletar leite, o objetivo passou a ser a promoção da amamentação natural, direcionando esforços, em um primeiro momento, particularmente para os fatores que obstaculizam a amamentação nas unidades de atenção terciária, entre os quais vale destacar a prematuridade.

Em uma década, o Brasil experimentou uma expansão nunca registrada na história destas unidades de serviço. Com pouco mais de uma dezena em 1985, o país passou a contar com mais de 100 unidades. Este aumento não retrata uma explosão de demanda espontânea e sim, o fruto de esforços inteligentemente direcionados e coordenados pelo PNIAM. Em um primeiro momento, através do Comitê Nacional de Bancos de Leite Humano, substituído inicialmente com êxito pela Comissão Central de Bancos de Leite Humano, que no interior do PNIAM deliberava sobre as políticas e a partir dos Centros de Referência - Nacional e Regionais, as implementava. O objetivo era capitalizar as ações através da implantação de Centros de Referência Estaduais com suas respectivas Comissões, que assumiriam localmente a implementação das políticas estabelecidas pelo Ministério da Saúde.

A rede começou a ser criada com sucesso. Os investimentos em pesquisa permitiram que o Centro de Referência Nacional da FIOCRUZ desenvolvesse metodologias de controle de qualidade tipicamente adaptadas às necessidades nacionais, seguras e sensíveis o suficiente para serem praticadas na rotina. O custo de análise por amostra ficou à razão de poucos centavos de dólar e as técnicas de processamento foram adaptadas a modelos seguros e também de baixo custo. Isto permitiu enfrentar com segurança os agravos e riscos decorrentes do advento da AIDS. Enquanto em várias regiões do mundo, os Bancos de Leite foram fechados, por temor às questões de segurança operacional e risco biológico, o Brasil viveu um franco processo de expansão. Uma das chaves para o êxito da ação Bancos de Leite Humano no Brasil, além da efetiva coordenação e monitorização a nível nacional, certamente relaciona-se aos investimentos em capacitação de recursos humanos nos seus diferentes níveis de complexidade de funcionamento destas

unidades de atendimento. A título de exemplo, vale destacar que o primeiro encontro nacional de Bancos de Leite reuniu em 1992, cerca de 150 participantes e o segundo, realizado em 1995, congregou cerca de 300 profissionais, fazendo com que mais de 95% dos Bancos de Leite existentes no país se fizessem representar. Nestas oportunidades foram discutidas as necessidades de reformulação do planejamento estratégico, a partir das necessidades vivenciadas pela rede. Em resposta, os Centros de Referência mantinham programas de educação continuada e de assessoramento técnico com vistas a suprir a demanda em sua área de abrangência.

A eficácia do papel dos Bancos de Leite no cenário das políticas públicas de promoção da amamentação, de certa forma pode ser evidenciada através da história da Iniciativa Hospital Amigo da Criança - IHAC no Brasil, que cujo início foi, em sua maioria, marcado pela implantação da IHAC em instituições que dispunham de um trabalho prévio de Banco de Leite.

Com o arrefecimento das ações do PNIAM, perdeu-se a perspectiva de ação coordenada para o sistema de Bancos de Leite Humano. As ações passaram, então, a ser desenvolvidas de forma isolada e pontual, graças à iniciativa dos profissionais e das instituições as quais estes se encontravam vinculados. Por assumir uma posição central no cenário da política estatal para Bancos de Leite Humano no país, o Banco de Leite do IFF/FIOCRUZ-MS acaba recebendo toda a demanda nacional, a qual não tem como responder de forma mais efetiva, uma vez que não se dispõe de uma ação coordenada, que contemple o planejamento estratégico com a definição de metas e alocação de recursos para este fim.

A perspectiva que se faz perceber atualmente, diz respeito a desestruturação da rede construída ao longo de uma década de trabalho e de

investimento público. Vale ressaltar que os Bancos de Leite Humano no Brasil se configuram num motivo de perplexidade e orgulho, cujo valor se faz reconhecido internacionalmente. A título de exemplo, vale destacar as considerações feitas pela *Human Milk Bank Association of North America* em relação a experiência brasileira, através de sua diretoria executiva, que afirma em correspondência oficial à FIOCRUZ-MS, datada de 20/04/98 : "*To my knowledge Brazil has the most comprehensive system of donor milk banks in the world and information should be shared with others*".

A experiência brasileira começa a ser levada para outros países sul-americanos. Através de um programa de cooperação técnica estabelecida entre o Ministério da Saúde Brasileiro - FIOCRUZ e o governo Venezuelano, dois Bancos de Leite já foram implantados na Venezuela, bem como programas de cooperação estão sendo estabelecidos com a Universidade Central daquele país, para transferência de tecnologia no âmbito de atuação dos Bancos de Leite Humano.

Diante da perspectiva aqui exposta, a Fundação Oswaldo Cruz - Instituto Fernandes Figueira através de uma ação integrada com a Secretaria de Políticas de Saúde – Coordenação Materno Infantil elaborou o projeto da Rede Nacional, que visa nortear a formulação, implementação e acompanhamento da política estatal, no âmbito de atuação dos Bancos de Leite Humano em todo o território brasileiro.

Programa Nacional de Qualidade em Bancos de Leite Humano

O Programa Nacional de Qualidade em Bancos de Leite Humano é uma iniciativa do Ministério da Saúde e resulta de um projeto de ação integrada, elaborado pelo Instituto Fernandes Figueira - FIOCRUZ em conjunto com a Área da Saúde da Criança da Secretaria de Políticas de Saúde, com o objetivo de promover

condições que permitam certificar a qualidade dos produtos e serviços sob a responsabilidade dos Bancos de Leite Humano em todo o País. Os conteúdos técnicos do Programa, sua elaboração e operacionalização, são de responsabilidade do Centro de Referência Nacional para Bancos de Leite Humano do IFF/FIOCRUZ, que conta com a participação do Programa Nacional de Controle de Qualidade da Sociedade Brasileira de Análises Clínicas para o fornecimento do material necessário à realização dos testes de proficiência.

Fonte:

<http://www.redeblh.fiocruz.br/index.php?pagina=port/oquee.htm&men=1&submen=1>

ANEXO 4

Licença Maternidade - Constituição Federal de 1988

Art. 7º - parágrafo único. São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos os direitos previstos nos incisos IV, VI, VIII, XV, XVII, XVIII, XIX, XXI e XXIV, bem como sua integração à previdência social.

XVIII - licença à gestante, sem prejuízo do emprego e do salário, com a duração de cento e vinte dias;

Portanto, de forma inequívoca, a empregada doméstica tem direito a licença gestante, que será paga pela Previdência Social.

Licença Paternidade - Constituição Federal de 1988

Art. 7º - parágrafo único. São assegurados à categoria dos trabalhadores domésticos os direitos previstos nos incisos IV, VI, VIII, XV, XVII, XVIII, XIX, XXI e XXIV, bem como sua integração à previdência social.

XIX - licença-paternidade, nos termos fixados em lei;

Ato das Disposições Constitucionais Transitórias

Art.10 - Parágrafo 1º - Até que a lei venha a disciplinar o disposto no art.7.º, XIX, da Constituição, o prazo da licença-paternidade a que se refere o inciso é de cinco dias. Com o advento da Constituição Federal o empregado doméstico também tem direito à licença paternidade. O prazo é de 05 dias. Importa salientar que os dias são corridos, normalmente contados a partir do dia seguinte ao do parto, ou contados do dia do parto se desde esse dia o empregado já se ausentar do trabalho.

Fonte:< http://www.dji.com.br/decretos_leis/1943-005452-clt/clt391a401.htm>

ANEXO 5

DECLARAÇÃO DE ALMA-ATA - CONFERÊNCIA INTERNACIONAL SOBRE CUIDADOS PRIMÁRIOS DE SAÚDE

Alma-Ata, URSS, 6-12 de setembro de 1978.

A Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde, reunida em Alma-Ata aos doze dias do mês de setembro de mil novecentos e setenta e oito, expressando a necessidade de ação urgente de todos os governos, de todos os que trabalham nos campos da saúde e do desenvolvimento e da comunidade mundial para promover a saúde de todos os povos do mundo, formulou a seguinte declaração:

I) A Conferência enfatiza que a saúde - estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente a ausência de doença ou enfermidade - é um direito humano fundamental, e que a consecução do mais alto nível possível de saúde é a mais importante meta social mundial, cuja realização requer a ação de muitos outros setores sociais e econômicos, além do setor saúde.

II) A chocante desigualdade existente no estado de saúde dos povos, particularmente entre os países desenvolvidos e em desenvolvimento, assim como dentro dos países, é política, social e economicamente inaceitável e constitui, por isso, objeto da preocupação comum de todos os países.

III) O desenvolvimento econômico e social baseado numa ordem econômica internacional é de importância fundamental para a mais plena realização da meta de Saúde para Todos no Ano 2000 e para a redução da lacuna existente entre o estado

de saúde dos países em desenvolvimento e o dos desenvolvidos. A promoção e proteção da saúde dos povos são essenciais para o contínuo desenvolvimento econômico e social e contribui para a melhor qualidade de vida e para a paz mundial.

IV) É direito e dever dos povos participar individual e coletivamente no planejamento e na execução de seus cuidados de saúde.

V) Os governos têm pela saúde de seus povos uma responsabilidade que só pode ser realizada mediante adequadas medidas sanitárias e sociais. Uma das principais metas sociais dos governos, das organizações internacionais e de toda a comunidade mundial na próxima década deve ser a de que todos os povos do mundo, até o ano 2000, atinjam um nível de saúde que lhes permita levar uma vida social e economicamente produtiva. Os cuidados primários de saúde constituem a chave para que essa meta seja atingida, como parte do desenvolvimento, no espírito da justiça social.

VI) Os cuidados primários de saúde são cuidados essenciais de saúde baseados em métodos e tecnologias práticas, cientificamente bem fundamentadas e socialmente aceitáveis, colocadas ao alcance universal de indivíduos e famílias da comunidade, mediante sua plena participação e a um custo que a comunidade e o país possam manter em cada fase de seu desenvolvimento, no espírito de autoconfiança e automedicação. Fazem parte integrante tanto do sistema de saúde do país, do qual constitui a função central e o foco principal, quanto do desenvolvimento social e econômico global da comunidade. Representam o primeiro nível de contato dos indivíduos, da família e da comunidade com o sistema nacional de saúde, pelo qual os cuidados de saúde são levados o mais proximamente possível aos lugares onde

peças vivem e trabalham, e constitui o primeiro elemento de um continuado processo de assistência à saúde.

VII) Os cuidados primários de saúde:

1 - Refletem, e a partir delas evoluem, as condições econômicas e as características socio-culturais e políticas do país e de suas comunidades, e se baseiam na aplicação dos resultados relevantes da pesquisa social, biomédica e de serviços de saúde e da experiência em saúde pública.

2 - Têm em vista os principais problemas de saúde da comunidade, proporcionando serviços de proteção, cura e reabilitação, conforme as necessidades.

3 - Incluem pelo menos: educação, no tocante a problemas prevalentes de saúde e aos métodos para sua prevenção e controle, promoção da distribuição de alimentos e da nutrição apropriada, previsão adequada de água de boa qualidade e saneamento básico, cuidados de saúde materno-infantil, inclusive planejamento familiar, imunização contra as principais doenças infecciosas, prevenção e controle de doenças localmente endêmicas, tratamento apropriado de doenças e lesões comuns e fornecimento de medicamentos essenciais.

4 - Envolvem, além do setor saúde, todos os setores e aspectos correlatos do desenvolvimento nacional e comunitário, mormente a agricultura, a pecuária, a produção de alimentos, a indústria, a educação, a habitação, as obras públicas, as comunicações e outros setores.

5 - Requerem e promovem a máxima autoconfiança e participação comunitária e individual no planejamento, organização, operação e controle dos cuidados primários de saúde, fazendo o mais pleno uso possível de recursos disponíveis, locais, nacionais e outros, e para esse fim desenvolvem, através da educação apropriada, a capacidade de participação das comunidades.

6 - Devem ser apoiados por sistemas de referência integrados, funcionais e mutuamente amparados, levando à progressiva melhoria dos cuidados gerais de saúde para todos e dando prioridade aos que têm mais necessidade.

7 - Baseiam-se, nos níveis locais e de encaminhamento, nos que trabalham no campo da saúde, inclusive médico, enfermeiros, parteiras, auxiliares e agentes comunitários, conforme seja aplicável, assim como em praticantes tradicionais, conforme seja necessário, convenientemente treinados para trabalhar, social e tecnicamente, ao lado da equipe de saúde e responder às necessidades expressas de saúde da comunidade.

VIII) Todos os governos devem formular políticas, estratégias e planos nacionais de ação para lançar/sustentar os cuidados primários de saúde em coordenação com outros setores. Para esse fim, será necessário agir com vontade política, mobilizar os recursos do país e utilizar racionalmente os recursos externos disponíveis.

IX) Todos os países devem cooperar num espírito de comunidade e serviço, para assegurar os cuidados primários de saúde a todos os povos, uma vez que a consecução da saúde do povo de qualquer país interessa e beneficia diretamente todos os outros países. Nesse contexto, o relatório conjunto da OMS/UNICEF sobre cuidados primários de saúde constitui sólida base para o aprimoramento adicional e a operação dos cuidados primários de saúde em todo o mundo.

X) Poder-se-á atingir nível aceitável de saúde para todos os povos do mundo até o ano 2000 mediante o melhor e mais completo uso dos recursos mundiais, dos quais uma parte considerável é atualmente gasta em armamento e conflitos militares. Uma política legítima de independência, paz, distensão e desarmamento podem e devem liberar recursos adicionais, que podem ser destinados a fins pacíficos e, em particular, à aceleração do desenvolvimento social e econômico, do qual os

cuidados primários de saúde, como parte essencial, devem receber sua parcela apropriada. A Conferência Internacional sobre Cuidados Primários de Saúde concita à ação internacional e nacional urgente e eficaz, para que os cuidados primários de saúde sejam desenvolvidos e aplicados em todo o mundo e, particularmente, nos países em desenvolvimento, num espírito de cooperação técnica e em consonância com a nova ordem econômica internacional. Estimula os governos, a OMS e o UNICEF, assim como outras organizações internacionais, entidades multilaterais e bilaterais, organizações governamentais, agências financeiras, todos os que trabalham no campo da saúde e toda a comunidade mundial a apoiar um compromisso nacional e internacional para com os cuidados primários de saúde e a canalizar maior volume de apoio técnico e financeiro para esse fim, particularmente nos países em desenvolvimento. A Conferência concita todos a colaborar para que os cuidados primários de saúde sejam introduzidos, desenvolvidos e mantidos, de acordo com a letra e espírito desta Declaração.

Fonte: OPAS - Organização Pan-americana de Saúde. Disponível em: <
<http://www.opas.org.br/coletiva/uploadArq/Alma-Ata.pdf>>

TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS NARRATIVAS COM MULHERES QUE NÃO AMAMENTARAM DA UNIDADE DE SAÚDE SANTA LUZIA – CRICIÚMA – SC.

P= pesquisadora

E= entrevistada

Primeira entrevista – G.18 anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

P: Então quero ouvir de ti. Não sei se gosta de falar bastante, gosta de falar pouco.....

E: Mais ou menos.

P: O que tem, assim para contar. Tu és filha única?

E: Não, tenho mais dois irmãos. Um irmão de 29 anos e uma irmã de 15. Sou a filha do meio. A minha vida foi boa até a minha adolescência, teve várias complicações, mas...

P: Tipo o que assim?

E: Teve assim, tipo problemas com meu pai e minha mãe. Fugi de casa.

P: Huhumm..

E: Fugi, mas voltei. Daí depois que voltei para casa, passou o susto.

P: Fugiu com que idade?

E: Eu tinha 15. Mas não fiquei.. só umas duas semanas só assim. Porque era muita cobrança em cima de mim.

P: Huhumm..

E: Tem hora que a gente não agüenta mais.

P: E eles são separados?

E: Não, estão juntos. Mas eu pensei, quem sabe eu desse um susto eles não iam mudar comigo. Me aceitar do jeito que sou e me tratar como gente. Me tratar com mais confiança, mas como adolescente. E, então disso melhorou Daí depois tive, não tive só esse namorado que engravidei no caso. Tive outro namorado, mas infelizmente engravidei dele.

P: Huhumm..

E: Foi assim complicado.

P: Com que idade tinha quando engravidaste dele?

E: Grávida? Tava com 17 daí com 18 eu ganhei. Não foi tão complicado assim.. tipo namoro de um mês. Dentro de um mês sem querer...com um vacilo engravidei. Mas foi normal, assim no caso contamos para mãe dele ... pra minha mãe. Tudo. Mas, tivemos apoio dos dois lados. Foi...

P: Tem uma irmã e um irmão. Essa tua irmã também passou por alguma dificuldade dentro de casa, não?

E: Ela é neném pra eles, pra eles é tudo. É o xodó deles.

P: Ah! Ela é a menor. Ah ta, pensei que ela fosse mais velha que tu. O rapaz é que tem mais idade.

E: Sim ele é o mais velho. No caso era para ser quatro. Daí não conheci. Só nasceu e morreu.

P: Já, assim na gravidez tinha pretensão de .. de amamentar. Como foi?

E: Sei lá, por que assim...

P: Foi assim orientada, quando estava grávida?

E: Contigo mesma eu tive uma palestra.

P: Huhumm..

E: Bom mesmo falta de leite eu não tinha. Só porque tinha até demais. Só porque foi15 dias assim ele mamou e... parou.

P: Não quis mais

E: Que ele fez assim. Primeira semana que eu levei ele para casa. No hospital no caso ele mamava normal e tudo e...quando viemos para a casa.. a noite era de 5 em 5 minutos ele queria mamar. Então ele chorava, chorava, chorava. E dava de mamar e quanto mais eu dava mais ele queria.

P: Tu estavas com teu marido?

E: Isso. Daí já tava casada com ele. Era assim... ele chorava , chorava , daí eu dava de mamar. Isso foi uma semana a gente sem dormir. Ninguém dormia. Meu marido nem eu dormia. Minha sogra às vezes me ajudava, porque eu não tinha como...ela cuidava dele durante o dia pra gente poder dormir. Porque não tinha como.Daí mais uns.. uns 15 dias, daí passou não quis mais. Daí um domingo, tava eu, minha mãe, minha sogra e minha tia lá em casa e meu marido, daí ela assim ...vamo dá uma.. chuquinha com leite pra ele pra vê se não é fome. Porque ele não parava de

chorar. Ele tomou... Dormiu o dia inteiro. Acordou só às 6 horas da tarde. Daí foi que a gente descobriu que foi onde o leite não sustentava ele. Depois disso só com leite, pois o meu ele já não quer mais. Ainda teve um tempo, que até o mês passado eu ainda tinha leite. Só como ele já tem os dentes, daí não mais para mim dar de mamar, que ele machuca. Daí ele morde. Então ele só quer saber de morder. Então daí não dava mais para dar, daí machucava. Daí então ficou assim.

P: E tu trabalhavas antes?

E: Não eu só estudava.

P: Só estudava.

E: Daí até parei um pouco, mas no meio da gravidez voltei a estudar, tudo. Me formei.

P: Huum.. E incentivo para a amamentação teu marido chegou a te dar? Ou...

E: Sempre, sempre ele mandava eu amamentar, mas como não.. o bebê não queria mais, no caso. Depois que ele gostou da mamadeira ele só quis a mamadeira. Daí não quis mais saber do peito.

P: E a gravidez foi muito tumultuada?

E: Haa horrível... Eu parava mais no hospital que em casa. Porque os nove meses eu vomitei direto. Enjoada.

P: Olha só..

E: Foi horrível. Vários problemas.. tipo com vômito.. eu comia... não tinha problema com comida, eu comia de tudo. Tudo que tinha eu comia, mas só comia e tinha que ir para o banheiro, porque era só comer e vomitar.

P: E antes disso, quando tu recebeste a notícia que estava grávida, desconfiaste que estivesse qual foi a tua reação?

E: A minha reação, foi até uma coisa assim meio chata pra mim a hora que eu descobri que estava grávida, porque eu descobri que estava grávida no dia do enterro da minha prima.

P: Olha só Trauma.

E: Ficou uma coisa assim meio chata, né? No dia que ela morreu eu engravidou. Uma coisa assim...

P: Ela era jovem a tua prima?

E: Ela tinha, ia fazer 6 anos. Daí descobri que estava grávida. Daí só eu tinha essa coisa, eu não tinha contado pra ninguém ainda. Aí no dia do velório dela eu contei pra meu marido. Só que aí a gente ficou meio assim, e agora o que vamos fazer.

Não sabia o que fazer. Primeiro tinha que fazer exame pra ter certeza, porque pra mim era normal atrasar a menstruação por causa uma vez eu fiquei três meses sem vim. Daí foi da onde eu não.... Daí comprei o teste da farmácia, eu fiz. Daí pra confirmar eu peguei e fiz o de sangue., pra ter certeza, né? Daí, daí pra frente foi só...a família ajudou tudo.

P: Teus pais aí que eram mais receosos, te prendiam...

E: Bom, melhoraram mil vezes comigo. Hoje me tratam na mão, né?

P: Ah é...

E: Um neto, o único também dos dois lados pra ajudar.

P: Tu te sentias desrespeitada antes?

E: Não só desrespeitada, mas como excluída de tudo. Tipo na sala, eles não me trancavam, mas eram assim muito rigorosos comigo. Tipo minha irmã e meu irmão mais velho, eles eram deus e o mundo pra eles. No caso eu era a excluída, a parte de casa.

P: Tu és muita diferença de idade de teu irmão mais velho? Porque tu te sentias assim? Tinha algum motivo ou..

E: Sei lá, por que um lado eu achava que minha mãe gostava mais de meu irmão e meu pai como minha irmã era mais nova, mais dela. Então é onde eu me sentia meio excluída. Assim só é a base da minha família também, depois que eu ganhei meu filho, foi todo mundo se chegando perto de mim.

P: E te tratam ainda como adolescente, tu és ainda adolescente, né?

E: Mais ou menos...(risos)

P: Ou agora como senhora? (risos)

E: Os dois, um pouquinho dos dois.

P: É.. Ainda eles querem te dar muito palpite?

E: Ah.. com ..com certeza. Tanto da minha parte como da parte do meu marido.

P: Teu marido é jovem também?

E: Ele tem 21.Mas,ah....

P: E, a gravidez foi muito difícil.

E: Foi

P: Internada alguma vez?

E: Não cheguei ficar internada, mas acho que fiquei umas duas horas e depois vim embora. Porque a maioria do meu problema era minha barriga, porque minha

barriga, eu não tinha barriga. Eu com 5 meses minha barriga era assim (mostra a barriga dela atual). Sete meses que ela começou apareceu.

P: Não apertava nada, não escondeu de ninguém?

E: Não, não. Daí ela então começo a aparecer dos seis, sete pra frente. Daí onde ela começava a doer muito e eu tinha que pro hospital pra ver o que é que tinha, não tem. Aí onde eu ia mais, aí por causa do vômito. Porque eu vomitava sangue. Por causa que eu vomitava direto meu estômago já estava completamente todo machucado, né? Daí foi onde o médico me deu um remédio para enjôo, mas não adiantava mais. Primeira vez que tomei ainda fez efeito, mas depois não fazia mais efeito. Bem dizer vomitei os nove meses inteirinho. Não tevê nada que melhorasse.

P: E aí então nesse período que tu soubesses da gravidez, a família mesmo assim, por causa do luto dessa criança, aceitou feliz a idéia ou...

E: A gente esperou passar um pouco, assim fez o exame da farmácia tudo, Daí no caso eu e ele, ficamos assim meio quieto. Só ele contou pra mãe e o pai dele, né? Só a família dele sabia e a minha mãe e meu pai não sabia, né? Então esperamos pra contar pra minha mãe e pro meu pai, daí um dia nos marquemo um jantar na casa na mãe dele. Daí todo mundo estava pressionado nois lá na casa dele, porque não era ficar escondendo deles e só nós sabendo.

P: Claro

E: Então aí nois contemo. Eu até tinha medo, porque no começo... eu pensei, bom né, vou levar um surra, mas não..

P: E antes acontecia isso, teu pai te batia?

E: Não não não. Só sei lá ..medo. Meu pai chegou se ajoelhou nos meus pés.

P: Olha só...

E: Bah, foi bem legal. Foi assim uma coisa que eu não pensava que ele ia fazer. Então aí ele fez. Sei lá, acho que um neto muda tudo. Porque foi a única coisa que fez eles mudar tudo.

P: Eles conversam contigo agora?

E: Ah, se eu não vou durante a semana ou no final de semana eles ficam loco. Imagina, um neto, né? É tudo pra eles.

P: Financeiramente agora como tu fazes. Teu marido trabalha?

E: Trabalha. Trabalha lá na 4ª linha. E bah! Ta ótimo. Eu por enquanto não to trabalhando. Porque ele ainda ta pequenininho. Mas, no caso se fosse por mim eu já

taria trabalhando. Dava um jeito. Pedia pra minha irmã cuidar dele pra mim. Mas, meu marido não quer porque ele é muito novinho. Então daí...

P: E o estudo não vai terminar?

E: Já terminei.

P: Ah, já terminasse o 2º grau.

E: Na metade da gravidez mesmo eu voltei a estudar e terminei. Daí eu fiz o SEIGI aqui no Frasseto e terminei. Assim, não foi muito por mim, no caso foi meu marido que me pediu para fazer. Muitas vezes eu ficava em casa, não ia para o colégio e ele brigava comigo... Querida.. porque ele é formado também. Então ele queria que eu terminasse. Então daí, bom eu só tenho a agradecer a Deus ter botado ele e meu filho no meu caminho.

P: Hoje em dia pro trabalho, o estudo ele é muito importante, né?

E: Prá vê ele é formado em mecânica e lá onde ele trabalha, ele não é bem pago pra o que ele faz, entende? Ele ganha bem, assim pra nois assim dá e até sobra, mas sempre bom assim ganha mais porque...

P: Sim, provavelmente vai querer aumentar mais a família? Risos

E: Não, não.

P: Um ta bom?

E: Chega. Um só já da um trabalhão.

P: E se for te comparar com antes de ficar, ser mãe e agora?

E: Ah, mudei cem por cento.

P: Pra melhor, tu achas? Tu és mais feliz agora?

E: Bem mais.... Porque sei lá antes como eu era mais excluída, ficava mais no meu canto. Sim saía, me divertia, mas não era a mesma coisa. Assim eu ia tipo dança, eu tava feliz lá. Eu chegava em casa já era complicação. Aí tinha os problema lá dentro de casa. Se eu tava fora de casa era outra coisa. Agora se tu volta pra dentro de casa com os problemas que tem dentro de casa é pior ainda. Então mudou completamente, mente para melhor.

P: Que bom.

E: Claro tem as brigas, né? Mas, isso é normal.

P: Com teu, marido?

E: É briguinhas, ciúme, bobiça, mas sempre tem.

P: E o menino. É menino? Ele participa bastante dos cuidados com o bebê? Consegue trabalhando fora?

E: Bem dizendo assim. Quando eu ganhei ele, com o eu fiz cesárea, quem cuidou dele foi meu marido. Porque daí eu não podia me levantar, tudo aquilo. Foi ele que deu banho. Eu não trocava ele. Tinha medo, do umbigo dele, não tem? Segurar ele. Tinha medo. Era ele que dava banho, que trocava a fralda. De madrugada, 5 dias mesmo que o bebê não queria dormir.. Era ele que ficava em pé, acordado fazendo o menino dormir.

P: Depois ia trabalhar?

E: Depois ia trabalhar. Ela me ajudou pra caramba. Ele e a .. Porque nos morava ali atrás da casa da minha sogra, no caso, né? Quando agora como eu fui pra lá casa da madrinha dele, então ela me ajudou pra caramba... Minha mãe ficou mais por fora porque ela trabalha direto não tem com o ficar comigo. Mas, quem me ajudou bastante foi minha sogra, meu marido.

P: E o apoio para a amamentação também, todas as pessoas te davam isso também?

E: Todo mundo dizia que eu tinha que dar de mamar, mas como ele não queria.... Eu falo..ele não quer, vou fazer o que.Vou ficar obrigando, vou deixa ele morre da fome?Não posso. Tenho que da algum tipo comida pra ele, pra ele pode se alimenta.

P: Huhumm..

E: Então daí pronto já comecei a da nestogenio, depois já não queria toma o nestogenio, daí a gente já tentou outra coisa. Daí, agora ta um gordo.

P: Lá no hospital, quantas horas depois eles trouxeram pra ti amamentar?

E: Ah eu não porque depois da minha cesárea fiquei um tempão na sala de recuperação. Não sei te dizer quanto tempo eu fiquei lá. Daí eu desci já era quase uma hora..

P: Teve algum problema na cesárea.

E: Não é porque eu tinha que ficar lá em cima. Ninguém me falou nada. No caso a minha gravidez não era nem pra ter sido cesárea. Era para ter sido parto normal, mas na hora não sei o que aconteceu e me levaram para fazer cesárea.

P: No caso, tu estavas em trabalho de parto e...

E: Foi assim oh. Um as quatro horas eu comecei a ter as contrações. Aí eu peguei fui para o hospital, né?Cheguei lá era umas quatro e meia, mais ou menos .Daí cheguei lá tinha dilatação, tudo certinho. Tinha uns dois dedos parece se não me engano. Daí já fiquei no quarto. Só que eu sentia as dor e tudo e quando foi mais ou

menos umas sete horas da manhã, a enfermeira pôs o soro em mim, né. Aí foi quando eu consegui dormir um pouco. Daí a hora que eu acordei que elas me chamaram elas me pediram pra mim trocar de roupa de novo e me levaram para a cesárea. Só que eu achei uma coisa assim tão errada que eles não visaram pra ninguém que eu ia fazer cesárea. Meu marido ficou super brabo porque podia ter acontecido alguma coisa e ninguém ia sabe nada.

P: Sim

E: Então eu achei errado assim.

P: Perguntastes e não te disseram?

E: Assim não deu nem tempo assim, e eu não agüentava mais, né. Desde as quatro e meia. Ganhei as nove e vinte e um. Fiquei no hospital um tempão... já detesto hospital. Não gosto muito. Nunca fiquei internada nada, agora ter que ficar um tempão.. não sô muito chegada a médico.

P: E assim de mamar mesmo ele ficou a ficar quantos dias? Só mamar no peito?

E: Só mamar, uns quinze dias. Depois disso ele não quis mais.

P: E mesmo assim tu ainda tens leite?

E: Agora secou, mas até o mês passado eu ainda tinha.

P: Ele está com que idade agora?

E: Agora ele está com dez meses

P: Dez meses! E aí tu fazias o que com o teu leite?

E: Não fazia nada. Não sabia o que fazer, daí como tinha muito as vezes vazava, não tem..Quando eu vim do hospital, mesmo era três vezes maior, isso aqui(mostra a mama), não tinha como tira do peito. Tinha vez que eu tinha que bota ele no peito e ele só chorava.

P: Só chorava!

E:Chorava.

P: Tirava e dava de copinho...

E: Cheguei a tirar, mas, ele não tomava. Daí ele não quis. Daí eu também não sabia o que mais fazer, né?Daí a gente começou com a mamadeira, né? Deixa ele passa fome também não dá, ne?

P: E tu sabes se tua mãe te amamentou?

E: Acho que não sei, acho que sim. Nunca perguntei para ela

P: A maninha foi amamentada, foi bastante tempo?

E: Acho que sim, não lembro.

P: Ela tem que idade agora?

E: Ela tem 15

P: Então de diferente mesmo na tua gestação, foi o fato de não ter escolhido ficar grávida...

E: Minha gestação foi assim por acaso

P: Não tava tendo nenhum tipo de cuidado?

E: Não porque foi assim oh!. Foi um caso de um descuido. Porque era usado camisinha direto, não tem. Mas nos bobiemo uma vez, uma vez....Eu uso anticoncepcional e as vez camisinha e tudo. Mas normalmente eu venho pega camisinha no posto e nunca tem. Daí eu fico tomando só anticoncepcional mesmo.

P: Já melhorou agora, já vai querer outro bebê.

E: Não, por enquanto não...estamo bem nesse momento. Com outro agora não dá.

P: Quando tu estavas na escola tu pretendia ter filho com que idade, assim?

E: Na verdade eu não pretendia nem casar.

P: Mesmo namorando?

E:Mesmo namorando!!

P: Tipo tu tinha tido um namorado antes do marido?

E: Certo, mas casa. Nem casa nem te filho não passava na minha cabeça. Primeiramente era assim oh..eu queria terminar meus estudo e se fosse possível fazer um curso de teatro e tv, mas também não deu..então...agora... é só sonho.. (riso) silêncio

P: Mas às vezes o sonho a gente consegue realizar Tem o apoio de teu marido, da tua família, né? Tu és muito nova ainda, tem muito pela frente.

E: Mas agora eu..

P: Começaste a ter relações com que idade?

E: Eu, com16

P: Foi mais tarde até, perto do que a gente vê hoje, né?

E: uhum. Vou até .. porque assim tem bem mais nova que eu que já tem filho de 4 - 5 anos. Tipo minha mãe engravidou com 14. Meu pai inda falou pra minha mãe que eu tinha mais cabeça do que minha mãe.No caso porque ela fugiu com 13.. com 14 anos ela tava grávida.

P: Ela também tinha passado por uma história de fuga?

E: Acho que sim. Se não me engano ela fugiu com meu pai, não sei muito bem. Só que esse outro filho que ela teve..

P: Pra onde tu foste quando fugiu?

E: Eu? Fiquei escondida na casa da minha amiga (risos)

P: Quanto tempo?

E: Fiquei uma semana mais ou menos. Mas foi rapidinho. Passou rápido. Ah tem que ter um pouco de aventura na vida da gente porque senão..Agora já é passado. Cheguei até depois fui para Foz de Iguaçu na casa de minha madrinha, fiquei um tempo lá com ela. Depois voltei depois de 5 meses. Foi bem bom. Foi uma experiência.

P: Os estudos, tu tinha parado nessa época?

E: Tinha parado daí. Depois eu vim, voltei. Quando engravidei parei.. depois voltei de novo. Daí terminei. Ele queria que eu estudasse. Porque se fosse por mim eu já nem ia mais, porquecomo tinha que descer o morro, doía as minha perna.

P: Moravas longe da tua escola?

E: Pertinho, mas....(riso). Mas é que tem um morro ali pra descer e eu tinha uma preguiça para descer de descer o morro. Porque muitas vezes ele me acostumou mal. Me acostumou a andar de carro. Daí eu ficava com preguiça de ir pra o colégio. Daí muitas vezes ele me levava, muitas vezes eu ia de a pé, mas ia no empurrão pro colégio Outras vezes eu tinha que ir pro hospital e a professora me ajudou bastante, também.

P: E as pessoas que tu conheces que tiveram filhos, conseguiram amamentar?

E: Conseguiram. Tem agora minha prima ganhou, acho que faz uns 4 meses que ela ganhou e, a minha outra prima que teve gêmeos consegui dar.

P: Que idade tem as gêmeas?

E: s gêmeas tem uns três ou quatro anos mais ou menos. Bem lindas..

P: Ficou triste por não poder amamentar? Qual o teu sentimento assim em relação a isso?

E: Não fiquei tão triste, porque assim se ele não quer, ninguém pode obrigar a fazer uma coisa que ele não quer.Desde criança começar a obrigar não.... então fiquei nem um pouco triste.

P: Porque tu achas que ele não quis?

E: Não sei.. acho que sei lá porque era muito fraco pra ele.Não sei te explicar

P: Na gravidez não tivesse nenhum momento de arrependimento.

E: Não

P: Nenhum pouco?

E: (silêncio) Nenhum pouco. Porque conheço pessoas que chegaram a tira quando souberam que estava grávida. Sim não vou menti, assim passou pela minha cabeça no momento que descobri que estava grávida. Porque, sei lá, fiquei com medo do meu pai e da minha mãe. Mas depois conversei com L. meu marido daí a gente decidiu que não. Já que fez a burrada, assumi. Então foi que a agente conversou com meus pais, pais dele..... E tá aí, bem lindo

P: Tu não sabias nada sobre nenê?

E: Não até sabia porque eu ajudava... eu cuidava da afilhada da minha mãe. Eu cuidava dela. Daí já entendia mais, não tem..

P: E o Leandro também?

E: O Leandro, o Leandro meu marido ele criou os dois irmãos dele;

P: Por isso ele sabia cuidar do filho?

E: Pois é, os dois irmão mais novo dele, no caso ele tem três, mas os dois mais novo, quem criou foi ele, porque a mãe dele trabalhava e era ele cuidava. Bem disse foi ele que cuidou do I. porque eu tinha medo de cuidar dele. Mesmo sendo meu, eu gostava do filho dos outros no caso, mas no meu eu ficava com medo.

P: Huhumm.

E: Não assim com medo, mas por causa do umbigo, todo o cuidado que tem que ter Assim no caso quem cuidava era ele. Às vezes a minha sogra.

P: E tu cuidas dele agora sozinha?

E: É...

P: Tu se dedicas o dia inteiro pra ele? Fica sozinha com ele dentro de casa?

E: É fico sozinha com ele. Porque umas três horas o L. já tá em casa. Ele trabalha das cinco as três. Eu passo mais com ele, né?

P: Sai muito com ele?

E: Mais ou menos. Porque assim, lá onde eu to não tem muito lugar pra ir. Mas quando nois morava aqui, eu ia na casa da minha mãe, pra casa da madrinha dele. Daí eu não parava, porque aqui tem um monte de parente meu. Daí eu saía bastante, mas lá é bem difícil. Não tem muito lugar pra ir lá.

P: E festa agora pra dançar não sai mais?

E: Saí, a minha sogra fica com ele, a minha mãe. Porque ele é mais acostumado com minha sogra do que com minha mãe. Então sempre mais eu deixo com ela e lá

no caso tem mais criança. Ele gosta de criança. A gente sai, vou dançar. Várias vezes ele fica ali só por ficar mesmo. Porque daí ela pede.

P: E tu pensando em trabalhar agora? Em que?

E: Em que não sei!! Porque no caso eu não sei nada. A única coisa que eu trabalhei foi de babá. Então exatamente não sei. Até minha sogra falou que vai conseguir um emprego na radical, ela trabalha lá, mas provavelmente agora não. Vou esperar ele fazer um ano

P: E par ele o que tu pretendes, pra vida dele, pensa em alguma coisa pro futuro dele?

E: Por enquanto ainda não penso nada. Deixa mais pra frente, né? Porque agora não adianta a gente fica desenhando o futuro dele. Tem que esperar ele crescer, não é só pela gente, também é por ele. A gente é a gente. Mais é ele.

P: Porque essa dificuldade que tu tinhas quando adolescente também tinha quando era criança?

E: Não quando eu era criança.. o que mudou assim depois no caso quando adolescente porque...

P: Talvez mais tu tenhas mudado do que eles próprios, né?

E: É o mais provável, né?

P: A gente que é enquanto adolescente um pouco intolerante, né? Depois a gente vê que eles não mudaram..

E: É...

P: Que eles ficaram iguais..

E: É assim no caso eles cobravam muito de mim, tipo ...ah....a minha mãe trabalhava fora , meu pai trabalhava fora, meu irmão trabalhava fora, ficava eu e minha irmã em casa então a responsabilidade era minha. Eu tinha que cuidar dela.a casa eu tinha tudo pra fazer.Aí ela me ajudava, não tem, ela já entendia as coisas. Muitas vezes ela fazia as coisas errada e sobrava pra mim. Então era assim, uma coisa assim...Muita vez eu não entendia porque ela me tratava daquele jeito, mas mãe e pai vai fazer o que. Sei lá durante a minha gravidez cheguei a brigar com a minha mãe e meu pai mas..... mas nada que uma boa conversa não resolva. Mas agora ta tudo em paz.

P: E eles reconheceram depois tudo isso? Não reconheceram?

E: Muitas vezes eles falam que que eles foram muito rudes comigo.Mas hoje eu não tenho mais nada pra reclamar deles. O que é passado é passado

P: Eles são jovens?

E: Minha mãe tem 36 e meu pai deve ter uns 40.

P: Bem jovens. São uns meninos ainda. E, lá no hospital assim, quantas horas após eles trouxeram o teu bebê. Chega a se lembrar?

E: Só cheguei no quarto, me botaram uma túnica e já trouxeram.

P: E tinha se passado quantas horas, tu achas? Quatro horas?

E: Acho que sim, né? Porque eu fiquei um tempão na sala de recuperação. Não tinha relógio, não tinha nada.

P: E conseguiu amamentar naquela vez?

E: Amamentou certinho tudo. No caso elas só traziam pra mim pra mim amamentar ele. Daí não tinha como eu levantar pra trocar ele, nada. Daí não ficou comigo. Ficou no berçário. Daí no domingo ele passou a noite comigo. Daí ele começou a chorar não sabia mais o que fazer...daí eu levei ele de volta lá no berçário porque eu fiquei com medo sei lá..

P: E nesse período ele se adaptou bem ao peito?

E: quando eu tava no hospital ele tava mamando normal. Aí quando eu acho talvez ele estranhado o lugar que ele tava, no caso em casa, foi quando ele não quis mamar.

P: E vocês davam um bico, chazinho o que era pra acalmar?

E: Muitas vezes a gente dava o leite, né ou chazinho de camomila

P: Mas, nestes quinze dias foi só o peito, nem bico nem chá?

E: Só o peito, Sim bico foi dado mas ele não pegou. Quando pequeno porque agora chupa bico. Que ele era assim , botava na boca dormia soltava, jogava. Era só para dormir.

P: E na aula, os teus colegas o que achavam da tua gravidez?

E: No caso eles eram bem mais velhos do que eu. Só tinha duas ou três da minha idade, mais ou menos.

P: Ah é?

E: Era o Seige. O Seige era pessoas mais velhas. Conversei com a professora. A prima de meu marido estudava ali ai conversei com ela e ela deixou eu fazer. Foi onde eu terminei. Mas não, todo mundo gostou ... Depois que eu ganhei mais duas ficaram grávidas. Tinha um rapaz que a mulher dele estava grávida que ganhou uma semana antes de eu ganhar. Ele até perguntava pra mim como estava meu filho. Daí a gente fazia comparação. Bem legal. Ninguém falava nada. Tudo gente boa.

P: Durante todo esse período que tu tiveste, chegastes a refletir porque não tinha conseguido. O que tinha acontecido entre vocês dois, tu e teu filho que ele não pode se beneficiar com o teu leite. O que tu pensavas o que tu raciocinavas sobre isso?

E: Ah eu já nem tentava pensar porque .. porque se eu fosse parar, me descriminar porque ele não quis mamar daí eu ia ficar pior ainda, então eu tentava...ah .. se ele não quis vou fazer o que?Se ele não quis vamo deixa , vamo da o que ele quer. Porque se eu ficar botando na cabeça que a culpa foi minha vai ser pior ainda pra mim. Quem sabe no próximo que eu tive...

P: E o outro leite ele aceitou sem rejeitar, sem chora?

E:Sem chora. Tomou, dormiu a tarde inteira. Depois daquele dia a gente passou pro outro leite.

P: Tu te mudaste pra cá com teu marido depois que vocês casaram?Foram morar juntos depois da gravidez em seguida?

E: Sim, depois que nós contamos pra minha mãe e meu pai ,daí mesmo dia bem dizer peguei minhas coisas e fui pra casa da minha sogra Daí fiquei uns quatro cinco mês na casa da minha sogra. Daí a gente tava construindo atrás da casa dela. Daí passamo pra casa de trás.

P: Agora tu tens a tua casa?No mesmo pátio, mas a tua casa?

E: É minha depois ninguém pode falar nada. Minha e dele. Não pode nem se mete. Primeiramente a gente não ia fazer ali. Foi eles que insistiram. Então eles não tem o que reclamar.

P: Huhum...

E: Ao menos eu penso assim.

P: Tu te da bem com a tua sogra?

E: Tivemo nossas brigas, tudo..mas...É assim como é filho dela ... que protege ele,né. Que cuida da vida dele. Como minha mãe faz com a minha, mas isso a gente resolve...

P: Não sei se tu queres dizer mais alguma em relação a tua vida, pode ser coisa boas coisas ruins que te relacione assim como mulher, que hoje em dia tu já não és mais a mesma G. de antes de dez meses atrás, né?Completamente transformada em G. agora responsável..

E: Bem responsável

P: Mãe de uma criança pra toda a vida, né , porque não vai deixar mais de ser mãe...

E: Ah acho que já falei tudo....Tudo que eu tinha pra contar eu contei.Bem dizer eu contei minha vida toda....

P: Estava um pouquinho nervoso no começo?

E: É que eu sou meia fechada assim pra falar, meia tímida, mas...

P: Mas quem quer trabalhar na televisão tem que ser mais..(risos).

E: É que eu acho engraçado pois se for pra mim apresentar um teatro, tudo..

P: Já fizesse teatro?

E: á. Sou bem envergonhada assim no começo, mas conforme vai passando .. passa a vergonha...

Segunda entrevista – E. 21 anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

E: Ahh! A minha vida desde o começo eu tive muita confiança na minha mãe, assim, porque eu sou filha adotiva, então sempre tudo que eu queria eu tinha, minha mãe sempre me deu uma boa educação, sempre tive assim... estudo, tudo que eu pedia sobre estudo, coisa assim, toda vida ela sempre me deu. Ah... que mais assim que eu posso te dizer...

P: Fosse adotada com que idade?

E: Com três dias de vida.

P: Três dias...

E: Três dias de vida eu fui adotada. É... a minha mãe sempre me quis muito bem né, sempre teve muito ciúma até mais de mim não sei... do que... assim, sempre cuidou tanto de mim assim. Eu casei nova, casei com 15 anos.

P: 15 anos...

E: 15 anos. Faz 6 anos que sou casada. Pois é... é isso (riso envergonhado)

P: E tu conheces a tua mãe biológica?

E: Conheço, eu conheci a pouco tempo, a uns dois meses atrás. Conheci ela... Foi até por vontade minha, minha mãe também perguntava se eu queria ir, nunca me interessei. Aí depois que eu tive a minha filha né... Eu comecei a pensar... Fui lá conheci ela e não... sei lá... não, não... tenho maga, nada. Fui lá, conheci ela direitinho, conheci a família do lado de lá e... é isso.

P: Até então assim, você teve uma infância feliz, assim...

E: Criança feliz.

P: Foste criada junto com as filhas biológicas da tua mãe?

E: Junto com as minhas irmãs.

P: São quantas assim...

E: São... tenho mais 4 irmãs.

P: Aí... irmãs biológicas mesmo da tua mãe?

E: Biológicas.

P: Então a tua juventude... Então, quer dizer, de início passou pouco tempo e tu já resolveu casar?

E: Já resolvi casar.

P: E isso foi espontâneo assim... ou foi mais...

E: Foi espontâneo

P: Não chegasse assim a ter aquelas fases da adolescência assim... de passear...

E: Não! Passeei bastante... tinha coisas assim da igreja, retiro, essas coisas assim da igreja, retiro, essas coisas assim eu ia ne, passeei bastante, me diverti bastante.

P: Qual igreja tu freqüenta?

E: Assembléia?

P: Teu esposo também é de lá?

E: Não. Meu esposo é católico, só que ele vai comigo, ele freqüenta, ela não liga de eu ir.

P: Conheceste-o fora das igrejas...

E: Fora da igreja, daí ele foi na igreja comigo, ele vai de vez em quando.

P: E antes dele não tinha... não deu tempo de ter outros namorados?

E: Não, paquerinha só né, de adolescente.

P: E namoro foi ele só

E: Foi só ele

P: Isso é raro. Então, já estamos então na fase da E. já casada.

E: Da E. casada, uhum.

P: O que assim, tu tens pra me revelar? Assim da E. casada, da E. grávida. Quanto tempo depois tu ficaste grávida, 6 anos depois, 5 anos depois?

E: 4 anos eu acho, depois, não foi, na verdade nem fez 6 anos ainda de casada.

P: Vocês usavam métodos para prevenir a gravidez?

E: Isso... Não, sempre me cuide, só eu sempre tive aquela vontade de ter um filho, sempre tive toda vida na minha cabeça. Toda vida tive vontade, toda vida, e... toda vida pensava, e eu tinha na minha cabeça, não sei porque, que eu ganhar uma menina. Eu tinha aquela vontade de ter um filho, de ter um filho... eu queria saber o que era ter um filho, o que era um parto. Nossa quando eu soube mesmo que eu tava grávida eu fiquei...

P: Aí vocês combinaram de engravidar.

E: Aham, combinemos, nós combinemos de engravidar, de ter um filho, até assim no começo assim ele não queria muito. Ele... vamos esperar mais um pouco, mas aí de tanto assim eu querer, conversar com ele. Assim a gente já tem as coisas da gente, tamu trabalhando, eu to com vontade de ter um filho, conversemos, daí ele aceitou. Aí combinemos, com o tempo, mas foi difícil pra mim engravidar, foi difícil, mais de um ano.

P: Tu usavas método anticoncepcional de pílula?

E: Aham, pílula, assim e nos períodos eu me cuidava com preservativo.

P: E mesmo interrompendo o organismo não engravidou logo em seguida.

E: Não engravidou em seguida, mas a hora que fiquei sabendo que tava grávida fiquei bem contente, taí né, minha filhona.

P: E ele assim gostou da idéia?

E: Nossa, quando ele ficou sabendo que eu tava grávida, pronto né, no começo assim ele não queria muito. Depois que eu engravidei ele aceitou, queria, nossa... era tudo pra ele.

P: E a gravidez como é que foi?

E: Foi tranqüila. Não sei assim o que é um... como eu vou dizer... ãhh, aquilo que as mulheres sentem... azia. Não tive azia. Tive enjoô só de manhã cedo. Só quando eu me levantava depois não tinha mais, não tive assim uma vontade de comer, assim como as mulheres têm, não tive, foi uma gravidez bem tranqüila.

P: E tu trabalhavas nessa época?

E: Eu trabalhava assim na minha irmã, lá na M.

P: Ah sim cuidava dos sobrinhos...

E: Aí depois eu parei, assim quando eu fiquei bem gordinha eu parei, foi uma gravidez bem tranqüila.

P: E tua experiência com crianças, tu já cuidasse deles desde que nasceram?

E: Desde... aham

P: Sabia tudo sobre bebês...

E: Já, já... sabia a prática.

P: Só não sabia de meninas... Todos eram meninos, lá na tua irmã.

E: É verdade.

P: E foi diferente cuidar de menina?

E: De menina assim é diferente no fato assim de limpar ela, na higiene, mas não é assim... tem que saber assim as manhinhas dela, mas não foi assim tão difícil.

P: E a gravidez assim na questão saúde orgânica foi assim tranqüila, não teve nada assim de anemia, infecções?

E: Ela?

P: Você.

E: Não eu não.

P: Teve ela com nove meses?

E: Ganhei com nove meses certinho, bem certinho minha gravidez.

P: E lá, ficou bastante tempo no hospital, ou em seguida... foi parto normal?

E: Foi parto normal, no outro dia eu já sai, bem tranqüilo foi.

P: E em relação à amamentação? Como foi assim amamentar?

E: A amamentação assim, até eu queria dar, mas sei lá ela chorava, na hora que eu colocava ela no peito, não sei se é por que eu ficava nervosa e o leite, claro, no começo não ia descer tanto daí ela chorava, queria mamar e eu ficava nervosa, não conseguia dar direito.

P: E lá no hospital como é que foi ela mamou?

E: Mamou, as enfermeiras me ajudavam, elas iam lá, eu não tava conseguindo dar direitinho ia lá me ajudavam, me acalmavam, acalmavam a menina, muitas vezes... eu dei no hospital, dei um pouco quando na mãe, quando eu vim pra casa da mãe, e fui dando.... Até no começo eu dei um pouco, só porque eu fui introduzindo com outro tipo de leite né...

P: Com quantos dias assim você já...

E: Com dois dias de vida...

P: Dois dias...

E: Com dois dias eu já dei o outro leite, mas continuava dando o do peito, dava o outro leite e dava o do peito, eu continuei dando o peito acho que uma semana de vida pra ela, eu dei ainda o leite do peito. Daí eu vi assim que já tava pouquinho e eu via assim que eu não conseguia, não tinha prática, ai desisti.

P: Tua mãe te ajudou nesse período também, ela amamentou, no caso, as outras irmãs?

E: As minhas irmãs elas me ajudavam também.

P: Elas amamentavam os filhos delas?

E: As minhas irmãs sim. A M. né, amamentou um pouco. Amamentou um pouco, no caso, pouco tempo também. A M. amamentou pouco tempo, porque depois ela se operou, teve que voltar para o hospital, aí teve que introduzir outro leite... e eu foi por isso também, sei lá...

P: Tu saíste do hospital e foi pra casa da tua mãe?

E: Vim pra casa da Mãe.

P: E o apoio dela assim, ela te ajudava... ou ela logo incentivou a dar outro leite?

E: Ela ajudava, até não queria dar muito o outro leite, ficou com medo de dar, mas aí ela viu que eu não conseguia, eu tentava, tentava, mas eu ficava nervosa, tinha pouco leite, daí o neném chorava...

P: Tu ficavas nervosa por causa de que? O que tu imaginavas? Porque ela nasceu com um peso bom né?

E: Nasceu com peso bom, mas aí eu pensava: aí meu Deus, essa menina vai ficar com fome e eu não vou conseguir dar leite pra ela, não sei... Daí não descia mesmo o leite, tanto que aquele dia eu até vim aqui no consultório tentei dar de mamar tudo, tinha bem pouco leite.

P: O marido orientava, ajudava, tentava acalmar?

E: Tentava, ele queria nossa, que eu desse de mamar, até hoje eu ainda penso se eu tiver outro filho, nossa, vou tentar mais do que eu posso, vai ser só leite materno mesmo...

P: Você se sentia cobrada pelas pessoas também ou só...

E: Pelas pessoas, principalmente pela família dele, nossa, a família dele pegava muito no meu pé, chegava ali... dá de mamar pra tua filha, dá de mamar pra tua filha.

P: Mas o incentivo era só assim, verbal, eles só te mandavam dar, não ajudavam?

E: Mandavam eu dar, não... não ajudavam, tentavam, falavam, dá de mamar porque não sei o que, é o melhor leite, falavam, falavam, falavam, aí eu já tava ali tentando, eu ficava nervosa porque eles ficavam falando, aí mesmo que eu não conseguia, o leite não descia...

P: O leite não descia...

E: Não descia, daí ela chorava, tentava botar a boquinha ali.

P: Aí ela já com fome...

E: Já com fome e aí eles ali falando. Aí eu ficava nervosa né, daí não descia o leite.

P: E em outras situações assim, de doença dos sobrinhos, por exemplo, que tu ficavas nervosa rapidamente ou... só com a tua filha, assim...

E: Não. Só com a minha filha, porque com os meus sobrinhos assim, foi difícil, eles ficar doentes, assim comigo, coisa assim.

P: Porque tu parecias assim quando trazia aqui eles, que era tranqüilo assim...

E: É tranqüilo, assim, só que com ela, ela queria mamar que tava com fome e eles começavam: ah, não dá outro leite, dá o leite do peito, tenta, não sei o que. Eles começavam a falar e eu começava a pensar: ai meu Deus do céu vou ter que dar de mama, vou ter que da de mama e eu não conseguia...

P: E tu dizias isso pra eles?

E: Eu dizia, gente mais não sai leite olha aqui. Aí eu espremia, espremia, mas não saia, saia só aquela aguinha, mas só que eles continuavam falando, mas tenta, tenta mais um pouquinho, arruma ela. Falavam, falavam, mas eu não conseguia.

P: E quanto que tu ficaste com o leite assim ainda, quanto tempo?

E: Bem pouco tempo...

P: Pouco tempo...

E: Pouco tempo.

P: Depois que ela introduziu o outro leite... Qual foi o leite que tu desse?

E: Tirol

P: Tirol, ah foi leite de caixinha desde o começo?

E: Foi leite Tirol de caixinha desde o começo.

P: Desde os primeiros dias?

E: Desde os primeiros dias. No começo até a mãe botava um pouquinho de água junto com o leite, que ela ficou com medo de dar o leite puro, mas desde o começo foi leite tirol.

P: E ela não ficou doente por causa disso?

E: Não, por causa disso não. Até quando eu tava dando de mamar ela não dormia, chorava a noite inteira direto porque ela queira mamar, mas aí eu não tinha leite, a mãe dava chazinho, coisa assim. Daí depois que eu dei leite Tirol, ela dormiu assim, sustentava, não sei, se sustentava, ela dormia bem... não chorava, não dava cólica.

P: Voltou há trabalhar quanto tempo depois que ela nasceu?

E: Voltei a trabalhar agora, faz 7 meses, fiquei, bastante tempo com ela, tanto que quando eu voltei a trabalhar a primeira pessoa que ela ficou ela chegou a ficar doente.

P: Não tava acostumada?

E: É... fiquei muito tempo assim só eu e ela.

P: E agora consegue trabalhar tranqüila?

E: No primeiro dia assim que eu voltei a trabalhar que ela ficou em casa com a minha vizinha da frente, que eu cheguei, que ela tava assim com o olhinho assim todo inchado, com o rostinho todo vermelho, chorando... eu comecei a chorar e assim R. eu não vou mais trabalhar, eu não vou, eu disse que eu não ia mais, que eu não ia, porque imagina né, ela ficou doentinha né, ela começou a chorar, chorar, o olhinho todo inchado eu disse: ah, eu não vou mais trabalhar. Eu comecei a chorar junto a dizer, eu não vou, eu não vou...

P: Mas daí depois foi?

E: Consegui, a mãe fez uma forcinha, não vamu ver comigo... E aí com a mãe ela não chorou, ela se deu, daí a mãe: o teu serviço é pertinho de casa, vai, tenta mais um pouco, se a gente vê que ela não consegue mesmo, aí tu sai.

P: Tu moras perto então...

E: Moro pertinho.

P: E agora ela está na creche?

E: Não, ela tá com a mãe, botei ela na creche só que ela não se deu.

P: Porque ela ficou doente a partir de que idade que ela começou a ter infecção urinária? Foi à primeira patologia que ela teve, foi à infecção urinária, assim não teve...

E: Foi... foi a infecção urinária e a anemia né...

P: Foi com quantos meses?

E: Acho que foi com o que, com sete meses.

P: Sete meses...

E: Foi, a época que eu botei ela na creche, que foi descoberta que ela tinha infecção urinária, até que tinha que limpar bem uuuu... né

P: Sim, sim, antes disso, ela desenvolveu...

E: Não, humm... nossa, veio saudável, só cuidava assim era uma gripezinha, mas a única coisa que eu descobri nela assim foi a anemia e a infecção urinária.

P: E o fato assim de tu teres sido adotiva, no caso, não o fato de ter sido adotada e sim, vamos dizer, abandonada pela tua mãe biológica, hoje em dia tu encara isso normalmente?

E: Normal.

P: Conversasse com ela sobre isso?

E: Ahamm

P: Com tua mãe biológica ou só com tua mãe adotiva?

E: Não eu conversei com ela tudo

P: Ela chegou a te falar porque ela te deu?

E: Porque não tinha condições mesmo de criar, tanto que com três dias de vida a minha mãe chegou lá, essa minha mãe, foi me buscar lá e eu tava tomando café preto com óleo de rince, porque não tinha nada pra me dar, ela me dava café preto, aí no caso a mãe da minha mãe verdadeira, a minha vó, ela foi lá e falou pra minha mãe, que a minha mãe tinha uma amiga.

P: Ela conhecia?

E: Isso conhecia da igreja e aí foi onde a minha mãe me pegou, porque a minha mãe ficou com dó né.

P: Sim

E: Daí me pegou, mas eu conversei com ela tudo certinho. Ela disse se ela tivesse condições ela não tinha me dado.

P: Mas com três dias ela não tinha leite também pra te dar?

E: Não, muito fraco, eles são muito pobre lá.

P: Onde é que eles moram?

E: Ali no banhadinho.

P: Aqui em Criciúma?

E: É ali no São Defende, pra lá.

P: Tem vários irmãos?

E: Tenho bastante, só que eu não conheço, conheço só duas irmãs.

P: E não se interessou de conhecer essa família depois?

E: É... Eu até disse pra eles que eu ia voltar, vou conversar com eles certinho, vou conhecer a família.

P: Esse fato assim no teu pensamento, tu acha que teve alguma influencia assim, de ter ficado muito nervosa, não ter conseguido amamentar?

E: Não eu acho que não.

P: Deixa-me perguntar melhor. Quando tu ganhaste o teu bebê, tu já conhecias a tua família?

E: Não. Eu conheci, faz uns dois meses a minha família.

P: Porque tu sabias que tu tinhas sido doado.

E: Sabia, soube desde pequena. A minha mãe nunca escondeu de mim.

P: E no fato assim de tu ficares com medo de ela ficar com fome, no teu íntimo não teve relação nenhuma?

E: É... Pode até ser né.

P: Se tu pensaste sobre isso até..

E: É eu sempre me preocupei, meu Deus eu tenho que dar de mama, não posso né, deixa minha filha com fome, eu sempre coloquei isso na minha cabeça, tenho que dar de mama né.

P: Vinha na tua cabeça essa história

E: É a coisa principal né meu leite, meu leite que vai sustentar ela, ela é minha filha, é minha obrigação, tem que sustentar.

P: E vinha a tua história pessoal na tua cabeça quando tu pensavas sobre isso?

E: Às vezes

P: Às vezes...

E: Aham

P: E ela chorava muito... E ela tentava mamar?

E: Ela tentava.

P: Ela sugava, ela segurava o teu peito...

E: Ela sugava, aí ela via assim que saía pouquinho ela chorava, ela tentava abocanhar certinho, às vezes, às vezes eu até conseguia, eu dava de mamar, aí ela dormia um pouquinho.

P: Na realidade mesmo o teu leite não descia e ela queria?

E: Ela queria.

P: Aí o próximo já vai ter mais experiência, já vai saber...

E: Ah o próximo eu já vou...

P: Ficando nervosa, o leite pára de descer né. E isso não teve pessoas, ninguém te falou que funcionava assim?

E: Que ficando nervosa? Teve já pessoas assim que tinham me dito que se eu ficasse nervosa eu tinha que ir pra um lugar calmo tinha lido já em livros, eu lia muito que tinha que ir pra um lugar calmo, pro quarto, onde não tivesse crianças, mas

nunca, nunca, ficava assim, a não ser quando tava eu só lá na mãe, mas era difícil porque sempre tinha alguma visita da família dele.

P: Ah, muito importante, então foi bastante tumultuado no começo? Muita visitação, às vezes até aqui quando eu converso com as mães elas ficam achando graça mais é verdade.

E: Ah é, até eu li uma vez no livro que a mãe tem que pedir pra visita um instantinho e tem que ir lá pro quarto, ficar só ela e a criança, a hora da amamentação é sagrada.

P: E não conseguiu fazer isso?

E: Não, não consegui elas queriam ficar em cima, a vó magina, ficava direto, queria cuidar da menina, queria ficar pertinho.

P: E aí hoje tu, tu...

E: Hoje eu me arrependo né, eu queria ter dado... tentado mais dar o leite materno.

P: Ficaste arrependida? Do que assim tu dizes?

E: Ah sei lá, eu começo a pensar, porque às vezes até eu me culpo, será que foi erro meu eu, eu devia ter tentado mais dar o leite materno, porque magina né, esses leite aí... Ela podia tá parando agora de tomar o leite materno, como era devido, podia tá parando agora.

P: Tu achas que a prejudicastes em que sentido? Ela não ter recebido o teu leite materno?

E: Eu não sei... Anemia né, eu penso assim, na anemia, em tudo, podia tá...

P: Alguém já te falou isso, teus familiares que falam isso?

E: Principalmente a família dele.

P: A família dele...

E: A família dele ia direto em cima de mim, ah tá vendo, se a menina tivesse tomando leite materno não tinha dado isso. Daí chega a pensar né, bah...

P: Tu acreditas nisso?

E: Eu acredito, se eu tivesse dado... Claro, eu queria ter dado o leite materno, só que não consegui.

P: E hoje em dia tu trabalhas, vem pra casa...

E: Trabalho, venho para casa, cuidar dela.

P: Cuida dele...

E: Cuido dele...

P: Diverte-se também?

E: Se divertir, aham, tenho uns momentos de sair, se divertir, nos domingos que fiquemos só eu e ela em casa.

P: Ah é?

E: Só eu ela, que daí ele foi trabalhar fiquemos nós duas o dia inteiro.

P: Que ele faz o teu esposo?

E: Ele trabalha na farmácia, na farmácia, na drogaria

P: Aí ele faz plantão.

E: Aí às vezes ele faz plantão.

P: Aí você sai pra passear com ela?

E: Aí eu saio pra passear com ela, aproveito o tempo que eu tenho com ela, fiquei o dia inteiro, só eu e ela.

E: Freqüento, eu freqüento mais no domingo, ou na segunda a tarde, a noite, daí eu vou eu uso assim o tempo que eu tenho de folga na igreja, quando eu não estou trabalhando.

P: Vamos retornar lá quando tu eras criança eu fiquei curiosa em saber um pouquinho mais da tua infância.

E: Aham

P: A tua irmã então, quando... Era mais parecida por idade ou a tua mãe te adotou as outras filhas, a tua irmã...

E: No caso, a filha da minha mãe ali.

P: Isto, a que te adotou.

E: Era mais ou menos a minha idade, não assim, recém nascida?

P: É... No caso de brincar, de crescer junto. Que idade elas tem?

E: Não elas eram um pouquinho mais velhas elas já trabalhavam.

P: São quantas mulheres ali?

E: Quatro mulheres.

P: Ficou com cinco mulheres?

E: Cinco mulheres

P: Não tem nenhum menino?

E: Tem, tem, tem um, dois, três, quatro... tem cinco homens, só que um faleceu né.

P: Mentira, ah... Cinco mulheres contigo, e quatro homens e era pra ser cinco...

E: Quatro homens é era pra ser cinco.

P: Uma família enorme né.

E: Como era antigamente, dava pra ter né?

P: Grande mesmo... Aí tu te criaste com elas e brincava

E: Me criei com elas, brincava

P: Tu te recordas da tua infância assim com carinho ou...

E: Carinho, aham...

P: Tu tinhas as tuas coisas

E: Tinha as minhas coisas, sempre... Até elas dizem que, elas nunca tiveram assim o que eu tinha né, até elas davam tudo pra mim porque magina né, eu era pequena.

P: Protegiam-te?

E: Aham, porque nem eles achavam que eu ia vir ao mundo, porque eu era tão magrinha, tão miudinha, que quando ela deu a primeira mamadeira pra mim, eu fiquei assim bem vermelha, bem vermelha, que ela assim... Aí Paula, ela não vai essa noite. A mãe vai sim, eu vou cuidar dela, ela vai sim, ela vai se criar. Daí a mãe me levou no médico, o médico me deu todas as amostras né...

P: Tinha, tinha...

E: Me deu todas as amostras e a noite minha mãe vinha e de hora em hora, ia ali e cuidava de mim. Toda vida assim tive bastante carinho, elas toda vida assim me davam assim tudo que eu queria, davam uma confiança...

P: E na escola, não tivesse nenhum pré-conceito assim...

E: Ahh, na escola sim.

P: Sim? Dentro de casa não?

E: Dentro de casa não.

P: Rejeitavam-te assim...

E: Ah, toda a vida assim, porque eu era magrinha, coisa assim, eles toda vida pegavam no meu pé, coisa assim, ah, eu nunca liguei.

P: Estudasse até que fase?

E: Até quase agora no segundo grau.

P: Terminasse o segundo grau?

E: Não terminei o segundo grau, não terminei porque eu peguei no mercado né, eu engravidei aí eu parei.

P: E na escola sempre tinha discriminação...

E: Ah eles pegavam no meu pé.

P: Mas por causa do físico ou do...

E: Por causa do físico, alguns chegavam é verdade que tu és adotiva? Eu disse é... é verdade.

P: Aham.

E: Porque pra mim sempre foi uma coisa normal, eu nunca, nunca levei pro lado sério assim, nunca tive, que que tem que eu sou adotiva, ainda bem que eu sou adotiva, alguém, se eu tivesse na minha família mesmo eu não tava aqui hoje pra contar.

P: É isso é fascinante! As pessoas que tem o coração aberto, no sentido de criar né, adotar, e realmente adotar com carinho, não é só trazer para dentro de casa e dar comida, dar carinho, dar amor, dar atenção, toda essa necessidade que o ser humano tem né.

E: A minha irmã mais velha né, toda vida eu dormi com ela né, ela toda vida assim cuidou de mim, nossa, ela é minha segunda mãe pra mim. Tanto que ela me chama de filha. Vem cá com a mãe, tudo. Eu tenho duas...

P: Três mães...

E: Três mães agora, ela sempre me cuidou desde pequinhinha.

P: Aham.

E: Três mães...

P: E o teu pai, também te adotou...

E: Era, ele era bem novo agora.

P: Ela era viúva?

E: Não ele filha mais de cama né, ele é cego agora. No caso ela tem duas crianças pra cuidar né, meu pai e a minha filha.

P: Ele teve cegueira...

E: Ele teve glaucoma.

P: Oh olha só...

E: Ele teve glaucoma e assim como diz o médico as doenças dele são mais pela cabeça do que doença mesmo né, porque quando ele cisma... é criança porque no caso, meu pai ta doente, ela tem que ajudar ele no banheiro, dar banho, dar comida na boca, ele no caso, ele não enxerga.

P: E tu conviveste durante o período que tu moravas lá...

E: Não, quando eu morava lá ele enxergava, ele saia de casa, ele tinha o carrinho dele que ele saia.

P: Você resolveu assim, formar a tua família, no caso tão cedo? Tomasse essa decisão. Foi uma paixão arrebatadora? Porque assim as tuas irmãs casaram assim cedo na época?

E: Não só a mais velha, essa minha irmã que ta aqui, ela casou cedo. Eu casei cedo também, dexa eu ver, foi tipo assim, ele não era da igreja, daí a minha mãe, eles não queriam muito que eu namorasse com ele é porque se eu namorasse com ele, o pastor ia no caso, me colocar na disciplina. Não sei se você sabe que lá a disciplina?

P: Não

E: Tem a comunhão pros católicos, a hóstia né?

P: Sim...

E: O crente é um pedacinho de pão e um copinho de vinho, aí se tu faz alguma coisa de errado naquela religião ali, tu via pra disciplina, ficar um tempo indeterminado sem tomar comunhão.

P: Certo.

E: Se eu namorasse então, com um rapaz católico, como eu namorei, eu entrei na disciplina.

P: Aí sua vida ser também na religião.

E: Aí a minha mãe não queria então que eu namorasse com ele, porque não era da igreja, nós ia no caso, o pastor anuncia o nosso nome lá em cima, na igreja né, fala. E aí foi aonde, e ele queria namorar comigo tudo, ele ia também na igreja, só porque ele não ficou crente, foi onde eu fugi né, pequei e daí casei com ele.

P: Fugiu como? Fugiu de casa?

E: Fugiu... Fomos lá para o rincão, aí nós ficamos lá um dia, depois eu disse, ô mãe eu to aqui no rincão, to com o Rafael, daí nossa...

P: Com 15 anos tu tinhas...

E: Com 15 anos, ele tinha 18 e tamu até hoje. Ele toda vida trabalhou também.

P: Daí casou assim mesmo?

E: Aí casamos, no papel né, na igreja eu ainda não casei.

P: Foi de propósito essa fuga, pra poder casar?

E: Pra gente se casar né, porque se não, não ia ter como. E hoje a minha mãe disse: "se eu soubesse que tu gostava tanto dele, eu tinha deixado vocês namorar em casa".

P: Aham. E ele é jovem também.

E: E eu sempre dizia, mãe deixa eu namorar com ele. Ele pedia, quando eu fiz 15 anos ele mandou um buquê de flores me pedindo em namoro. Eu tapeava ela, conversava com ela, mas não tinha jeito. A mãe dizia não, não, porque nós vamos

pra disciplina, não sei o que, aí voltava... Mas agora, nossa, ele pra ela é como um filho.

P: Ele é moço Também?

E: Ele é moço também... Ele tem 23 anos.

P: Tu tens 21?

E: 21

P: Mais uma criança então.

E: Mais uma criança.

P: E a menina como é que chama?

E: R.

P: R., R. e ele também?

E: R. e ele R.

P: Que legal... Então a tua vida foi assim tudo muito rápido né.

E: Tudo muito rápido.

P: Nasceu rápido, encontrou tua família rápida. Nasceu rápido, namorou-se rápido. Só a gravidez que demorou né, foi programada...

E: Programada, demorou, custou.

P: Tem agora outra programação pra...

E: Não...

P: Ainda não...

E: Por enquanto não, pra minha casa agora, quer dizer, eu tenho né, mas eu quero fazer uma melhorzinha, construir, o nosso carrinho já tenho, só que eu quero batalhar por mais coisa né.

P: Aham. Eu gostei muito da tua casa, achei uma casa muito organizada. Você é uma pessoa... Vê-se que é uma casa feita com carinho. Porque foi uma parte da tua vida de uma forma carinhosa, tu tens as tuas coisas, mas, se tua não tivesse bem com ele, com certeza não poderia ter uma casa daquele jeito né.

E: Aham... faltaria né, é porque quando a gente quer a gente consegue né.

P: E os estudos vão parar?

E: Não, quero continuar de novo, quero continuar com os estudos, só que eu to achando meio difícil, porque eu trabalhar até as oito da noite né, só tenho folga na segunda e na terça a tarde. Aí eu vou ver como é que eu vou fazer, mas eu quero terminar o segundo grau.

P: Vai ter que mudar o horário com eles.

E: Tem que mudar o horário quero ver agora né, porque vai abrir um outro mercado vê se eu consigo mudar o meu horário pra mim voltar a estudar.

P: Teu esposo daria apoio?

E: Aham, ele daria apoio.

P: Ele tem que escolaridade?

E: Ele voltou também a estudar porque ele parou. Porque daí quando eu ganhei a menina ele também parou, então nós dois no Ceja, lá no centro. Nós dois...

P: Porque o Ceja?

E: O Ceja é um...

P: O que significa Ceja?

E: Ceja, deixa eu ver se me lembro... Aí, agora eu não me lembro...

P: Eu sei que é pra completar os estudos de quem não teve oportunidade regularmente.

E: Isso é aí...

P: Eu ouvi falar, mas não sei o que significa.

E: Aí faz assim oh, faz três anos num ano só.

P: E vale a pena isso?

E: Vale a pena.

P: Aprende?

E: Aprende, é bem bom estudar lá, bem bom. Eu tava indo, participei das aulas a noite, bem boas lá, eu gostei, e eu quero ver se volto, voltar pra terminar o meu segundo grau.

P: E depois?

E: Depois... Pois agora, continuo trabalhando né, eu quero agora fazer minha casa, cuidar da minha filha.

P: E consegue emprego melhor se terminar o segundo grau?

E: Consegue né, porque eu sempre quis, sempre tive vontade de trabalhar num caixa no mercado e eu consegui né. Eu sempre trabalhei de babá, serviços gerais.

P: Serviços gerais também?

E: É eu tirava fio né, numa facção, trabalhava na minha irmã.

P: Com que idade tu começou a trabalhar na...

E: Na facção, deixa eu ver. Depois que eu casei, eu devia ter uns 16anos, 17.

P: Uma menina... Serviço pesado né. Deve ser...

E: Não, era sentada, pegando peças de roupas assim, tirando fio.

P: Ah... Tirando fio...

E: Normal, toda vida sentada ali tirando fio o dia inteiro. E aí depois passou pra babá.

P: E tu já conhecias assim como fazer, como limpar?

E: E porque assim né. Toda vida as minhas cunhadas, as minha irmãs, elas iam lá pra minha mãe. E... né eu ficava ali, eu olhava.

P: Porque na realidade tu também os criaste dessa educação né. Eles te respeitavam?

E: Me respeitavam. Porque eu que ficava com eles o dia inteiro né.

P: E os três de uma vez só?

E: Os três de uma vez só. Então eu sabia a barda que um tinha, que o outro gostava.

P: Eles te obedeciam?

E: Me obedecia.

P: E hoje em dia?

E: Hoje em dia, não sei né, se eles chegam a me obedecer como eles me obedeciam. Agora eles já falam, já tão na escolinha, tão na escolinha.

P: Como é o nome?

E: xxxxxx

P: Tua vida aconteceu assim bem peculiar, no sentido né, porque tinha tudo pra não dar tudo certo, se fosse continuar a família que tu sempre tinhas, talvez tu nem tivesse aqui conversando comigo.

E: É verdade.

P: Contando é uma bela história de recuperação tanto física, como emocional da tua vida, né. Tu pareces uma pessoa bem tranqüila mesmo que parece que tenha tirado de letra essa etapa tão precoce, três dias também de vida né?

E: Ah é...

P: Com três dias tu já encontraste uma família maravilhosa que te deu todo apoio, educação, tu conseguisses estudar regularmente ou até que idade conseguisse estudar no horário normal?

E: Até os 15 né.

P: Depois fosse trabalhar numa facção.

E: Não eu comecei a trabalhar na facção depois que eu casei.

P: Bom, até os 15 aí, depois tu casaste?

E: Aí eu casei. Fiquei um tempo parada até quando o colégio tava em greve, daí depois eu voltei a estudar de novo, enquanto tava casada. Eu estude... aí parei de novo.

P: E as orientações sobre amamentação, não chegassem a... Só depois que tu ganhaste o neném é que leu esses livros, ou antes?

E: Não eu li antes, durante a gravidez. Tinha uma agenda também que quando eu fiz o pré-natal eu ganhei. Essa agendinha relatava essas histórias né, de como seria o parto. Cada mês tinha uma historinha. Tinha histórias assim pra gente ouvir.

P: O que tua acha que faltou assim pra ter dado certo esse plano de amamentação? Tu tava com uma informação teórica né que era a leitura dos livros e achou que ia ser fácil.

E: Achei que ia ser fácil né, mas não, na hora H ali que a criança chora, quero mamar, nossa eu fiquei muito nervosa, não consegui mesmo. Assim eu quero mesmo é...

P: Ela foi muita choroninha não? Ou só quando...

E: Enquanto tava mamando, depois que eu comecei a dar leite de caixinha, daí dormia a noite inteira. Só quando ela ta doentinha alguma coisa assim que daí ela resmunga. Mas ela sempre foi uma criança bem tranqüila.

P: Então tu conseguisses ficar bem pouco tempo com ela chorando, tu falou dois, três dias, que ela começou a usar o leite artificial.

E: É com três dias de vida daí eu vim do hospital e comecei a dar o leite de caixinha.

P: Por insistência dos outros?

E: Os outros queriam que eu desse o leite materno aí eu vi que eu não tava conseguindo, daí a mãe: "vamu fazer um teste então..."

P: Então o teste já...

E: E daí ela mamou, daí opa! Vamu dar mais um pouquinho, daí continuei dando mas não parei de dar de mama. Aí foi com o tempo mesmo que eu vi que não dava que eu não conseguia. Porque na mamadeira ela chupava e saia facinho né, a chuquinha.

P: E teve que dar muita explicação pras visitas?

E: Ah! Principalmente pra família dele né. Eles: "ah, mas porque que tu vai dar o leite, ah mas se tu tivesse lá na minha casa eu não deixava dar o leite, o leite de caixinha". Daí eles começavam a dizer que quem tava dando o leite de caixinha era a minha família, principalmente a mãe dele. Ela disse: "Não, não..."

P: É de outra religião a família dele? A família dele também é de outra religião?

E: Aham

P: Então ocorreu uma disputa religiosa, vamos dizer assim.

E: Uma disputa religiosa, até hoje é assim.

P: Até hoje é assim?

E: Até hoje, porque eu não quero colocar brinco na minha filha, é uma coisa minha isso.

P: Tu usaste né?

E: Eu usei. Eu não tenho assim... Se quando ela crescer, ela quiser colocar eu não vou discutir: “queis colocar, coloca, eu deixo tu colocar”. Mas por enquanto ela não vai colocar, deixa assim. Daí eles: “ah, mas não parece uma menina”. Não sei o que. “Que coisa feia parece um menino”. “Não gente. Oh! eu faço duas amarraçãozinha, coloco uma ropinha rosinha, pronto, parece uma menina.

P: Hoje em dia os meninos usam brinco.

E: Hoje em dia os meninos. Mas agora eles pararam um pouco de pegar um pouco no meu pé por causa disso.

P: Mas é harmoniosa a relação das famílias?

E: Aham.

P: Você não tem atrito?

E: Não, não.

P: Tu lembras de algum fato marcante que queira deixar dito, da entrevista, da tua vida?

Quando tava grávida?

E: Não. Ah tem assim. Tem uma história assim que quando eu tava grávida a minha mãe não deixava eu andar de moto de jeito nenhum: “Ah capaz que eu vou deixar tu sair de moto se acontece uma freada, tu te assusta”. Eu dizia: “Não, não mãe, mas não teve perigo”. Quando eu chegava lá na mãe ela ficava loca eu de moto, eu de moto a mãe brigava comigo, eu: “Não, não, mas não tem perigo eu vou bem de vagarinho”.

P: Tu que dirigia a moto?

E: Não, meu marido.

P: De carona...

E: Mas ela não gostava. Ela tinha medo né, que eu andasse de moto. Mas minha gravidez foi bem tranquila, nunca senti dor, foi tão rápida.

P: Mesmo sendo o primeiro neném.

E: Mesmo sendo o primeiro neném, todo mundo fala assim. Quando eu cheguei lá na casa da minha sogra, eu dizia: “ai gente, não foi nada daquilo. Uma coisa assim tirei tão de letra, foi só aquele momento assim da dor e pronto”.

P: É diferente de algumas pessoas.

E: Algumas pessoas sofrem.

P: Sofrem.

E: Eu tava no hospital, teve uma guria que chegou lá, ela era muda e gente ela foi pra sala, já chegou com dor, foi lá pra dentro da sala de parto, gritava, gritava. Eles botaram no soro, porque ela deu com ataque, porque ela não tinha dilatação, ela só tinha dor mas ela gritava. Botaram no soro para dar mais dor e não dilatava. Aí deixaram a guria sofrer um monte pra depois fazer uma cesária. Aí eu pensei, nossa, se fosse eu ali, eles botam no soro, daí vai doer. Mais ainda, daí vão deixar eu sofrer um monte, pra depois fazer uma cesária. Mas daí não cheguei lá, me botaram no soro, dois toque.

P: Porque daí o bebe ta encaixado né, se não encaixa, aquela medicação é pra encaixar, se não dói mesmo, vai lá em cima e não tem como descer.

E: Acho que não deu cinco minutos que me botaram no soro e eu já... estourou a bolsa, foi bem rapidinho. O médico deu uma saidinha e tinha feito o toque né, eu tava com um dedo e meio de dilatação. Ele saiu, acho que foi uns dez, quinze, ele voltou já tava com nove dedos.

P: Humm

E: Ele pode preparar pra ir pra mesa de parto e o pediatra nem tinha chegado, me botaram na mesa de parto, ligando pro pediatra e nada de pegar.

P: Tem que ser muito rápido pra dá tempo da gente... Ou tu ta lá esperando, ou diz que ta esperando.

E: Aí ele chegou nem trocou a roupa, só colocou um avental por cima e daí a menina já tava nascendo, foi uma coisa assim bem rápida.

P: Deu tudo certo...

E: Nem sofri, foi uma coisa assim bem rápida, nem foi tudo aquilo também que eles falam. Pra pessoas que sofrem né, e é diferente.

P: É diferente, toda experiência de vida é diferente.

E: Mas é isso.

P: Não tem mais nada, na história da tua vida, muita obrigada pela tua participação.

Terceira entrevista – T. 24 anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

T: Bem, a minha infância eu me lembro de muitas coisas boas, pra ser sincera, eu me lembro assim que meus pais brigavam muito e que eles se separaram quando eu tinha quatro anos, aí minha mãe foi embora. Foi morar com minhas duas irmãs e eu fui morar com a minha vó. E daí o pai ia lá em casa ver a gente muito pouco e assim, ficou um convívio bem distante. Aí logo depois a minha mãe adoeceu, ela foi pro sanatório, ela tinha ficado doente e hoje ela já é bem doente, não melhorou mais.

P: Que tipo de doença?

E: Ela ficou assim nervosa, sei lá, doente mental, ficou bem assim perturbada.

P: Depois da separação?

E: Isso. Aí ela ficou bem perturbada, ela já era perturbada antes, ela não era assim como hoje né, mas assim ela era bem... Ela tinha o comportamento bem diferente das outras mães, com a gente, ela era bem diferente, ela era difícil, ela batia em nós sem qualquer motivo, ela tinha ciúme do pai com a gente. Ela via coisa que não existia, porque a gente lembra, a gente era criança mas a gente lembra se o pai é ou não né... como ela disse, então ela inventava essas coisas assim, então o pai eles brigavam muito por causa disso e outras coisas até que não deu mais, eles se separaram.

P: Tu tens mais quantos irmãos?

E: Da minha mãe eu tenho mais duas irmãs. Ela teve um filho homem, mas que morreu e só a minha irmã mais velha, eu e outra mais nova.

P: E fosse parar na casa de quem?

E: Na casa da minha avó, com ela, daí ela foi pro hospital, ela ficou doente né e logo depois a minha vó morreu aí então a gente teve que ir morar com o pai, a madrasta, e daí então ela era também uma pessoa muito difícil, ela era ciumenta né..

P: Aham

E: Ela batia em nós, ela descontava na gente, era bem... bem difícil. Daí logo depois a gente foi embora, aí cada uma de nós três se separou.

E: Minha irmã mais velha foi morar com uma tia eu fui morar com outra.

P: Ainda bem criança?

E: Eu tinha oito anos e daí cada uma se separou e daí cada uma se separou e daí assim, a gente viveu assim distante uma da outra. A gente perdeu, quer dizer, pai, mãe, a gente não voltava mais pra mãe. O pai tava vivo mas era como se não tivesse e assim, os irmãos que a gente se separou dos irmãos e a gente vivia sozinha né. Eu me sentia muito sozinha.

P: Aham

E: E foi assim..

P: E chegasse assim... Tu foste morar com a tua tia e freqüentou escola?

E: Sim, freqüentei a escola, a[í] depois quando eu tinha 10 anos, a minha irmã mais velha casou, ela tinha 16 anos e da[í] ela veio me buscar pra mim morar com ela, aí eu fui aí foi onde a gente começou... eu comecei a me sentir mais feliz.

P: Com essa idade?

E: Com 10 anos. Aí eu tive muito carinho, o marido dela era muito bom pra mim, a minha irmã então, nem se fala, então a única família que eu realmente tenho é eles e foi isso. Aí a minha mãe tá muito doente, ela mora com minha irmã mais velha

P: Essa que te acolheu?

E: Isso, ela mora com ela, a filha dela que...

P: Cuidou de ti e tá cuidando da tua mãe agora?

E: E assim... eles são bem legais, eu me casei lá na casa dela.

P: Você tinha...

E: Eu tinha 19

P: Foi teu primeiro namorado?

E: Não. Antes de eu casar e... e... assim, antes de eu casar e sair, eu saí dali, da casa da minha irmã, eu tinha 14 anos, eu era muito rebelde, eu era uma criança muito rebelde, difícil, então eu saí dali sem motivo nenhum. Foi embora, lá pra casa do pai. Ele vivia com a mesma mulher e com certeza não deu certo. Aí eu fui morar com minha vó um tempo, porque também ela era muito velhinha e daí queria que a gente ficasse ali com ela e não saísse para lugar nenhum. Aí eu era adotiva né, daí eu voltei pra casa deles, morar com a minha madrinha, assim, eu andei bastante, no tempo que eu saí da minha irmã eu andei bastante, um ano, eu só andei.

P: E tu tinhas parado os estudos?

E: Eu tinha parado quando eu saí da casa da minha irmã.

P: Que série que tu tava?

E: Eu tava na sétima série. Daí eu parei, depois eu voltei. Depois que eu passei isso tudo, eu sofri bastante, eu voltei pra casa da minha irmã. Daí voltei a estudar, conheci o meu marido, casei.

P: E quando tu foste bebê, tua mãe amamentava ou ela não tinha condições pra amamentar vocês?

E: Ela diz que eu não quis mamar, só que a minha irmã mais velha, ela mamou, mamou até grande e daí ela chegou até a engravidar porque ela não tomava anticoncepcional, desse meu irmão que morreu. Daí depois que ela ganhou ele, ela começou a tomar comprimido daí secava o leite. Daí ela não tinha...

P: Não era tão proveitoso né?

E: É...

P: E tu trabalhas fora T.?

E: Não.

P: Nunca trabalhou?

E: Trabalhei

P: Que idade que era isso?

E: Por exemplo, quando eu saí da minha irmã eu comecei a trabalhar, com 15 anos, trabalhei de babá e depois, aí eu volte pra casa da minha irmã, trabalhei de telefonista, recepcionista, trabalhava em escritório. Assim, depois trabalhei também em fábricas, depois daí não trabalhei mais.

P: Com que idade tu conhecesse ele?

E: Com 18.

P: Ele não quer que tu trabalhes?

E: É que agora eu não quero trabalhar, nem estudar por causa do bebê, aí depois eu pretendo trabalhar.

P: É tua primeira filha?

E: Não, eu tenho o B.

P: Ah... tem o B. claro, esqueci do B. Sem um prontuário aqui às vezes a gente fica perdida.

E: Aham

P: E em relação então a esse teu, a tua história, tu acha que... teve alguma influência? O B. foi amamentado?

E: Não, até um mês também.

P: Até um mês também. O que tu sentias que tu não conseguisses amamentar?

E: Eu sentia pavor na hora que a criança começava a chorar.

P: Todos os dois?

E: Todos os dois. Toda vez que eu tinha que tirar o peito pra dar pros meus filhos se alimentar, eu achava terrível, e meus peitos eles arrebentavam e sangravam. Ta certo que é difícil, mas eu ficava muito nervosa, eu não gostava, não me sentia bem.

P: Não se sentia bem amamentando...

E: Não me sentia bem, eu ficava nervosa, inquieta, todo o meu corpo doía. Eu ficava muito nervosa, eu preferia me levantar no frio, fazer um mingau e dar do que tirar o meu peito e dar. Eu me sentia bem mal, não me sentia a vontade.

P: E durante a tua gravidez foi te dadas informações em relação a isso? Dessa segunda vez, por exemplo, tu já tinha tido a experiência do primeiro. Tu chegaste a falar pro teu médico que tu tinha tido essas emoções negativas em relação à amamentação?

E: Não.

P: Não...

E: Eu só comentei que o meu peito arrebentava e ele aconselhou que eu usasse algumas coisas antes de ganhar o bebê, mas nada adiantou, acho até que é da minha própria cabeça, eu não consegui porque...

P: Tu tinhas leite?

E: Sim eu tinha bastante leite e leite bom.

P: Fizeste o que pra retirar o leite do peito, não empedrou? Ficou duro o teu peito, dolorido?

E: Ficou, ficou, só que daí eu começava a tomar anticoncepcional pra ele secar.

P: Já desde os primeiros dias?

E: Não, eu tentava, eu tinha dentro de mim, eu queria amamentar os meus filhos. Mas eu nunca conseguia. Quando eu tava com aquele bebê ali, no hospital era horrível pra mim amamentar, porque daí não tinha outro alimento, eu tinha que dar, eu não conseguia nem dormir.

P: E lá, começou a dificuldade lá mesmo?

E: Lá mesmo.

P: Tua sensação, tua cabeça já impedia que tu amamentasses já no hospital.

E: Uhum. Era assim, eles começavam a chorar, normalmente as mães já dão colo pra eles.

P: Exatamente.

E: Eu, eu logo eu tratava, eu tinha... enrola eles, assim que eu conseguia pra não ter que dar o meu peito. E eu dava até em casa. Fazia mamadeira, mas aí fui ficando mais fraca, mais pessimista, não tinha jeito.

P: Teve assim algum período de tristeza? Usou algum medicamento?

E: É eu usei medicamentos.

P: Desde que época assim... Que tipo de medicamento?

E: Eu tomo Fluoxetina e Rivotril, mas é tudo acompanhado com médico e eu tomo... Com 15 anos já comecei a tomar aí eu...

P: Consultaste?

E: Consultei, comecei a tomar aí eu melhorei e parei, aí daí depois que eu tive o B. não tinha um ano eu comecei de novo. Aí tomei um ano, parei. Agora, depois que eu tive a minha menina, comecei de novo.

P: Durante a gestação e pelo menos o período que seria pra amamentar tu não fez uso? Se quiseres tu poderia amamentar...

E: Eu poderia.

P: Então a medicação não seria impedimento?

E: É um impedimento, não pode amamentar.

P: Quando toma medicação não? Mas no período da gravidez e no início da amamentação tu não estavas usando remédio?

E: Não

P: Quando tu começaste a trabalhar foi por necessidade ou tu estavas...

E: Assim, quando eu comecei com 15 anos foi por necessidade, porque eu morava com a minha madrinha, eu já tinha morado com o meu pai, com a minha avó, então a minha madrinha era bem pobre, então eu trabalhava por necessidade.

P: E daí a primeira vez que tu engravidaste foi do B.?

E: Foi do B.

P: Tu te cuidavas de que maneira, ou não tinha namorado, não tinha relacionamento?

E: Eu tinha relacionamento, eu me cuidava com...

P: Com que idade tu começou a ter relacionamento?

E: Com 17 anos

P: Bem tarde pros dias de hoje né, bem tarde mesmo. Tu começaste com teu namorado, com o teu marido então?

E: Não.

P: Começasse com outro namorado...

E: Com outro namorado

P: Com que idade tu conhecesse o teu... O teu marido?

E: O meu marido eu conheci com 18 anos

P: E logo em seguida já..

E: Já casei.

P: Uhum, tu tava com gravidez, nada... Tu tava grávida do B.?

E: Quando eu casei com ele já. Mas não foi por causa que eu engravidei, porque a gente planejou e depois a gente casou.

P: Aham deu acaso que...

E: Como diz o outro, formou a família né..

P: Formou a família antes de ter feito o papel. Como é que tu te sentes pelo fato de... Hoje em dia existe um... vamos falar de cobrança do próprio meio de comunicação, de quem trabalha com a saúde, por causa da mãe precisar amamentar em função de uma melhor qualidade de vida para o bebê. Tu te sentes assim de alguma forma diferente?

E: Pressionada?

P: Diferente, pressionada, ou tu te sente assim que teus bebês ficaram prejudicados pelo fato de tu não poder ter dado de mama, ou não, que noções tu tens em relação a isso?

E: Ahh em relação a meus filhos, eu sento-se à mesa eu sinto remorso, fico bem angustiada.

P: E quantos dias foram amamentados?

E: Foram vinte e oito dias. Fico angustiada e eu tenho muita vergonha de alguém aqui do postinho, de alguém ali fora sabe que eu não to amamentando

P: Porque vergonha?

E: Porque eu acho assim, é importante, eu do apoio pra quem amamenta, eu do apoio. Só que eu tenho consciência que é importante, que é necessário, mas que eu não consigo, eu me sinto covarde, então eu tenho vergonha. Por isso que eu evito de comentar. Se é pessoa que já pergunta se eu amamento eu digo que amamento, é assim.

P: Tu ficavas tensa com o choro do bebê na hora da amamentação?

E: Ficava, muito nervosa, angustiada.

P: E achava que era mais difícil colocar no peito do que dar a mamadeira

E: Achava que era mais difícil. Tirar o peito e colocar na boquinha dele era mais difícil que ir lá, levantar e fazer a mamadeira.

P: Tiveste algum trauma em relação ao teu seio quando era menor, nada?

E: Não, eu nunca senti nada, por isso que eu não entendo, até... por isso que to aqui, quero tentar entender, o porque de não conseguir, se eu tenho a cabeça aberta, eu sei que é necessário.

P: Tu falaste que a tua mãe acusava o teu pai de alguns assédios com vocês né?

E: Aham

P: E essas informações tu não te lembras de nada?

E: Eu lembro assim que ela constrangia a gente assim... ela examinava a gente, mas eu não me lembro de mais nada. Quer dizer que era eu e a mais velha só, que a mais novinha não tinha nascido ainda. Mas ela constrangia bastante a gente. Ela... aham, agora é a minha... ela examinava a gente, ela batia, pedia que a gente confessasse e a gente não sabia nem o que que ela tava falando

P: E em relação ao pai nunca aconteceu nada que você lembre assim?

E: Não, meu pai era muito carinhoso. Ele até evitava de chegar perto de nós porque sabia que ela era... perturbada. Se ele desse uma simples bala pra gente ela já batia, perguntava porque ele tava dando aquele presente. Qualquer coisa, ele não podia dar nada pra nós.

P: Quer atender?

(pausa)

P: Então a gente podia retornar aquele assunto assim, que tua mãe constrangia vocês examinando né, que tu te lembras disso, desse constrangimento, de que forma que eram esses exames que tu referiste dessa maneira?

E: Ahh era sempre toda tarde depois do banho, ela deixava a gente nua em cima da cama, fazia a gente abrir as pernas e tirava as suas conclusões ali. Eu não sei se dá pra ver alguma coisa.

P: Ela só olhava ou ela introduzia a mão, o que ela fazia?

E: Eu não me lembro. Eu só me lembro da parte que ela abria as pernas e olhava.

P: E na parte dos seios não tinha... Vocês eram muito pequenas ainda não tinha nada esse exame.

E: Eu tinha só três anos.

P: Ahh... E ela fez isso até que idade?

E: Ela fez isso até quatro anos, porque depois a minha dinda não permitia

P: Uhum

E: A minha avó..

P: Uhum

E: Ela não permitia mais que ela... nem a pequeninha ela não permitiu que chegasse perto

P: E por parte da família da tua mãe tem mais alguém com esses problemas mentais assim?

E: Na família da minha mãe parece que uma prima dela se suicidou. Porque se suicidou no dia do casamento, porque o pai dela tinha morrido um dia antes. Então chegou na hora de casar na igreja ela se suicidou. E... não, fora a minha mãe não tem mais ninguém... Agora, tem o meu tio, irmão dela que ta começando com isso também. Com esses pensamentos delirantes. Ele tá bem perturbado.

P: Ele é um senhor de idade?

E: Sim, ele é mais velho que ela.

P: Tem uma tendência familiar né.

E: É... uma tendência familiar

P: Muitas vezes ela ficou internada lá?

E: Muitas vezes, já perdi a conta, já fazem 17 anos.

P: E pra ti quando tu trabalhavas, tu te sentias bem quando trabalhava ou assim mesmo, ficar só cuidando dos filhos e da casa, também é bom essa situação?

E: É bom também.

P: É bom também...

E: É bom... É bom trabalhar porque a gente tem mais condições de comprar as coisas, mas é bom ficar em casa também.

P: Teu esposo faz o que?

E: Meu esposo trabalha numa marcenaria.

P: Uhum. O que mais tu te lembrás assim que foi significativa pra ti tu falou de coisas não muito boas, tem várias coisas na tua vida assim, bem pelo que tu me passaste assim, temos aqui na nossa conversa...

E: Eu não me lembro de coisas boas, não me lembro de nenhuma, acho que foram tantas coisas ruins que eu não me lembro de nenhuma boa. Não quando eu morei com o meu pai, eu não me lembro de nada. E depois que eu fui morar com a minha tia, com a minha madrasta eu também não lembro de nada bom, só com a minha irmã.

P: Começou com a tua irmã.

E: E eu já era bem grandinha, eu amadureci muito cedo.

P: Quando tu foste morar com a tua irmã?

E: 10 anos.

P: Porque tu saíste?

E: Daí eu saí eu tinha 14 anos e voltei com 16.

P: E com 16 tu voltaste pra...

E: Pra casa, aham

P: Foi um período assim, que pra tua família que tu formou agora, as recordações não são das melhores

E: Não, não lembro de nada bom

P: A tua família agora, tu acha que os teus filhos, terão muita coisa pra recordar?

E: Eu acredito que sim, em tudo, cada vez que eu olho pros meus filhos crescendo eu penso em mim. Eles têm que ser tudo contrário do que aconteceu comigo. Eles têm que ter tudo que eu não tive e tem que ver a mãe que eu não vi na minha mãe.

P: O apoio né, a segurança é fundamental..

E: É porque mãe assim pra gente é importante, é uma segurança né.

P: Uhum

E: E a minha mãe ela não... a gente tinha medo de ficar com ela

P: Ela batia em vocês?

E: Batia bastante. E a gente era bem quietinha, a gente tinha até medo. Ela batia por nada.

P: E naquela época não tinha aqueles conselhos da criança...

E: Não, não...

(pausa)

E: Hoje em dia é demais né? Hoje em dia uma mãe não pode dar um tapinha que... Antigamente podia matar que...

P: É hoje em dia... No Brasil ainda é frouxa a lei. Nos Estados Unidos ela é bem mais agressiva a lei. Elas não devem sofrer as coisas que os adultos tão com alguma problemática, portanto, não podem ser o alvo. E em relação a ti hoje como mãe e mulher como tu te sentes agora?

E: Eu me sinto feliz como mãe, eu gosto, eu amo eles, eles são aquilo que eu mais gosto. E eu sou... eu tenho uma família feliz. Eu sou feliz, eu acho que eu fui recompensada. Eu fui recompensada de criança. Eu não sou rica mais minha

crianças não passam necessidade. Então os meus filhos eu não posso por bater, necessidade, fome, muitas vezes que muitas crianças passam...

P: Se tu quiseres comentar mais alguma coisa, estamos abertas a escuta aqui ainda, quando tu pensou, quando eu te convidei, tu ficou imaginando como é que seria, o que tu teria que dizer, o que iria dizer né.

E: Eu fiquei imaginando assim, como seria, será que eu vou descobrir o porque de eu não conseguir amamentar. Porque você é uma pessoa esclarecida né, eu sei que tu é muito ocupada e que é bom pro bebê, só que eu não consigo de jeito nenhum, nenhum, não tem jeito.

P: Fizeste terapia com psicólogo?

E: Não, não fiz

P: Talvez esse seja o caminho né.

E: Talvez.

P: Porque essa pesquisa, ela vai se agrupar as pessoas e os pensamentos das pessoas e a gente vai chegar numa conclusão e a gente procura pra ver as conclusões das pessoas que participaram da entrevista. Mas com certeza a gente falta retornar esse assunto de ajuda pra ti, pra ti descobrir, especialmente no teu caso em especial, na outra consulta pra ti encaminhar pra um serviço de psicologia né. Eu vou dar por encerrada, gostaria de agradecer imensamente.

Quarta entrevista – J. 20 anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

E: Eu nasci em 85, como criança eu tive uma boa infância, muito amor... ai eu vou chorar..

P: Pode ficar a vontade, a gente recomeça.

E: Muito amor... e eu comecei a namorar nova, com 14 anos, aí eu noivei com 17 e... não tava nos meus planos engravidar. Aí engravidei com 18... 17 anos, mas eu queria muito amamentar ele, mas aí na primeira semana, eu tinha bastante leite, enchia, doía, tirava até com a bombinha. Aí depois eu apertava, apertava, não saia né, pingava né. Eu queria amamentar ele, eu era novinha, minha mãe me levou no ginecologista pra ver né, se tinha alguma coisa pra criar leite, aí ele disse que não

né, que era só botar pra mamar que criava, só que não descia, de jeito nenhum. Aí quando eu saí do hospital, eu saí muito cheia de ferida na perna todinha, acho que foi uma alergia de alguma coisa lá. Aí eu fui na dermatologista e ela me passou um antibiótico, aí começou a secar, secar, secar, aí eu chorava porque eu queria dar muito mama pro meu filho.

P: Desde início assim do teu relato, tu começou a te emocionar no momento em tava falando da tua infância né, tu já tava com a emoção da amamentação ou da tua infância também tem alguma.. Alguma...

E: Não... é porque eu senti muita saudade, da minha mãe, do meu pai

P: Você quer falar um pouquinho sobre isso Julia, sobre essa saudade? Onde estão teus pais...

E: Eles moram em Laguna, aí eu vejo eles só uma vez no mês

P: Tu vieste pra cá quando.. Tu casaste

E: Casei, foi... Eu ia casar em outubro né, mas daí casei em janeiro, casei em janeiro do mesmo ano porque eu engravidei

P: Tu és de uma família de quantas pessoas?

E: Quatro. Eu, minha mãe, meu pai e uma irmã de 16 anos.

P: Todos sempre juntos?

E: Sempre, sempre... Sempre bem juntos

P: E aí muito jovem... Você namorou...

E: Eu namorei, faltava dois meses pra mim completar 15 anos.

P: Aham... Bem cedinho

E: Bem... bem cedo. Mas eu namorei com ele quatro anos, bastante tempo né... mas

P: Uhum. Conseguiu completar os teus estudos lá em Laguna?

E: Completei

P: Até que série tu estudaste?

E: Eu tenho o segundo grau completo.

P: Mas aí, então com 15 anos tu já tinhas o segundo grau completo?

E: Não, eu me formei em dezembro de 2002, com dezessete anos.

P: Já tava aqui então?

E: Não, eu... casei com 18 anos, um ano depois que eu me formei, eu casei. Eu tava grávida de cinco meses quando eu casei

P: Uhum

E: Eu casei em janeiro de 2004.

P: Aí tu tiveste que se mudar..

E: Pra vir pra cá, aí quando eu vim, minha mãe ficou com depressão porque... muito ligada, ficou bem doente.

P: E hoje em dia ela já está melhor?

E: Já. Graças a Deus ela tá melhor

P: A tua infância então, foi toda em Laguna.

E: Foi... toda em Laguna, mas eu tive uma infância maravilhosa.

P: Vocês foram amamentadas?

E: Não, nem eu, nem a minha irmã, mas a minha mãe fez de tudo né, pra amamentar eu e a minha irmã, mas a minha mãe... ela me contou né, que quando ela ganhou ela deu arrebate, aí então ela tem displasia mamária porque o leite dela secou e empedrou, aí de vez em quando ela ia no médico, fazer injeção pra tirar o leite

P: O que é esse termo que eu não conheço.

E: É... porque ela dizia que enchia bastante e não saia. Ficava cheio, cheio... ela botava pano quente pra descer o leite e não saia, ela disse que dava febre, ela ficou bem ruim mesmo.

P: Aí então não conseguiu amamentar nenhuma de vocês. Aí ela veio pra cá no nascimento do teu filho?

E: Veio. Ela ficou aqui oito dias. Ela não ficou mais porque eu moro com a minha sogra né, agora que eu to construindo a minha casa, to construindo agora

P: Trabalhar trabalha?

E: Não, não.

P: Nunca teve essa experiência?

E: Já, já trabalhei, mais novinha.

P: No que tu trabalhavas?

E: Eu trabalhava só em época de fim de ano né, natal. Porque a minha mãe não queria que eu trabalhasse enquanto eu tivesse estudando. Queria que eu terminasse, depois trabalhasse. A minha irmã também é assim né. Até hoje eles falam, eu prefiro que tu estude mais descansada do que trabalhe. Ela só não quis ainda, ano que vem de certo ela...

P: Daí quando tu começaste a namorar, aí começou a ter relacionamento sexual e não tinha..

E: Depois de um ano e sete meses que eu fui ter relações com o meu namorado

P: Aí engravidou..

E: Não eu..

P: Quase quatro anos depois

E: É.

P: Aí tu se cuidavas

E: Me cuidava

P: Tua gravidez foi planejada?

E: Não.

P: Não... Foi sem intenção?

E: Foi... foi sem intenção

P: Foi bem vinda à gravidez?

E: Foi, foi. Pra mim, pra ele, pros avós, pra todo mundo

P: Uhum. E lá tu já tinhas uma experiência com cuidados de criança, ou a tua sogra te ajudou bastante?

E: Não. O neném menorzinho que eu cuidei assim era quando eu vinha pra cá né, eu ia na casa dele, daí eles saíam, daí eu ficava muito com o filho deles, com o E., aí eu ajudava a cuidar, mas ele já tinha um aninho, não era... Mas aí quando eu ganhei a neném... eu cuide... elas me ajudaram né, mas pra mim parecia que eu já tinha cuidado.

P: A amamentação tu já tinha... Conhecimento assim..

E: Já

P: De que fonte?

E: Escola... também da minha mãe, minha sogra. Ainda quando eu fui no ginecologista uma vez ele me receitou Plasil. Aí eu tomei Plasil, até tava com um seio bem menor que o outro, porque um saia e o outro não. Aí eu comecei a botar ele mais no que tava normal né, mas bem poquinho né, ele chorava muito de fome.

P: Sempre tu tens esse processo de emoção assim quando tu pensas na amamentação?

E: Qualquer coisa que eu vou falar, mãe, ele, pai... eu choro

P: Bem emotiva

E: Sou bem emotiva.

P: O que te vem assim, dentro de ti, quando tu fala... de não ter podido amamentar?

E: Não sei... de eu não ter conseguido

P: Aham foi uma... Parece que tu tinhas obrigação, de ter amamentado, tu tem culpa, o que possa acontecer com ele pelo fato de tu não ter amamentado.

E: Não, eu sei que o fato de eu não ter amamentado ele...

(pausa)

P: Então a gente tava falando sobre essa tua sensibilização, teu bebê já tá..

E: Um ano e um mês.

P: E mesmo assim, tu ainda tens essa mesma sensibilização em relação a...

E: É porque eu sei que era a melhor coisa né... mas... eu sei assim que... era minha obrigação, de toda mãe amamentar.

P: Obrigação assim, quem te colocou nessa obrigação?

E: Ahh, não sei... a minha sogra precisava muito né, quando eu sentia muita dor ela até achava ruim, mas ela não amamentou nenhum dos dois filhos...

P: Então tu eras cobrada..

E: Por ela muito.

P: Principalmente pelas duas mulheres que não amamentaram..

E: A minha mãe... a minha mãe não me cobrava, ela dizia: “minha filha, faz de tudo, se não der, se tu sofrer como eu sofri...” Não mais ela era... Até um dia ela falou, ah mas ela tem que dar, daí ela falou: “ah, mas se a minha filha sofrer, como eu sofri, ela sabe o que é bom pra ela e pro bebê né”. Até a minha mãe ainda falou assim: “Quando a tua filha ganhar e tu vê ela sofrer, tu vai saber como é”. Aí ela ficou meio assim, minha tia ainda falou, é verdade. Dizer pra ela ficar ruim... se não der, ela vai tentar de tudo, não adianta ficar cobrando, que ela cobrava muito.

P: Era um ambiente tenso na hora da amamentação?

E: Era.

P: Sempre..

E: Não, quando ela tava aqui, ela falava, ai que bonitinho. Vai ter que dar, não sei o que. Quando a gente falava alguma coisa ela retrucava.

P: Mas ela permanecia junto contigo e com o bebê na hora da amamentação?

E: Não. No caso, não... mais a minha mãe ficava mais assim comigo né, ela ficava mais lá na cozinha né. Aí quando eu tava no quarto a minha mãe ficava mais comigo.

P: Aham. Tentasse até que idade assim... Até que dia?

E: Um mês.

P: Um mês... aham

E: Consegui dar um mês.

P: Só leite materno?

E: Só leite materno.

P: Tem uma pergunta... e ele cresceu. Não lembro se foi aqui, se foi comigo, se tu consultaste?

E: A primeira vez que eu pesei ele foi na Ergomed, só que eu não gostei da pediatra de lá.

P: E ele tinha engordado quanto?

E: Um quilo e duzentas parece...

P: É... bastante. E aí depois aos poucos foi diminuindo...

E: Não...

P: A amamentação?

E: Ah tá, foi... foi. Aí não dá... não tirei de uma vez né. Aí quando eu dava mama, eu dava mamadeira né, aí assim de dia eu dava mais mama. Daí depois eu fui parando, parando, porque eu via que ele mamava três horas e não enchia a barriguinha.

P: E teu esposo nessa história toda? Nessa tensão e tal.. O que ele fazia, como é que tu sentias, assim? Apoiada, não apoiada?

E: Não, ele me apoio bastante, uhum.

P: Ele ia à sua defesa quando tu tava tendo problemas com a tua sogra?

E: Ahh, não... Ele trabalhava né. Aí quando a gente tava a tarde conversando, ele não tava junto. Mas aí quando eu conversava com ele, ele falava que a mãe dele tava fazendo errado né.

P: Mas não falava com ela?

E: Não.

P: Morava na casa dela né.

E: É.

P: Ficava um pouquinho complicado

E: Aham

P: E com as amigades assim, como te viram?

E: Ahh quando eu engravidei, eu já tinha me formado, minhas amigas assim eram do primeiro ano e eu era do terceiro. Minhas amigas que eu andava assim... As menina de sala de aula, elas adoraram nem, me apoiaram, ainda as minhas amiga mais novas também. Toda vez que eu ia lá elas me visitavam, depois que eu ganhei ele

também. Quando eu vou a Laguna, elas vão visitar ele. Aí eu vim pra cá, daí se afastou um pouco né.

P: E aqui conviveste mais com a família dele?

E: Foi, foi e a minha cunhada que é quase da minha idade né, uns meses mais nova.

P: Que não teve filhos ainda?

E: Ainda não, mas é casada. É a madrinha do menino. Não, mais todo mundo me apoio. Teve até tia dele que chorou quando eu falei que tava grávida.

P: E depois que o bebê nasceu, eles continuaram vendo que tu não tinhas assim, a oportunidade de manter uma amamentação essas pessoas continuaram te apoiando?

E: Aham

P: Continuaram. Fizeram como a tua mãe fez.

E: Aham

P: E que receio tu tens ainda em relação a isso, por essa emoção... Porque assim tá ainda?

E: Não sei

P: É tão vivo na tua mente né. O que é essa sensação?

E: Não sei. Não sei se é porque... não sei eu olho pra ele, e eu sei que... quando eu tiver outro neném, eu ia dar, eu ia dar, até ter leite só mamar e depois... mas eu não consegui, eu não consegui fazer o que eu queria

P: Sentiu fracassada?

E: Foi. Ainda a minha prima que ganhou neném agora, tá dando de mama. Aí eu já tava começando até... Aí ela, ah visse se eu tivesse tirado o mama. Aí eu tava lá conversando com ela que as vezes eu tava fazendo a mamadeira dele e ele chorava, porque ele não gostava de esperar, queria na hora. Aí o pai dele ficava cuidando né e eu fazia. Aí ela dizia, se não tivesse tirado o mama, não precisava levantar.

P: Ainda agora?

E: Ainda agora. E ele não é muito de comer né. É terrível pra comer, terrível. Aí elas ficam dizendo, do jeito que elas falam, é que eu não faço a comida dele.

P: Continua a cobrança então.

E: Não, o Carlos precisa comer. A gente tava numa festinha de aniversário domingo, de um outro primo nosso e ele comeu bolo, e ele gosta de bolo. Aí ele tava olhando

pra mim e ele comendo né, sozinho. Aí a minha tia: “Óhh visse, como é que ele tá comendo?” Mas bolo ele come, adora bolo. Faço a comidinha dele e dô, hoje ainda eu fiz um purezinho de batata com molhinho galinha, não comeu nada. Aí ela assim, não mas tem que fazer ele comer. Se ele tá acostumado todo dia ele come. Mas do jeito que ela fala...

P: Na teoria é fácil né?

E: É, aí um dia isso fico até com ela, aí quando eu cheguei, porque eu fui no centro né. Aí pra mim levar ele, ele é muito pesado, eu não consigo. Aí ela ficou pra mim num instantinho. Ele almoçou lá, aí ela disse, ele não comeu nada. A gente fica até nervosa. Aí eu disse: “ah visse, quando eu falo que ele não come, vocês não acreditam em mim”.

P: Quando eles passam, vejam que é verdade né

E: É

P: E essa ansiedade com relação à alimentação dele. As mães normalmente são muito preocupadas, com a criança não comer né. Tem a mesma emoção assim do fato de não ter podido amamentar?

E: Não, não..

P: Não.

E: Não.

P: Tu te preocupas menos, ele não se alimentando agora do que tu te preocupaste do fato de ele não querer mamar mais?

E: Não, não me preocupei menos, mas eu não sei, quando eu falo da amamentação dele é que eu faço isso.

P: Muito emotiva

E: Mas eu sou muito preocupada, eu boto ele a comer comigo, porque as vezes eu acho que ele vai comer, se eu to comendo, mas as vezes ele vai na beradinha da mesa e come uma, duas colherzinhas. Mas eu boto ela a comer comigo ele não come nada. Aí já larguei o prato na mão dele pra ver se ele comia sozinho, bate no prato, bota a comida e joga longe.

P: Aham

E: Ainda o pai dele fala, vai comer C., vai comer. Ainda quando ele tava no hospital, o pai dele olhava pra mim, a gente vai ter que fazer esse menino comer na marra. Mas eu boto na boca ele não engole, chega a fazer ânsia as vezes, vomitar também toda a comida.

P: E vocês no caso, quando criança não tinha dificuldade de se alimentar.

E: Tinha, a minha irmã com três meses já comia pirãozinho, ela comia o que desse, e agora eu com seis meses, começava a anemia porque eu não queria comer nada, eu era bem enjoada, queria só mamadeira. Ela disse que eu era uma menina bem forte, mas hoje em dia eu como tudo e o meu marido que quando era neném comia de tudo, hoje não come nada.

P: Aham fosse doente quando tua era criança?

E: Quando eu era criança eu tive meningite a viral, eu e minha irmã, eu tive a salmonela.

P: E ele até agora teve coisas assim mais... Comum, dessa idade.

E: Simples. Agora depois de moço ele teve hipoglicemia né, falta de açúcar no organismo.

P: O teu marido?

E: É. De vez em quando dá aquelas crises nele, ele desmaia. Ela dá hipoglicemia, mas agora faz tempo que não deu.

P: E o C. nesse um ano e um mês de vida teve doenças mais comuns né, que eu to lembrada agora.

E: Não... só assim óhh..

P: Foram muitas vezes?

(outro lado da fita)

P: A única doença que ele teve foi desidratação. Que idade ele tinha?

E: Foi.. faz três semanas que ele saiu do hospital

P: Tu não pretendes trabalhar?

E: Pretendo, até tou correndo por tudo, fazendo ficha, mas aí, eu quero que a minha sogra cuide dele né, porque eu tenho pena, sei lá, de deixar em creche, muito novinho. Eu vou falar com ela, porque ela trabalha em casa de família né. Aí ela cuida dele onde ela trabalha né, eu vou falar com ela, pra ver se ela fica com ele.

P: E ela com ele se dá bem?

E: Dá..

P: Dá. Ela consegue alimentar ele?

E: Não, ninguém consegue. Antes ele comia, ele batia um prato de sopa, de feijão, de pirãozinho, mas foi parando, parando, parando.

P: Mas às vezes tem relação a emoção da mãe de a criança rejeitar por um período grande assim a alimentação. E em ti parece que ta vindo desde a época de que ele

não queria mais o leite materno. Essa culpa né, essa extrema sensibilidade... o fato de ele recusar o que tu está a fim de dar. Aí no caso, foi o leite né e agora foi a comida.

E: Aham, é..

P: Às vezes é a mãe que tem que passar por um processo de transformação emocional para a criança poder aceitar o alimento como a maioria das crianças...

E: Aham

P: Você já fez terapia?

E: Não, não..

P: Nunca fez. É bem interessante assim, como te tu emociona assim. Fiquei bem impressionada com a tua emoção quando tu falas do filho. Quando ele fica doente tu ficas assim também?

E: Fico

P: Fica assim também.

E: Fico bem...

P: O que tu sente assim. Porque que tu és tão preocupada, o que tu pensa que vai acontecer com ele? É com ele?

E: Com ele, ah não sei eu fico com medo. Meu marido também chora bastante quando ele fica doente. Chora...

P: Consegue tomar atitude ou fica mais na dependência?

E: Não... nhu, nhu, nhu, na hora que meu neném fica doente eu já corro.

P: Já corre, não só chora, sai correndo.

E: Saio correndo com ele. Aí no domingo que ele começou a vomitar eu levei no Santa Catarina três vezes. Aí ele vomitava, voltava pra casa, não parava eu levava de novo.

P: Daí vocês foram internar.

E: Aham, eu corro na hora.

P: Ele ficou desidratadinho né? Então nesse sentido o teu marido também tem...

E: Tem. No dia que ele se internou ele começou a ficar nervoso. Daí a crise dele dá quando ele fica nervoso demais. Daí ele também ficou ruim, pegou a virose e começou a vomitar também, aí quando ele voltou pra lá, ele ficou tomando soro e eu ia fazer a internação dele né. Ele saiu do soro, ele pediu para sair do soro para ir lá ver o C.

P: Olha só.

E: Aí chego lá, ele assim, subiu comigo né. Porque a minha sogra veio em casa, pegou ropinha dele pra levar pro hospital né. Ele ia subir comigo pra ficar lá esperando ela. E... não conseguiu, começou a chorar ali comigo... chorar queria ver o Cauam. Aí teve que ir embora, aí só no outro dia de manha que ele conseguiu vir.

P: E sempre ficou nervosa assim, antes de ter o C.?

E: Foi, foi.

P: Na época da gravidez, na hora do parto, tu foste calma para o hospital?

E: Fui bem calma. Eu tava bem tranqüila. Quando eu fui ganhar neném a família dele falava: "Tu não vai ficar, tu não tá sentindo nada, eu vou esperar tu voltar". E eu fui a primeira vez e fiquei porque eu fiquei bem tranqüila, parecia que eu nem ia ganhar filho.

P: Tinha assim, a princípio, todos os critérios pra conseguir amamentar bastante tempo.

E: Aham

P: O fato... Tu moravas dentro da casa da tua sogra na época?

E: Morava

P: Dentro da mesma casa?

E: Dentro da mesma casa, ainda to morando né, agora que to fazendo o acabamento da casa né, esperando terminar pra ir embora.

P: Se tivesse sido na tua casa, tu tivesses voltado, só tu e o teu marido.

E: Talvez... não sei né

P: Não tem como a gente saber né.

E: Não tem como saber.

P: Às vezes eu ficava nervosa com a pressão e não descia leite. Porque tem mulher que quando fica nervosa aí... A minha prima aqui, a outra também, que é um monte né... Quando ela ficava nervosa, ela não conseguia dar de mama.

P: O leite não desce.

E: Não desce, a dela quase... Até antes de seis meses ela já começou a dar comidinha, porque ela ficou com medo de não... porque ela era muito nervosa. A menina fazia cocô ela chorava pra mãe dela ir trocar, mas agora ela ainda tá noiva.

P: Tais fazendo planos de ter outro bebê já, não?

E: Não, nhu, nhum. Não, espera ele crescer né, muito novinho ainda

P: É que tu és jovem ainda, dá pra esperar né. Então, não sei se tens mais alguma coisa, se tu queiras falar mais dessa emoção, queira relatar.

E: Não sei o que que eu digo? Não se é porque eu ando muito com ele.

P: Tu consideras assim que isso é diferente das outras mães, essa emoção que tu tens?

E: Eu acho..

P: Tu conheces outra pessoa também assim?

E: Não.

P: Durante todo esse tempo que a gente se falou nas consultas, tu nunca tinha chorado assim, dessa maneira.

E: Não.

P: Tu queres resolver as coisas né

E: Não sei se é porque eu amo muito ele, amo, amo demais.

P: Que maravilha.

E: É.

P: Talvez toda essa tensão, essa ansiedade toda tenha também te ajudado a ficar tensa e querer muitas coisas e não poder amamentar. O fato de ser um sentimento de superação assim, que te domina. Uma emoção que te domina né, além do que tu podias ter como controle emocional na hora da amamentação. Na hora da amamentação a mulher tem que estar teoricamente tranqüila, pra poder conseguir descer o leite. É isso, isso deve ter te impedido um tanto. Pra fazer a descida do leite corretamente.

E: É.. é, calma

P: Tem que estar bem calma, consciente do seu ato, achando aquilo bonito, interessante, mas não inconsciente assim preocupado, tem que estar com um inconsciente tranqüilo. E quando tu falaste assim que tinha planejado, que tu dizia pra ele que ia amamentar ele né

E: Aham

P: Tens receio de que ele possa te cobrar isso?

E: O C.?

P: Aham

E: Não. Eu nunca cobre da minha mãe né. Nunca cobre

P: Só quem passa pela situação que entende. Que não é só o querer. Tem determinados fatores que entram entre a mãe e a boquinha da criança no sugar. E é esse o objeto da minha pesquisa, saber quais são esses fatores, quantos são esses fatores né que ficam impedindo a criança de receber é um ato mecânico, vamos

dizer, mas tem fatores ambientais e emocionais que impedem que isso aconteça. Mesmo que a mama esteja cheia de leite, a boquinha vai estar ali, mas tem alguma... Tem algumas coisas que impedem.

E: Impedem.

P: Não é simples não.

E: Não.

P: Não é só dizer, é assim, assim, assim, que não acontece dessa maneira. Então tá, vou te deixar agora a vontade pra você receber a sua ligação. Você tava nervosa já com o nenê. É aqui embaixo que ele tá?

E: Não sei, só falaram que o C. tava com febre, aí eu falei que eu tava aqui no posto. Aí a L. falou, ah a G. já teve aí e tu não tava, mas eu tava aqui dentro do consultório né.

P: Agora eu vou terminar e só fazer a complementação.

E: Aham

Quinta entrevista – K. 32 anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

E: É foi uma infância normal assim... depois na escola foi

P: Tens uma família grande?

E: Tenho uma família grande, somos em cinco irmãos né, seis comigo, três homens e três mulher. E... me formei né, estudei tudo me formei, e casei a primeira vez foi com o meu primeiro marido e tive dois filhos. Aí..

P: Casaste nova?

E: Casei, com dezessete anos.

P: Uma menina..

E: Era pra ter um filho já com treze anos

P: Tais hoje com...

E: Trinta e dois. E daí o meu primeiro filho faleceu.

P: De que K.?

E: De pneumonia, ele tinha refluxo no estômago e... ele aspirava. Aí tinha onze meses que ele faleceu, aí agora eu tive esse outro também que é do meu primeiro

casamento e também não nasceu assim, muito bem de saúde. Ele nasceu com aquela... A gente tem assim na garganta aquele pinguelinho né, o dele nasceu repartido no meio, metade pro lado, metade pro outro. Aí ele foi encaminhado lá pra Bauru em São Paulo, fez cirurgia.. Fez umas três cirurgias, falta mais uma ainda.

P: Fissura Palatina?

E: Aí fez três, mas falta tecido aí tem que fazer mais uma ainda, ele ta com dez anos, fez dez anos agora dia vinte e cinco. E... ele fala meio fanhinho assim né. E agora esse outro, ta com cinco meisinho, do meu segundo casamento.

P: Teve dois meninos... Um faleceu do primeiro casamento e esses dois do segundo..

E: Não, dois do primeiro e um do segundo.

P: Ahh dois do primeiro e um do segundo. E estudasse até que ano escolar?

E: Fiz até... esses tempos atrás tava ainda terminando antes de ficar grávida, to no segundo ano do segundo, eu tentei né..

P: E você fez foi aqui em Criciúma mesmo? Em que bairro?

E: Morava lá no Metropol.

P: E tu moravas com teus pais?

E: Morava com meus pais. Hoje em dia meus pais são separados né, acho que faz uns quinze anos já. Até a minha adolescência eles eram casados

P: Ahamm. E essa separação assim, já antes da separação... Era tumultuada, foi tumultuada?

E: É meu tinha muito... Meu pai bebia né e chegava em casa fazia o escarcéu.

P: Sempre do problema isso né?

E: Batia na mãe... Daí né era aquela situação.

P: Tu tens essa recordação a partir de que idade? Que vem a mente essa recordação da infância?

E: Eu que... desde que eu era bem pequeninha eu tinha... uns cinco anos.

P: Então tu te lembras do teu pai já era nessa situação?

E: Já desde nenénzinha quase assim

P: Com vocês também?

E: Não, nós nunca... nunca apanhei do pai assim, ele nunca botou a mão em mim, mas era só ele falar... ele já...

P: Ficava com medo. E hum... ãhh... Foi com quinze anos que você casou pela primeira vez?

E: Não foi com dezessete

P: Dezessete e nesse período a família ainda era toda...

E: Era... depois que se separaram

P: Era, sempre com o mesmo problema mas... Tu te lembras se tu foste amamentada pela tua mãe?

E: A mãe disse que todas nós fomos amamentadas.

P: E a tua adolescência como é que começou? Foi uma adolescência feliz? Tu saias com as tuas amigas?

E: Eu não aproveitei muito, porque eu casei cedo né. E aí quando a mãe começou a me soltar, já... não demorou muito eu casei.

P: São irmãs mulheres? Só mulher?

E: Três mulher e três homens.

P: Tu és a mais nova?

E: Sou a mais velha de mulher.

P: A mais velha de mulher... Tinha que dar exemplo... Não podia sair... E aí já em seguida já assim... Começou a sair de casa, casou. Esse teu primeiro bebe que nasceu, chegaste a amamentar ele?

E: Não, nenhum deles.

P: Nenhum dos três filhos?

E: Não, o primeiro ele ,ele nasceu... Porque é assim, o meu ex-marido tem problema já na boca daí não sei se é hereditário, não sei, não sei como é que é. Falaram lá no hospital que é né, lá no hospital de Bauru de São Paulo que é hereditário né, que os meus filho, a maioria vem tudo assim né. O meu primeiro filho nasceu com a gengivinha coladinha assim. Lá no hospital São José mesmo eles já passaram a navalhinha ali, já cortaram né. E como o meu peito... eu não consegui dar de mama para ele, mas eu sempre tive vontade. Eu nunca... Até assim eu nunca tive trabalho. Que é a primeira vez que o... meu outro marido eu pensei agora esse eu vo pode da né, porque não vai nasce com nada né.

P: Sim

E: Vai nascer comigo né

P: Uhum

E: Mas mesmo assim não adiantou, não sei se já veio da minha mente que eu não consegui sei la.

P: Uhum

E: Acho que já meio preocupada

P: E tu tá, ficou preocupada por causa do primeiro, o que tu imagina assim preocupada com o que, em que sentido tu fica preocupada?

E: Não assim, eu queria muito amamentar daí não sei se aquela a minha preocupação de não passar pra ele... porque o meu leite, não, não descia e eu não sei se eu ficava nervosa na hora, por isso que a gente tem que ficar calma né.

P: Ficar calma

E: E daí não... daí uma coisa juntava com a outra daí não...

P: É difícil ficar calma quando o nenenzinho é pequeno né. Tu tinhas ajudas nesses momentos de amamentação?

E: No meu primeiro filho não, no meu segundo filho eu tive ajuda.

P: De quem?

E: Lá no hospital, eu ia lá pra eles tirar o leite, ele mamou na sonda até os sete meses.

P: Recebeu o teu leite então?

E: Recebeu. Lá no hospital me ajudavam, e o meu marido também ajudava, saia bastante

P: Aham... E o primeiro tu não tinha produção mesmo?

E: É daí botava a maquininha, botava na...

P: Seringa..

E: Na seringa e daí dava pra ele. Ele tomava assim acho até uns quatro meisinho, depois não consegui, não conseguia mais tirar né. Daí ele tirava com a mão e daí tirar o tempo todo assim machuca né, daí não conseguia mais. Até os quatro meisinho acho que ele recebeu o leite materno e foi o que menos ficou doente, ele tinha esse problema mas não vivia doente.

P: Esse segundo filho então, o primeiro do segundo casamento, aliais, não recebeu leite nem um dia?

E: Não.

P: Chegaste a tentar?

E: Cheguei a tentar.

P: O que acontecia?

E: Ele não conseguia mamar no peito ele não pegava e eu acho que não deu três dias meu leite secou.

P: Então tu não tinhas produção nenhuma de leite?

E: Nada.

P: E ele chorava, ele também não fechava a boca, como é que era? Ou logo recebeu a mamadeira no primeiro dia?

E: Ele logo recebeu a mamadeira. Dei chuquinha pra ele, daí ele dormiu e...

P: Foi parto normal? Todos os três?

E: Todos os três.

P: Todos os três... aham...

E: Dois foi aqui e um em Jaraguá do Sul. Esse meu segundo foi em Jaraguá do Sul, cidade pequena. Meu primeiro foi aqui e o meu segundo só em Jaraguá.

P: E a participação da tua mãe assim, a tua mãe vive tudo né, a tua mãe participou dos partos?

E: Não... bem pouco. Bem pouco, porque a mãe já é cheia de problema, ela é meio doente, tava com um negócio no pé, agora vai fazer uma cirurgia, agora mês que vem, ninguém descobre o que que é.

P: Quem é que te auxiliava assim na hora dos partos dos familiares?

E: Olha...

P: Nenhuma irmã...

E: No primeiro foi minha tia, que é madrinha dele, meu segundo foi sozinha e assim meu terceiro também, foi sozinha.

P: De mulheres ninguém...

E: Não...

P: E de homens assim quem que te ajudou?

E: Meu primeiro marido ajudava mais, esse meu segundo já não. Ele é mais novo que eu, então ele não tem assim tanto... assim, tanta, tanto juízo assim, não sei se porque ele é mais novo que eu, então eu sou mais velha, então né..

P: Você é mais velha?

E: Ô sou bem mais velha que ele. Ele tem vinte e um, é um moço.

P: Vocês namoraram?

E: Eu morava sozinha né, aí ele me conheceu, queria porque queria morar, foi morar comigo e aí até hoje

P: Aham... Que bom. E esse então tu não sente a participação...

E: Não, ele é bem diferente. Bem diferente do meu primeiro marido.

P: E ele assim não participava, mas te incentivava assim ou te desestimulava?

E: Qual esse primeiro?

P: É... Assim se tu consegues fazer um paralelo dos dois.

E: Ahh o meu primeiro marido era bem diferente desse, ele participava bastante. Eu ia viajar, ele ia junto, eu acho que é porque a gente tinha a mesma idade né. E até hoje né. Tanto é que esse meu primeiro marido, esse meu filho tá com ele né. O meu segundo filho ta com ele. E esse meu outro já não, ele já é mais assim desligado, ele queria muito que eu tivesse essa criança porque ele não tem irmão, mas não sei... achei que ele ia ficar assim mais... a hora que o menino nascesse, mais não.

P: Na realidade o teu segundo filho tu amamentou. De forma heróica porque a criança não sugava e mesmo assim tu conseguiste produzir leite durante quatro meses. Daí tu te refere que tu tiveste a participação importante do teu marido.

E: É..

P: E o que houve pra vocês se separarem?

E: Ahhh é uma história muito grande.

P: É.. Ele usava tudo... Até a vida financeira da gente. Ele não trabalhava muito daí a gente passava dificuldade. Foi uma soma de bastante coisa

E: E eu sempre trabalhei, sempre, sempre, sempre. Agora que eu também tou parada porque eu tenho esse neném né. Sempre trabalhei, daí aquilo ali foi me desgastando né. Daí chegou uma época que eu já não conseguia mais levar o casamento pra frente porque eu acho que tudo tem limite né, a gente não consegue guentar muito tempo.

P: E esse segundo marido te ajuda financeiramente?

E: Ahh ele trabalha. Nossa relação assim, com esse agora, apesar de ele não ter muita experiência, eu acho que com esse é melhor. O outro era mais pai assim, voltado para os filhos. E esse já não é tanto, mas em compensação em outras coisas ele já...

P: É mais presente?

E: É

P: E esse então, até por inexperiência, sentiu que não te deu incentivo, mas não teve a participação de outros familiares?

E: Minha sogra mora perto assim, mas ela também não me ajudou porque ela é doente, ela tem trombose nas pernas, daí ficava com as canela inchada. Parava na cama e daí não tinha como me ajudar. E minha mãe não mora aqui né, mora lá no Turvo.

P: Ahh mora em Turvo. E as tuas irmãs todas tão longe?

E: Uma mora em Porta Alegre, outra mora em Turvo também, aí fiquei sozinha. Minhas irmãs tão longe, minhas cunhadas trabalham.

P: E a tua mãe assim, naquela problemática toda. Então com certeza as tuas irmãs todas também passaram por isso né?

E: Do aleitamento materno? Essas coisas?

P: É mesmo assim ela conseguia aleitar...

E: A minha irmã do meio ela amamenta os filhos dela até três anos, eu acho engraçado. Ela com a menina de um ano e nove meses, ta mamando ainda, o médico disse que tem que tirar. Ela suga o peito a noite inteira como se fosse uma chupeta.

P: E aí não dorme.

E: E o médico disse que aquilo ali já não é mais... que aquilo ali já é um vício, que não é fome que a menina sente, é como se fosse uma chupeta. Igual o meu, a gente bota o bico na boquinha dele, ele pára. E ela quer ver pindurada no peito dela.

P: E a outra irmã. São três né?

E: A mais nova, essa aí tem vinte e quatro anos. Essa aí eu não lembro se ela amamentou. Ela mora longe de mim né. Mas essa do meio... Os três filhos dela. Todos eles.

P: Então na realidade, todas as questões do nascimento, tu teve que contar basicamente contigo? Não tinha auxílio dos parentes do lado do marido, nem do teu lado? Pelo distanciamento, por situações de...

E: Na verdade não digo assim que eu... mas tudo que eu consegui na vida, foi tudo sozinha, tudo, tudo, tudo. Até no meu segundo casamento, eu fiz a minha casa, trabalhei, claro que ele ajudou a construir, mas ele ajudou com a mão-de-obra, eu ajudei com dinheiro, eu trabalhei, fiz a conta na firma...

P: Com esse marido agora?

E: Não

P: Com o primeiro...

E: Com o primeiro. Juntou tudo. Eu tenho um carrinho meu, eu também trabalhei... foi toda a vida assim. Eu acho que eu já levo isso comigo de batalhar sozinha, não conto com ninguém

P: E no caso assim, a gente transferindo, para a amamentação né, que é meu tema assim, por essa necessidade de tu saber que só contigo isso pode ter te deixado mais estressada? Tu trabalhavas fora nesse período?

E: Não, nesse período eu saí.

P: Pediu as contas?

E: É, porque eu passei muito trabalho nessa gravidez, eu passei muito enjoô, eu fiquei com medo agora, trabalhar assim grávida, daí fiquei em casa. Eu tive ele, mas a hora que ficar maiorzinho eu volto de novo.

P: E do primeiro tu já trabalhavas também?

E: Trabalhava. Primeiro, segundo..

P: E tinha aquele tempo de voltar pro trabalho, como era?

E: O segundo eu voltei quando ele tinha onze meisinho, o primeiro eu não lembro, acho que foi um aninho por aí.

P: Não chegasse a ter que cumprir aquele código assim de quatro meses.

E: O segundo eu fiquei, voltei, trabalhei acho que uns três meses, saí de novo porque não consegui porque era muita correria. Até a firma fez acordo comigo, recebi o meu seguro, aí depois quando eu queria eu voltava de novo. Até uma prima lá de Ararassu trabalhou três vezes no mesmo lugar. Ficharam três vezes.

P: Você disse assim no começo que queria muito amamentar, porque isso?

E: É uma vontade que eu tenho. Não sei... é vontade.

P: Vontade assim, mais de experiência...

E: Eu acho bonito, eu acho bonito... e eu queria ter. Aquela minha irmã de Porto Alegre eu tenho uma inveja, ela vem ali em casa que vai amamentar a filha dela eu acho lindo. Queria tanto, tanto que não dá certo.

P: O teu nasce e não dá certo...

E: Até no começo quando o meu nasceu que tinha uns quinze dias, ela veio ali e deu o peito pra ele. Eu quase morri... mas não fez mal.

P: Não faz assim na realidade, só ele não estaria recebendo as proteções de imunoglobulina que são os anticorpos que só a mãe da gente fabrica pra gente mesmo durante a gravidez.

E: Aí tirava a boquinha assim chiringava assim...

P: Meu Deus... Isso tu sente falta na tua vida assim de mulher?

E: E não dá pra eu conseguir mais porque é meu último né.

P: Já fez?..

E: Não, não fiz mas não quero.

P: Aham

E: Só se acontecer né...

P: Teve três meninos, apesar de que foi... tu quer uma menina né?

E: Sempre quis né, uma menina... Mas daí tu não fica tentando né, vai que vem outro menino...

P: Pois é... lá na minha família o pai que dizia, o falecido pai, que ele tinha três filhos, a mãe tinha perdido um menino também e ele ia conseguir a menina que daí veio eu né, mas daí veio outro menino atrás de mim né. E aí só tu de menina é...

E: Só eu de menina...

P: E essa sensação de não poder amamentar te deixou assim com inferioridade ou essa emoção de amamentar é só naquele momento que aconteceu e daí depois... Tu dizes que ficou com inveja da tua irmã no bom sentido, agora né...

E: Igual assim né, no hospital, quando eu ganhei eu já tive uma palestra lá. Aí as enfermeiras já sabiam do meu problema porque a médica ia no quarto e falava né, por sinal que ninguém desse mamadeira pra ele, aí como eu fiquei com peninha, eu liguei pro meu marido, pedi pra ele levar uma garrafa e dei escondida pra ele para elas não ver né. Eu pedi pra ele levar mamadeira. Mas eu não sei, eu me senti assim mal porque elas falavam, porque elas achavam que eu que não queria dar. E eu... elas insistiam eu dar, mas elas falavam, parece que elas falavam assim que era eu que não tinha vontade.

P: A palestra é dada por quem lá?

E: Era dada por uma fleira

P: Uma freira?

E: É...

P: Aham

E: Aleitamento materno. Elas mostram ele andando aí vai explicando tudo.

P: E a colocação dela é em função de obrigação?

E: É que o aleitamento materno é importante pra criança e eles querem que mamem de um jeito ou de outro.

P: Nem olham pra saber o que é... Chorava?

E: Às vezes chorava. Até na palestra assim ela tentou botar no meu peito, fez que quis mas não amamentava.

P: E nasceu com o peso bom?

E: Nasceu, três e oitocentas.

P: Ótimo, isso é um dado bem forte né.

E: É... hoje em dia ele ta com quase nove com cinco mês.

P: Aham... Isso é bom né. E aí você saiu imediatamente do hospital, foi parto normal, saiu no outro dia e aí em casa não chegaste nem a tentar?

E: Tentei, tentei... nossa, tentei um monte. Tentei tirar com a maquininha, mas não saia mais nada. Nem perdeu nada, secou mesmo, nem perdeu nada...

P: Aham... E durante a gravidez tu não sentias o leite?

E: Durante a gravidez... isso aí que eu acho engraçado, porque o meu primeiro filho, com cinco mês, quando ia deitar assim, de manha eu acordava toda molhada e esse aí não saia nada.

P: Tu começaste a trabalhar com dezessete anos, antes do teu primeiro casamento?

E: Não, bem mais, comecei com quatorze anos.

P: Quatorze anos... Trabalhava no que?

E: Qualquer tipo de coisa, até no final eu tava trabalhando... eu cuidava de um setor, era ótimo, eu cuidava do preço, fazia costura, fazia a peça inteira.

P: Tu trabalhas então... É costureira?

E: É... foi meu último serviço, até se eu quiser voltar eu entendo ainda.

P: E tu te sentes uma mulher alegre, feliz? Como é que tu te sentes?

E: Não muito não..

P: Não sei se é hoje a gente se conhece pouco, mas durante a consulta, parece que você ta meio assim tristonha.

E: É... não sei, acho que é o frio. Não, mas eu não... as vezes eu fico pensando assim que eu podia ta melhor de vida assim né... que a gente, vivendo e aprendendo né.

P: Aham..

E: E aí... é isso aí

P: Como diz um ditado né, pra gente saber levantar precisa ter caído, senão como é que a gente vai aprender a levantar se a gente não cair. Mas desde o começo você te sente assim meio tristonha, ou quando passa o período, uma fase, do mês.

E: Não..

P: Na TPM aquela né...

E: É acho que é mesmo..

P: Tem mulheres que ficam bem diferentes nesse período da menstruação. As pessoas assim demonstram né. Tem umas que demonstram mais que outras

E: Também diz que a gente nunca tá contente com nada né. Tem gente pior que a gente, às vezes à gente tá reclamando de barriga cheia.

P: Isso é bem importante né..

E: Quantas coisas que passam?

P: É a gente tem que agradecer muitas coisas né, a gente se deixa levar por algumas emoções, mais negativas e fica... Transfere inclusive pra família

E: É a gente não quer a situação que passa com a gente.

P: O filho tranquilo, tá sem doença nenhuma agora.

E: A minha felicidade mesmo é... a gente não passa dificuldade financeira porque não tá desempregado. Ele começou a trabalhar ontem, semana passada ele me ligou lá que ele tinha ido fazer teste. Mas ele trabalhava antes na montagem de telefone, tava quase... daí ganhava bem, daí parece que a Brasil Telecom comprou não sei o que lá, daí teve falta de serviço, daí dispensaram ele, mas também botaram de novo. Mas o que me deixa feliz mesmo é o menino. O menino que me deixa feliz porque qualquer coisinha com ele, se ele tá doentinho, parece que o mundo desaba. Eu não me importo com casa, não me importo com... não me importo com nada.

P: Tu vê com que frequência o teu outro filho?

E: Ahh bem pouco, porque esse meu marido e ele, eles não se dão muito bem, ele já tem dez anos.

P: O marido com o filho não se dão bem?

E: Meu marido é... mas ele nunca se mudou, é incrível.

P: E porque ele foi morar lá?

E: Não porque na época eu trabalhava, quando eu me separei ele ficou comigo, quase três anos. Acho que quando ele tinha uns cinco aninhos ele foi morar com o meu ex-marido.

P: Aham

E: É que eu trabalhava e eu precisei levar pra Bauru de novo pra fazer outra cirurgia. Quando eu voltei ele tinha que comer tudo batido no liquidificador e eu tinha que voltar pro serviço. Aí eu deixei com a minha ex-sogra lá né, porque até hoje a gente se dá bem, daí deixei ele lá pra ela cuidar dele né, imagina ele tinha que comer tudo

batido no liquidificador. Aí ela ficou, daí foi ficando, foi ficando. Aí pediu pra deixar ele lá, daí eu deixo porque.

P: A empresa..

E: É a empresa e a minha sogra mora ali no pinheiro

P: Ahh no pinheirinho

E: É e eu vi assim que com ele tava assim mais bem cuidado. Minha família não tem como me ajudar e então com eles, eles são uma família assim mais unida, eu tive a minha ex-sogra, minha ex-cunhada, daí dá mais orientação pra ele.

P: Mas pai e filho não se acertam?

E: Esse meu marido de agora, com ele, meu filho de dez anos, por isso que eu não trago muito, mas de vez em quando eu trago. Porque também assim a minha casa é pequena, eu tenho um quarto e ele já tem dez anos

P: Sim, um adolescente.

E: Eu até to fazendo uma casa pra ele morar, porque ele tá na casa da minha sogra, daí eu até disse pra ele que a hora que eu tiver uma casa maior ele vai vir morar comigo, pelo menos final de semana né.

P: Sim, é importante pra ele manter o vínculo..

E: E eu não sei se é porque ele ta numa idade assim que ele já entende bem, ele implica com tudo, com esse meu marido.

P: Que é um fato até normal, vamos dizer assim né. Se ele mora com o pai desde pequeno... Filho sempre quer unir os pais. Isso aí sempre tem na esperança dele ainda que vocês vão se juntar de novo.

E: E o meu ex-marido até hoje se eu quiser..

P: A decisão foi tua na época da separação?

E: E hoje em dia, não digo agora, mas antes de eu ficar grávida, ele tinha esperança de nós voltar, mas depois desse menino, eu acho que...

P: Mas ele arranjou um emprego?

E: Ele faz bico né, porque na época era assim aquela situação que ele não gostava muito de trabalhar né. Ele tinha muito problema de saúde. Diz ele também, porque eu não... acho que era da cabeça dele. Ele vem de uma família que eles vivem inventando doença. Daí depois eu sai de uma religião que guardava o sábado. Daí ele pegava um emprego, trabalhava no sábado. Aí isso aí me stressou. Aí quando eu via que eu trabalhava, trabalhava, trabalhava até morrer e ele...

P: Descansando, sábado e domingo...

E: Aí um dia eu trabalhava... eu tinha uma facção com a mãe, aí eu fazia peça para a Tituka lá no centro, não sei se tu conhece?

P: Aham

E: Aí eu tinha que entregar umas camisetas, daí eu tive que dar um pau pra terminar. Isso que eu levava o menino comigo, levava a bicicleta, fazia lá, depois voltava embora, e ele em casa. Aí no domingo ele disse que não era pra mim ir, daí eu disse ohh eu tenho que ir porque tenho que terminar. Daí ele disse que se tu ir tu vai ver, daí eu peguei o menino, daí quando eu cheguei em casa, a casa era nova né, ele tinha tirado todo aquele miolo da chaveadura pra mim não entrar dentro de casa e eu com o menino na rua. Daí eu disse tu não vai abrir a porta? Tu vai te arrepender heim. Daí eu peguei o menino, fui na casa de um parente dele, pra não dizer que eu dormi na casa de outras pessoas né. E daí depois eu encostei o caminhão, levei tudo e até hoje... Foi uma separação assim que eu tenho certeza que a culpa foi dele. Toda a vida que a gente conversa, ele sabe assim que a culpa foi dele.

P: E ele deve estar te esperando então ainda...

E: Ele deve, mas eu to cansada.

P: Tem que reestruturar a família e cabeça..

E: E eu tinha comigo que aquele casamento ia ser único. Mas não aconteceu né...

P: E na época tu te sentias mais feliz? Tu já disseste que não. É... a relação de mulher assim, se tu consegue, não sei se tu consegue separar a parte mãe da parte mulher assim, se tu fosse mais feliz na época com o teu outro casamento?

E: Não.. nhunhum

P: Como mulher tu também te sente mais realizada agora. Também tem que ter a parceria né

E: Aham

P: Só um lado batalha o outro fica pra trás, não dá.

E: Daí não vai pra frente né, eu só ganhava mais ou menos pra comer né, porque..

P: E a relação com o teu pai? Tu te encontras com ele ainda?

E: Tenho...

P: Tens...

E: Tenho mas não é uma relação assim, muito, muito boa não.

P: Continua igual como era.

E: É..

P: A mesma doença, sempre bebendo..

E: É.. casou-se com outra, teve um monte de filho, uma escadinha. Converso com ele tudo, mas não é aquela... não sei, hoje em dia os filhos tem mais intimidade com os pais né, e eu não consigo, até quando chego perto, é benção pai... aquela coisa assim né.

P: É além do que.. É saudável. A intimidade parece ser maior, né? Falta até o respeito muitas vezes.

E: É... até o meu filho de dez anos fala assim comigo que eu fico até... boba de escutar porque...

P: Tira da onde né... Televisão... O incentivo da televisão. Mas assim, então em relação ao aleitamento, a tua emoção é de...

E: Se eu conseguisse, todos os meus filhos, eu dava até bem mais, eu tinha vontade. Até um dia quando eu vim consultar contigo, ele tinha dois meisinho a primeira vez né, tu me disse que o leite ia descer, ohh que nada...

P: Nada.

E: A vontade é grande, mas...

P: Chegava a ficar bastante tempo com ele assim com ele mamando?

E: Chorava, chorava, ele era bem esfomeadinho, até hoje né. Até já dar três horas, eu digo, ele já ta querendo mamar.

P: E têm algumas coisas assim, de repente, as gravidezes assim, quem sabe seja uma das respostas. Esses dois meninos que tu não produzias o leite. Foram gravidezes tranqüilas?

E: Foi, o meu primeiro menino é que foi mais..

P: E do último agora foi mais tranqüila

E: Foi, aham

P: Foi em casa se cuidando, você saiu do emprego né.

E: Aham

P: Então não teve relação com o não produzir leite. Se a mãe ta tranqüila a expectativa é que desça o leite né. Mas não aconteceu isso. Tu não tem nenhuma explicação em relação a isso?

E: Eu até comentei com a minha irmã de Porto Alegre, agora esse eu vou dar de mamar.

P: Aham. E em relação a elas? Elas ficam assim te fazendo algum menosprezo? Porque tu não amamentaste, por exemplo?

E: Elas dizem que é bom dar pra criança porque faz bem e também pra gente né. Porque daí eu comecei a dar aquele nam e é super caro né. E é isso aí né, as vezes a gente ta num emprego mas não ta garantido que vai ficar toda a vida naquele emprego né. Daí fica desempregado, daí ela queria que eu desse mamar já por causa disso também né. Até ela foi lá em casa, falou com a minha sogra e disse conversa com ela, faz ela dar o peito pro neném, incentiva ela.

P: De nado adiantou?

E: Não

P: Quer contar mais alguma coisa em relação..

E: Não.

P: A tua vida, assim algum detalhe que possa esclarecer o porquê tu guarda tanto essa vontade de amamentar... de produzir leite. Ou também o filho não quis os dois filhos também não quiseram né?

E: É... os outros dois eram menorzinhos né, dois quilos e novecentos, mais ou menos.

P: Mas esse gordão mesmo, ele não sugou o teu peito?

E: É..

P: Ele não chegava a abocanhar?

E: Chegava... ele até chegou. Pegava um pouquinho, depois largava não queria mais.

P: Até no início é bem ralo o leite, assim, tem bastante nutrientes dentro, mas ela não tem cor. Mas eles confundem que ali é pouco é fraco. Mas na verdade são períodos que a produção do leite tem que passar. Inicialmente incolor, depois ele fica transparente né, é o primeiro leite né, daí depois ele vai criando outra cor.. Então táh se tu não lembras alguma coisa a mais à gente pode encerrar.

E: Não..

P: Pretende voltar a trabalhar em seguida já.

E: O mês que vem eu quero ver se volto, quando tiver maiorzinha

P: Ahamm

Sexta entrevista – M. 27 anos.

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

E: Bom, boa tarde Dra Solange, a minha infância eu tenho memórias muito curtas e da minha adolescência, porque a minha mãe ficou viúva com trinta anos né, daí onze filhos pequenos pra sustentar. Então teve aquele trauma, tivemos que começar a trabalhar muito cedo. E a minha adolescência só foi isso, trabalho

P: Tu és de Santa Catarina mesmo?

E: Sou de Santa Catarina, nós morava em Timbé do Sul, aí quando minha mãe ficou viúva nós viemos morar pra cá, pra Criciúma. Então aí cresci nesse ritmo, eu trabalhava, vendo meus irmãos trabalhar também pra nos criar, também tive que largar os estudos cedo pra ajudar eles na criação do resto.

P: Até que série tu estudou?

E: Passei pra quinta série, fiz a quarta completa. Aí foi quando o meu irmão veio e me disse que tinha que escolher o emprego, ou o estudo aí a minha mãe não tinha condições de dar os materiais e nem ele daí eu tive que optar pelo trabalho aí eu parei de estudar, aí eu comecei a trabalhar, aí não demorou muito eu casei também bem cedo, com dezesseis anos eu já tava tendo o primeiro filho

P: Mais ou menos parecida com a história da tua mãe?

E: Isso

P: Tua mãe também com trinta anos tinha. Porque ela começou bem cedo.

E: Minha mãe tinha quatorze anos. E eu casei com quinze pra dezesseis e com dezesseis eu tava tendo o primeiro filho. Na amamentação a maioria dos médicos não acreditam, mas o meu leite não é suficiente.

P: Aham..

E: Na primeira eu não me esforcei muito, aí eu vi que não tinha, que ela chorava de fome e aí eu passava pra mamadeira e eu comecei a dar mamadeira e depois o segundo aí também a mesma coisa, mas aí me esforcei até os quatro meses, aí foi onde eu dei o outro leite. Aí chegando o terceiro filho, como eu tenho que voltar a trabalhar, ela vai ter que acostumar com a mamadeira. Mas é sempre a mesma rotina, também não procurei alguém pra me ajudar, pra amamentar um pouco.

P: Então assim a tua adolescência foi bastante trabalho, desde o início, e assim conseguisse além de trabalhar ter uma qualidade de lazer, de... Diversão? Ou logo, já... já assim, se envolvesse com a maternidade?

E: Não tive muita diversão, então até acho que foi por isso que também casei cedo né. A mãe prendia muito a gente, daí logo eu já casei, não tive muito tempo... Já logo casei, me juntei e parti logo pra ser mãe.

P: Já no primeiro relacionamento ficasse grávida, tens uma menina de seis anos né, não tinha conhecimento assim, já logo ficou grávida.

E: Ahh conhecimento assim até que tinha né, mas sabe que a primeira herança que adquire é filho né, eu queria filho né, daí não pensa no resto. Daí também já tinha vinte e nove, daí também tava com medo de não conseguir mais, daí eu queria um filho. Daí eu tive que pensar muito.

P: Daí tu parasse de trabalhar durante todo esse período?

E: Daí eu peguei licença maternidade, daí parei. Não botei a menina na creche. Do Isaac também não trabalhava. Não foi do serviço não. Dessa aqui é por conta do trabalho. Deles não, deles é porque não tinha. Até eu tava... amamentei até quatro meses, mas assim, não aumentou muito de peso não. Ele não tava engordando. E eu também não tenho muito leite. Até, oh, a menina ta com quatro meses, se eu fosse boa pra ter leite podia espremer que ia sair. Desde quando ela parou, nem enchi, assim, nada. Parecia que nem tinha filho pra amamentar.

P: E essa tua bebê, já essa gravidez tava nos teus planos... Por exemplo, aquela de quando você tinha dezesseis anos o teu esposo já desejava, até pela idade que ele tinha...

E: ... Essa aqui tava por ele também... quer dizer... essa não é dele, veio no período que eu me separei do meu primeiro, casei com o segundo, então não tem filho nenhum, então daí ele queria. Eu não queria mais né, se eu pudesse não queria mais.

P: Você ficou quanto tempo casada com o primeiro?

E: Oito anos.

P: Então dos dezesseis anos, até vinte e quatro ficasse com o primeiro marido.

E: Isso... daí não deu mais certo. Aí... e o Isaac, o do meio é que só aconteceu né, não foi porque eu queria. Mas essa aqui até que foi meio programada.

P: Depois de quanto tempo nesse segundo casamento vocês vieram ter o bebê?

E: Ah, quando eu me juntei com ele tava separado do outro... seis meses, daí levei mais... acho que deu um ano

P: Então não foi logo de primeiro, você ficou um tempo...

E: É consegui ficar um tempo sem ter filho, depois é que eu...

P: O que te vem a cabeça, quando tu pensa assim de filho, assim pra ti?

E: Ah, vem uma responsabilidade tremenda... vem uma responsabilidade, preocupação, penso muito o que vai ser deles, a vida ta cada vez mais pior. Penso tudo, me preocupo até antecipadamente. Se eu pudesse ter esperado mais, assim, seu eu tivesse filho só nessa idade agora, eu não teria todos os três. Porque ter filho é uma responsabilidade, sem contar que a gente perde a maioria do tempo com eles. O dia inteiro. É ter preocupação, é igual... eu trabalhar, porque aí quem ia cuidar dela, porque a creche não tinha vaga, é ter preocupação tremenda.

P: E o teu empregador... tu trabalha de carteira?

E: Carteira assinada

P: Ele não tem nenhum tipo de discriminação em relação a ele dar empregos pra... Tu já tava grávida?

E: Não, não tava. Até ele diz que eu peguei grávida lá dentro, mas não. Eu comecei em março a trabalhar lá, engravidei em maio. Daí eu lutei... porque eu sou a primeira a engravidar lá dentro. E a única. Porque (risos) ninguém mais engravidou. Tanto que ele disse que depois vai me botar pra rua. Então... eu só to esperando né, tô esperando ser demitida quando eu encostar. Quer dizer, já voltei da licença de férias, e a agrovícola de galinhas, ali no Santo Dumont...

P: E eles fazem esses questionamentos, assim quando tu foste procurar emprego?

E: Não. Não perguntam nada. Ele só falou pra mim o dia pra mim começar a trabalhar, daí eu comecei a trabalhar, só fui ver o rosto dele quando ele me chamou pra trazer os documentos. Não perguntou se eu tinha feito laqueadura, se eu ia engravidar... não fez pergunta nenhuma.

P: Então é uma empresa que não deixa de dar emprego pra mulher na idade fértil, mas depois, não quer que engravide. Vamos voltar um pouco nesta parte do teu dia a dia enquanto criança, né. Você era a mais nova.

E: Não. De menina eu sou a do meio, a mãe tem três gurias. Aí tem mais cinco homens, a mais nova ainda ta em casa com mãe.

P: Ela amamentou vocês?

E: A mamãe conta que quem mamou mais foi só o meu irmão... o terceiro, depois o mais velho. Depois também ela não tinha muito leite, deu uma anemia muito forte... depois não amamentou mais.

P: Mas ela tinha pouco tempo, possivelmente, de aleitamento porque engravidava muito rápido, né?

E: Isso, dava só diferença de um ano. Daí não dava pra ta amamentando direto. Daí ela já partia logo pra mamadeira.

P: E as tuas irmãs? As duas irmãs. A mais nova não tem filhos ainda né?

E: A mais nova não teve filhos ainda. A mais velha caso cedo, mas já se separou, agora ta sozinha, tem quatro filhos, também não amamentou. Mas ela é porque não quis mesmo, ela tinha bastante leite. Exige um certo tempo né, as vezes, quando são bem bebezinho tão mamando a toda hora, quase de meia em meia hora eles querem mamar, aí ela não tinha paciência.

P: Do primeiro, pro segundo filho, tu estas...

E: Cinco anos de diferença.

P: Do segundo pra esta...

E: Quatro anos...

P: No caso a tua irmã é porque não tinha paciência. Tu não...

E: É, eu já tinha mais paciência.

P: E a tua relação assim, familiar, com o teu marido. Ele sabe, como é que ele aceitou o fato de tu não amamentar o teu bebê, ou o outro também, porque ele queria tanto um filho?

E: Amamentar nenhum dos dois parece que se interessa muito, não vê a importância do aleitamento materno porque... a sogra é que não queria que eu desse mamadeira de jeito nenhum.

P: Essa sogra?

E: Isso essa agora, a outra não ligava. Cada vez que eu deixava de amamentar eu na farmácia comprava logo o Nam e pronto. Aí essa minha atual, daí ela queria que eu amamentasse. Ela e a minha cunhada, começou a fazer força. O meu marido fica meio neutro, não diz nem que sim, nem que não. É muito novo!!

P: O teu marido?

E: É o meu marido. (risos) É que ele é mais novo que eu.

P: E o que é que tem.

E: Eu tenho vergonha de dizer que ele é mais novo que eu. (risos) Ele tem 22.

P: E tu, quantos anos tu tens?

E: Eu tenho 27.

P: A diferença é pouca. Tu achas que te sente diferente, discriminada por isso?

E: É que eu sempre achei... agora paguei e peguei um mais novo que eu. Agora com a nossa relação assim é boa, ele é bem carinho, é bom com as crianças. Trabalha.

P: No caso, tu acha que em casa tu, as coisas são adequadas pra criar o teus filhos.

E: Na medida do possível, porque hoje em dia os preços tão muito alto, mas o essencial dá, a gente consegue manter. Com a minha renda, a dele né. A gente consegue. Só de fralda descartável a gente gasta 60 pila, só pra ela.

P: Usa sempre fraldas descartáveis? É melhor pra criança.

E: É, ainda mais que ela tem esse probleminha.

P: Então assim, atualmente quem te pressionou um pouco sobre o aleitamento foi a tua sogra e a tua cunhada. E lá no hospital ti deram alguma ajuda, ti deram alguma palestra, alguma coisa?

E: Palestra eu não tive. Não lembro quem foi, acho que foi uma freira. Eu tava amamentando ela, daí ela disse como se deveria segurar na posição, mas só isso.

P: E tu já tinhas lido, tu sabias. Tu és bem informada.

E: Não, eu não sou bem informada. Mas quando eu tava grávida dessa eu vi num elevador, não lembro se foi no hospital, um cartaz que marcava ali ajudamento sobre aleitamento materno. Até cheguei pra perguntar pra enfermeira, dá pra mim fazer isso agora, ou só depois que ganhar o bebê. Ela disse que era só depois que ganhar. Aí acabei ganhando, aí depois eu nem fui a procura deste ajudamento sobre aleitamento materno.

P: E que idade tu tinha quando o teu pai faleceu?

E: Ah, eu era a mais nova, porque a minha mãe tava grávida da minha irmã. Acho que eu tinha três aninhos ou dois porque, ela é de 81, ela tem vinte e dois e eu tenho 27. No caso ela é a caçula. Daí acho que dá uns três anos. Como eu já disse na entrevista minha memória é meia curta. Aí eu nem lembro.

P: Foi meio duro...

E: Eu não tenho recordação. Sei que foi meio duro. Acho que tinha uma mulher que ajudava a mãe bastante. A mãe do Décio Góes, ela sempre ajudou. Ela que bem dize... até nós se virar, poder trabalhar... Se não a mãe não teria conseguido ir até aqui. Porque, na verdade minha mãe foi mãe de quinze filhos, né. Porque eu só contei os vivos, tinha quatro mortos. Com trinta anos minha mãe ficou viúva.

P: Então ela tinha tido quinze gravidez?

E: Ela teve quinze gravidez durante o casamento dela. Morreram quatro.

P: Então tua mãe é bem jovem, hoje ela tem quantos, ela tem 57?

E: Isso.

P: Ela é nova. E não tem companheiro.

E: Não.

P: Tem fatos marcantes na tua vida, de criança, de adolescente ou depois de mãe que tu queiras relatar?

E: Não que não possa ter acontecido, eu lembro mais é só essas coisas assim.

P: Depois que começou a trabalhar...

E: Pra começar eu comecei trabalhar, eu trabalhava de babá, sempre daí a minha rotina era sempre do trabalho pra casa, da casa pro serviço. Daí logo em seguida em casei, aí os primeiros tempos foi ruim, (risos) demorei a acostumar. Uns quatro anos foi bom, daí ele começou a mudar, a minha vida começou a ficar mais ruim ainda, depois veio mais o Isaac, o menino, daí viemos morar aqui, porque antes a gente morava noutra bairro. Quando vim morar pra cá, aqui no bairro Santo Agostinho. Até então ele só bebia normal, daí ele começou a ser agressivo, depois veio a separação.

P: Então foram quatro anos na tua vida conjugal que tu achaste bom?

E: Isso, quatro bom e quatro ruim. Mas a gente sempre tem esperança, aí eu vi que ele não ia mudar, não ia mudar, daí eu me separei.

P: E o seu primeiro bebê, é uma menina. Ela mora contigo?

E: Não, daí como eu casei, ela quis ir com o pai dela, porque eu fui morar na mãe Luzia. Aí ficou com ele. Aí fomos até o juiz, aí fizemos esse acordo. Aí ela ficou com ele. Aí ainda ta com ele. Mas de vez em quando ela diz que quer vir morar comigo, mas ela não tem coragem de deixar o pai dela.

P: Se dá bem com o pai?

E: É, ele até era mau marido, mas assim como pai ele não era. Aí depois que se separou ficou melhor ainda, pros filhos né. Aí eles gostam dele.

P: Ele tem outros filhos?

E: Não. Só os meus dois.

P: E a tua relação familiar com a família dele não tem nada. Não tem mais relação com a família do primeiro.

E: Não. Só bom dia ou boa tarde e só. Não tem amizade.

P: Logo em seguida começou a dar mamadeira pra essa menina, pra essa pequenina, e o teu esposo não interferiu?

E: Não. Também homem tu sabe que é mais por fora, dessa questão do aleitamento materno. Apesar deles gostar muito das crianças, mas... é, é difícil mesmo.

P: O fato de ter pouco leite, hã... pra ti não necessitou mais insistência ou ajuda de alguém pra amamentar, ou não iria adiantar se acontecesse de...pelo simples fato de ter pouco leite?

E: Assim como eu te disse, a menina mamou três meses mais um pouquinho, aí logo em seguida me deram uns comprimidos. Até do menino eu procurei se tinha, mas não tinha mais nenhum comprimido, enquanto tava tomando tinha, aí depois quando terminava não tinha mais. Quem sabe se tivesse uma ajuda do aleitamento materno, e se eu tomasse uma vitamina, dizem que se toma vitamina fica mais forte, não sei, aí quem sabe daria certo, né. Porque eu já vi uma reportagem...

P: Faltou essa assistência então...

E: Eu acho que sim, que faltou. Faltou não, eu não procurei. Eu nem sei onde se procura. Só li o cartaz mas também nem peguei o endereço, onde é que era. A gente também, tem que trabalhar... Mas eu acho que sim, se tivesse mais... teria dado certo. Dos outros meu não tinha muita vontade, mas dos outros eu até que tinha. Porque essa coisas de mamadeira além de ser carinho, porque o leite materno além de ser saudável eu não tinha que estar gastando nada.

P: Tem mais alguma de você, da sua vida, você tem bastante preocupação com o futuro dos filhos.

E: Eu tenho bastante mesmo, porque este mundo ta cada vez mais virado.

P: Acontecer de estudar talvez seja um caminho, né, um futuro, não pretendes continuar?

E: É, eu até me matriculei lá onde eu vivia. Daí vim pra cá. Mas... daí eu quero... porque eu só trabalho com serviços gerais, então já que ele vai me demitir, aí eu vou ver se faço um curso de costureira, eu acho que vou deixar o estudo de lado, aí depois quem sabe eu vou fazer um curso. Daí essa aqui já vai ta maior, daí eu volto a estudar. O meu irmão, quando veio pra falar eu cheguei a chorar, que eu não queria parar o estudo. Eu sempre gostei de estudar, e não queria largar.

P: O teu irmão veio te pedir pra parar de estudar?

E: É, até hoje ele obriga a mulher dele a estudar, a mulher dele não gosta. Mas ele obriga ela a estudar, hoje ela ta estudando. Aí eu digo, visse J., quando era pra mim tu me disse, que mulher quando casa, vai limpar a bunda de filho, não tem futuro pra

estudo. E hoje ta forçando a mulher dele a estudar, acho que hoje ele se arrepende de não ter me ajudado a preservar...

P: Era difícil naquele tempo... né?

E: É mais a dona S. tinha dito pra mãe que era só ter falado com ela que ela teria dado os materiais. Mas ela não queria. É que mesmo se eu tivesse escolhido estudar eu teria que trabalhar, nesse caso. É eu acho que essa coisa me marcou muito, que tu me perguntasse, foi isso mesmo. O que eu mais queria era estudar. Vejo as minhas colegas que estudavam na minha sala, formadas. Imagina, se estivesse estudado eu já estaria formada. Mas com certeza eu também batalharia pra trabalhar e estudar. Cada vez que eu olho pra traz eu vejo que eu to aqui, né, com filho, elas ainda não tem. Eu poderia nem ter também, se tivesse me preocupado com os estudos nem teria pensado em casar. E, eu acho que foi isso mais que marcou mais a minha adolescência.

P: E depois deste bebê, tu pensas em fazer laqueadura...

E: Não. Se tivesse dinheiro eu até marcaria a consulta. Até lá estamos tentando fazer uma casinha, se eu conseguisse eu até faria, já conversei com ele, ele disse que não tem problema...

P: Ele não faz?

E: Ele não quer fazer de jeito de nenhum. Ele tem aquele preconceito de que não vai ser mais homem. Até eu me sujeitaria a fazer. Mas mesmo se ele fizesse, como disse a minha sogra, mulher é muito complicado pra fazer... Mas ele não faz e mesmo ele fazendo eu quero me garantir eu, porque não sei até quando vai durar também. Assim como eu deixei de um, posso deixar de outro, então eu não quero. Eu mesmo não quero mais filho, então eu já queria fazer eu pra garantir. Não ter perigo de pegar outro e aí engravidar de novo. Eu disse assim pra ela, mas ela ficou quieta. Mas é eu mesmo que não queria. É da minha parte. Mas ainda não consegui.

P: O jeito é usar preservativo, anticoncepcional, pra não correr o risco?

E: A verdade é que ele é tão inexperiente que não sabe usar o preservativo. Então tive que partir para o comprimido. A gente só ta no anticoncepcional.

P: Existem vários cursos que ensinam a própria mulher a colocar o preservativo no homem. Tem homem que além do preconceito de não querer usar, não quer nem aprender...

E: Ele é um. Mas eu não sabia que tinha.

P: Aquele posto do lado do São José. Tem atendimento ensinando sobre todas as doenças que são transmissíveis através do sexo e também dão esses... Por exemplo, o HIV é transmitido essencialmente pelo sexo. É muito importante que as mulheres aprendam a botar a camisinha no seu parceiro. Então, eu sei que frequentemente tem cursos ensinando um grupo de mulheres a fazer, tem pênis de borracha, numa banana.

E: Eu também quero aprender.

P: Tem todas as características de uma mulher que quer continuar evoluindo, progredindo e não estagnada no tempo, só porque teve três filhos. Tem que se distanciar deste momento, só porque teve os filhos antes de fazer a vida profissional.

E: É mas o meu sonho era fazer profissional antes...

P: É mais agora tu inverteu. Não quer dizer que não pode ser desta forma.

E: É, vai ter que ser. Vai ter que criar os filhos agora, pra depois fazer profissionalmente.

P: Isso é importante pra ti?

E: Pra mim sim. A gente vê essas pessoas que tem estudo. Eu tenho a minha filha, eu aconselho a não largar dos estudos, essa besteira de casar cedo assim como eu fiz, a ter filho cedo, a se empatar na vida. Eu sempre... boto o exemplo pra ela, e também de muitas né, porque não tem só um. A minha sobrinha, 15 anos já ta casada. Não tinha nem completado a idade. Então eu tenho que botar esses exemplos pra ela, só que ela não parou de estudar. Tomara que ela não pare. Do esses exemplos pra ela ver que isso não é lucro, que dizer... claro não dá pra dizer que... uma coisa linda dessa. Só que é um empatamento de tempo, a gente podia ter deixado pra ter filho depois.

P: Cada coisa no seu tempo. Às vezes inverte né...

E: É, mais vai muito do ensinamento, porque a minha mãe não teve estudo, o meu pai não teve vivo pra... também acho que nem teria estudo porque a maioria dos outros filhos quase não estudaram. Então eu acho que é muito da família... (fim da fita)

P: Deixa-me só trocar a fita...

E: Como eu tava te dizendo isso vem muito da família, do começo da família, quem sabe se a minha mãe, me explicasse melhora as coisas, colocasse o exemplo dela. Ela não teve nenhum futuro, caso cedo, teve um monte, bastante filhos, não teve como... quem sabe se ela se esforçasse. Explicar ela não me explicou nada, quem

me explicava as coisas era sempre a minha cunhada que morava com a gente, né. Casada com meu irmão mais velho. Então, tudo vem muito da família. Assim pra ter uma família mais estruturada... Então...

P: E a mãe dela deve ter sido da mesma forma...?

E: Pra começar, a vida da minha mãe ela conviveu longe dela, porque se separaram... A minha avó se separou do meu vô, então ele pegou ela e levou pra morar com ele. Só que como é homem, homem não cuida bem dos filhos como a gente que é mãe. Então ela vivia rolando nas ruas, nas estradas, na casa dos outros. Se ela te contar a vida dela tu chora. É um livro. Bem triste. É um livro. Bem triste. Então eu acho que tudo vem, no começo... Só que isso eu não quero pra minhas filhas. Eu vem sempre tentar colocar os exemplos que acontecem...

P: A tua menina tem que idade?

E: A mais velha tem 09 anos. Ta ficando uma mocinha. Nessa idade já começa a ser perigoso.

P: Já começa sim... Começa sim se interessar pelo sexo oposto

E: É verdade. Também é difícil os filhos que seguem os conselhos da mãe né, porque são muito rebelde

P: Quase que sempre as crianças numa certa idade acham que os pais não dizem nada certo

E: Isso, são antiquados

P: A gente também se for pensar, por um período se achou isso, enquanto se era jovem né

E: É... eu... eu nunca achei, sempre acatei os conselhos que minha mãe me dava, sempre obedecia, sei que minha mãe sempre falava que eu sempre fui uma boa filha, foi a que menos apanhei. Então já não era tão má filha assim, gostaria que minha filha também fosse.

P: E tu sentias que ela te passava esse carinho também, essa atenção.

E: Minha mãe, se me dava bastante atenção, dava.. sempre

P: Tinha certa preferência assim?

E: Eu acho que assim, eu até me sentia a casula da casa, porque ela sempre me tratou bem, meus irmãos também, parecia que eu era a mais nova e não a minha irmã mais nova que era a mais nova entendeu? Em termos de carinho essas coisas eu sempre... não sinto falta, sempre tive da parte de todos os meus irmãos e da mãe também. A minha irmã que morre de ciúmes né até hoje, a mais velha também, as

duas morrem de ciúme, de ciúme porque a mãe liga mais pra mim do que pra elas. Mas também a outra é desobediente, a mais velha, tem quatro filhos, até hoje eu ainda falo pra ela, se tu ouvisse só um pouquinho a mãe tu não teria todos esses filhos aí, sozinha. Porque uma só foi casada. Então eu sempre coloco pra ela, que se tu ouvisse a mãe um pouquinho tu não teria todos esse filharedo aí

P: Tanto ela como as crianças sofrendo, com certeza..

E: Sofrem, sofrem que agora também ela ta desempregada

P: Que boa a tua participação. Não sei se queres contar mais alguma coisa, interessante na tua vida que tu não tenhas relatado.

E: Não, acho que não, acho que acabou

P: Muito obrigado então pela tua presença

E: Quando quiser estou a disposição

Sétima entrevista – F. 29anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

E: A minha infância, desde que eu me lembre, foi uma infância ótima, brinquei muito, nada de tristeza, sempre alegre.

P: Uma família grande?

E: Grande, somos em seis e mais o pai e a mãe.

P: Uhum

E: E agora né, depois eu fiquei moça, fiquei noiva dez anos

P: Dez anos de noivado.

E: Dez anos.

P: Com que idade tu noivaste?

E: Com dezessete e meio. Daí eu casei cum... faz um ano e meio que eu casei.

P: Uma história de noivado de dez anos... Porque se esperar tanto assim?

E: Ahhh... eu primeiro queria comprar lote, construir casa, fazer um pezinho de meia com ele né, depois casar i...

P: E você começou a trabalhar desde que idade?

E: Comecei a trabalhar com quatorze. Na época não fichavam ainda. Agora que, eles ficham com 16 né. Eu comecei com quatorze, i... tou até agora.

P: E assim durante a adolescência, foi sem susto né... Respondeu de forma tranqüila?

E: Tranqüilo, feliz.

P: Na adolescência também? Aconteceu da mesma forma?

E: Uhum. Nenhum assim imprevisto que eu tivesse. Uma adolescência normal

P: Muitos namorados?

E: Poucos, eu não era de sair. Namorei acho... dois, depois encontrei esse, namorei dez... haha

P: E essa sua história, hahaha é bem diferente né... Tu não conheces ninguém que tenha a mesma história que tu. E aí a A.veio?

E: Veio. Foi planejado, eu disse vou casar e aí já vou querer ter um filho.

P: Seguida após... Um ano e pouco foi?

E: Não... assim que eu casei já...

P: Já engravidou...

E: Não, eu levei seis meses pra engravidar

P: Mas já tinham planejado, desde o momento de início do casamento.

E: É... de início, a gente vai casar e depois a gente vai... até parei de tomar comprimido... mas só que daí levei seis meses.

P: E ele também, aceitando...

E: Sim, ele era louco por mim

P: E a amamentação, tava nos planos inicialmente?

E: Não. Eu já sabia desde o começo que ela... eu ia voltar a trabalhar... quatro meses, que ela ia mamar quatro meses só.

P: Mas tu não amamentaste... Quer dizer, com o desmame até os três...

E: Dois meses e meio... direto né. Daí depois dois meses e meio eu comecei a ralar um pouquinho.

P: E hoje ela não mama mais.

E: A noite, eu dou mama a noite. E se o leite não secar eu continuar dando a noite. Mas só que ta diminuindo, cada vez menos.

P: É... Cada vez ela vai sugando menos, daí vai tendo menos leite.

E: E eu fico o dia inteiro sem dar mamar pra ela e não sinto nada... Chega a noite ta muchinho ainda.

P: Agora as preocupações voltaram para o serviço, para o teu dia a dia.

E: Ahamm, mas antes disso ela mamou bastante, até quatro vezes a noite.

P: Nossa e deu bem certinho... Tu pegaste o final da gravidez e conseguiu ficar os quatro meses após o nascimento, tanto com ela.

E: Foi assim, eu fiz tudo com o Dr. P., ultra-som tudo... e no ultra-som dava para o dia dez. E eu parei de trabalhar no dia sete, tu vê, três dias. E foi dia dez, onze e doze e não veio nada... fui ganhar dia vinte e um, daí atrasou, daí quando ela tinha três meses e meio, por aí eu tive que voltar.

P: E aí lá no hospital, de primeira ela aceitou o peito.

E: Sim, só nasceu ela já saiu da mesa do parto, que elas levam praquela salinha ali, já... já mamou no peito.

P: E assim, tu tens alguma dificuldade em pensar que tu a tiraste do peito? Que tu disseste que tinha planos de amamentar... Tua vida foi toda planejada né.

E: É

P: E a amamentação, nesse sentido foi assim, sabia que ia fazer só esse período curto?

E: Se eu sabia?

P: Já tinha pensado a respeito disso?

E: Já, antes de engravidar já tinha pensado. Eu sei que só vou poder dar mamar pra ela três meses e meio. No máximo quatro... só três meses e meio.

P: A tua firma lá não tem algum tipo de creche ou convenio com alguma associação que tu pudesses continuar amamentando?

E: Não, não tem... Porque antes de engravidar eu trabalhava aqui no Centro. Depois que eu ganhei a menina eu passei pra Siderópolis e daí... não tem como

P: E ela se adaptou? Faz tempo que tu voltaste a trabalhar? Um mês?

E: Quinze dias

P: Quinze dias... E que sentimento vem assim na tua cabeça quando tu pensas no trabalho.

E: Aii da uma tristeza, eu chego em casa loquinha pra ver ela.

P: Não te desconcentra no trabalho quando tu começa a pensar muito nela?

E: Nos primeiros dias... Porque eu mudei muito o meu emprego, era frontista e passei pra encarregada. Então assim, foi uma mudança muito grande né. Eu voltei, com saudade dela tudo e já peguei de encarregada. Uma coisa assim muito...

P: O que é encarregada?

E: Encarregada assim, de costura

P: Trabalho manual, tu faz costura?

E: Daí não, a fábrica tem sessenta mulheres, daí eu cuido delas. Eu ensino né...

P: Certo.

E: Daí foi muito puxado pra mim de início, até disse pra mãe. Mãe, até esqueci da Amanda coitada. Porque o serviço ta tão puxado que as vezes eu até esqueço da menina. E daí quando eu lembro.. daí eu penso, aí tadinha, ta lá com a mãe.

P: Mas não é nenhum serviço que tu possas te machucar caso tu te desconcentre? Mexer com máquinas né...

E: Não... não. Antes eu mexia né... mas agora não, só cuidando mesmo.

P: E a tua família assim, o incentivo da amamentação. Ajudaram? Incentivaram? Tua mãe amamentou os filhos dela?

E: Sim, todos. Eu fui a que mais mamei, eu mamei até três anos e meio. Lá em casa todo mundo assim, amamentou até o final. Porque a mãe nunca trabalhou fora. A gente trabalhava assim, na colona. Era tudo colono. Então a mãe tinha tempo né... Ela gosta, com calma. Aí ela falou assim, fazer o que né, precisa trabalhar precisa né... e aí ela pegou bem o outro leite.

P: E ela ficou com a tua mãe... é mais fácil do que deixar com gente estranha.

E: Ahhh é... ela é boazinha, ela não incomoda nada. Mama na madeira tranqüila, come mamão já.

P: E o desmame foi aconselhável já desde o início, da forma que tu fez os alimentos. A mãe conversou muito com a tua mãe? Ela quis colocar também o que ela usou com vocês?

E: Não... a mãe, como eu te falei, tem aquela mania de querer dar já sopa, caldo de feijão, essas coisas forte. Aí eu não to deixando né, ela só ta com seis meses. Não vou dar essas coisas mais forte. Daí ela diz, ahh então vou dar só o que tu mandar né. Daí ela ta dando.

P: É? Ta se modernizando a vó.

E: É... ela queria dar sopa.

P: E as tuas irmãs têm filhos também?

E: Tem só uma que tem filho

P: E também seguiu o mesmo ritmo da mãe? Amamentou bastante?

E: Não ela fez que nem eu. Só que ela foi diferente né, porque ela fugiu, ela não casou. E... teve que trabalhar porque não podia pagar e a menina ficou na creche até. E parou, acho que ela amamentou também foi uns quatro meses só. E ela foi

bem diferente. Foi bem diferente de mim mesmo, teve um ritmo de vida bem diferente de mim.

P: E qual a criação igual né? Com a mesma criação de mãe.

E: A mesma coisa e ela foi bem diferente, ela fugiu, casou com uma pessoa que não deu certo. Ela ficou casada com ele dois anos, separou, talvez até voltava, mas não deu certo.

P: E esses três primeiros meses foram fácil pra ti amamentar. Dois e pouco que ela recebeu leite exclusivo né?

E: No primeiro mês foi difícil né, porque... me deu... o médico me disse que era mamite, até aquilo que dá nas vacas até.

P: Mastite.

E: É.. é isso aí. Daí inchou, impedrou, deu febre. A gente parou de dar a tetinha pra ela porque a gente pensou que a infecção no seio passava com a menina. Daí eu parei... parei uns quinze dias a te melhorar. Daí eu tinha leite só numa, na outra eu não tinha, daí eu dava só uma. Daí a outra tava empedrada daí não dava. A mãe tinha esse problema. E a mãe amamentou assim... diz ela que saia pus dos seios e ela dava tetinha pra ela... E hoje ela deu problema, ela deu infecção, na menina do olho. Não tem cura e o médico disse que foi uma infecção que ela pegou de criança e esse médico que eu consultei disse que pode ser da infecção do leite. Porque ela deu aquele leite empedrado pra ela. Daí eu fiquei com medo eu não dei aquele leite pra ela.

P: Mesmo assim, essa mama que tu tiveste problema, voltou a ter leite?

E: Voltou... eu fiz um monte de compressa, daquelas dos antigos. Até teve uma mulher lá perto de casa que ela fez pra mim eu nem sei o que ela botou. Alcachofra, cachaça, um monte de erva dentro e eu botava em volta assim do seio.

P: Uhum

E: E melhorou bem. Depois de quinze dias eu comecei a dar de mama

P: E isso com que idade ela tinha?

E: Ahh ela tinha uns sete dias.

P: Aiii corre um risco de uma infecção ou doença respiratória. E a tua relação assim familiar é boa?

E: Ahh eu acho ótima. Eu mesmo, minha vida de casada assim é ótima, não tenho do que reclamar. Em casa também, eu nunca fui uma pessoa brigona, bem calma, sempre. Até meu pai tem problema, mas aí sempre tem que relevar né... ele é

alcoólatra. E ele não era, mas de uns anos pra cá ele ficou, mais e mais e cada vez mais.

P: Mora com a tua mãe?

E: Mora, mas aí a gente tem que viver assim né. O dia que ta bom, ta bom... o dia que não ta.

P: Mas quando tu moravas lá tu não chegou a ter esse tipo de...

E: Não, não, começou de uns cinco anos pra cá. Até a gente internou ele, ele aceitou tudo numa boa, ele quis se internar, ficou internado numa clínica, dois meses. Mas daí voltou de novo. Mas só que ele não encomoda, ele é uma pessoa boa. Só que, bebe né... passa mal. Ele não é brigão, essas coisas não, ele é alegre..

P: E vai à casa de vocês assim, alcoolizado?

E: Não. Ele é um bêbado alegre. De fazer festa assim, rir. Mas a única coisa que a gente tem de problema é isso.

P: Sei, estão somente eles em casa agora?

E: Não, a mãe ta morando. Essa minha irmã que é separada mora com a mãe e a filha dela e tem mais uma irmã solteira.

P: Pra ela deve estar bem difícil né.

E: É.. porque o pai dos filhos eu fui sempre a que ele gosta mais. Ele sempre diz que eu fui a escolhida dele. Sempre, qualquer coisa ele me defende. Não tem, qualquer coisa é eu. Então eu não posso me queixar.

P: Tu tens quantos irmãos?

E: Um

P: Só um.

E: E... é casado

P: E a relação dele com o pai...

E: É boa também, a gente não briga com o pai. Ele é assim, mas a gente não é aquela coisa de brigar. Incomoda né, é uma doença, a gente já sabe. Aceitar não aceita, mas é obrigada pra não viver aquela vida assim né.

P: Que mais tu gostarias de falar da tua relação com a tua filha.

E: Com a minha filha, haha, é ótima. Dá vontade de morder ela direto. Ela não me incomoda é um anjo. Meu marido as vezes ta lá deitado na cama, olhando pra ela e ele, mas é um anjo. É um anjo que apareceu nas nossas vidas. Porque ela não incomoda. Dorme a noite inteira, não é aquela criança chorona, berrona.

P: Assim, se tu não tivesses que trabalhar, tu teria amamentado?

E: Ahh sim, se eu não precisasse, ficasse em casa, eu ia até ter leite... dar pra ela. Eu mamei até dois anos, como eu mamei né.

P: O que tu acha que isso a beneficiaria, ou assim a retirado do seio vai tornar um problema.

E: Eu acho que se eu amamentasse ela mais tempo, iria evitar assim doença, eu acho mais saudável, na minha opinião. Eu acho mais saudável, mas faz o que

P: E mesmo assim ela não fica com muita doença agora né?

E: Não, não... nada ela só pegou um resfriado bem fraquinho, mais nada

P: Nesse período de vida dela, uma criança bem calma a tua, tem muitas mães que vem falando coisas tristes, quando eu entro em contato durante a consulta normalmente a gente se aprofunda né e tu és surpreendente. Da forma como tu ta colocando a tua vida, muito bom. Bom saber que o motivo teu foi essencialmente o trabalho, devido à legislação que só permite quatro meses de licença. É a primeira entre todas as minhas entrevistas que tem um motivo assim, teoricamente fácil de reestruturar né, dar leite a noite assim.

E: Deveria ser a lei uns seis meses né.

P: É existe uma lei que durante os quatro aos seis meses a mãe tem direito a trabalhar uma hora a menos pra sair pra amamentar ou alguém levar pra amamentar ou ter uma creche junto. São quantas mulheres que trabalham nessa firma?

E: Sessenta.

P: Então, pela lei, são trinta mulheres acima de dezesseis anos a firma já teria que ter um local assim, ou junto, ou próximo pra deixar os bebês. Pelo menos durante mais dois meses pra poder fechar os seis. E não tem né. Também fica longe, a maioria das mulheres deve morar por aqui..

E: Metade é de lá, metade é daqui. Aí fica difícil

P: Difícil pra levar também o bebê pra lá. Então, se tiver mais alguma coisa que queira contar, em relação ao ato de não amamentar... Teu marido deu bastante incentivo durante o período que tivesse amamentando?

E: Ahh sim. Ele dizia, a menina ta com fome, dá a tetinha pra ela, aproveita dá bastante tetinha. Dá bastante, senão daqui a pouco tu começa a trabalhar né. Daí eu dava bastante mesmo, ela chorava eu dava, ela queria eu dava. De hora em hora, de duas em duas horas.

P: Ela teve dois meses assim bem certinhos...

E: Teve, bem dentro das..

P: Então é isso

E: Então é isso, que eu me lembro.

P: Então eu vou desligar e a gente passa pra outra.

Oitava entrevista – J. 22 anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

E: Na minha infância, só tem coisas boas, aconteceram coisas ruins também né. Que eu tenho lembrança é que foi muito bom, pai e mãe muito bom, família muito boa.

P: E a família é grande a tua?

E: A família é pequena, só eu e o meu irmão, só dois, só eu de filha mulher né. Até hoje só tem três neto homem, não tem nenhuma mulher e a minha adolescência também foi muito boa, sempre estudando, pai muito bom, ensinaram bastante coisas boa. E hoje eu sou casada, sou mãe, tenho um filho.

P: E o que tu te referiste da tua infância, coisas ruins, o que te vem à mente?

E: Ahhh, coisas ruins foi um tombo que meu irmão me deu, que a minha mãe tava no hospital, que eu chorava muito, era criança ainda, queria ir com ela e ele me deu um tombo e eu quebrei a perna, até eu não pude fazer um parto normal, tive que fazer uma cesária por causa disso.

P: Houve fratura de bacia, no caso.

E: Aham

P: E quantos anos tu tinha?

E: Tinha seis anos

P: Seis anos, daí tivesse que fazer internação...

E: Uhum. Fiquei trinta e cinco dias no hospital, precisei de sangue

P: Foi uma coisa grande.

E: Foi, foi grande mesmo

P: Aham

E: A única coisa que...

P: Tu te lembrás que foi de ruim..

E: Aham, que foi de ruim... Porque o resto só aconteceu coisas boas

P: E a tua adolescência assim, assim, começasse a trabalhar cedo?

E: Não, nunca trabalhei fora, fui trabalhar mesmo depois que eu casei. Porque os meus pais sempre foram bem, sempre me deram tudo, me deram todo o apoio, nunca precisei trabalhar fora.

P: E em relação a essa fratura, ficou alguma seqüela?

E: Ficou, ficou...

P: Tu caminhas com um pouquinho de dificuldade?

E: Eu caminho com um pouquinho de dificuldade, tem uma diferença na perna de um centímetro.

P: Não tinhas antes?

E: Não

P: Aham

E: Por causa da fratura

P: Isso emocionalmente te afetou? Na fase da adolescência, normalmente as meninas são mais assim..

E: Aham, é... é eu até tinha bastante complexo quando era adolescente, assim, tinha vergonha, mas hoje eu me acostumei

P: E na época assim dos namoros, isso te dificultou?

E: Não, não dificultou nada

P: Nunca sentiste discriminada?

E: Não, não... nunca senti

P: Das tuas amigas..

E: Não, elas sempre me ajudavam, porque elas diziam que era um acontecimento, que era, né. Daí nunca senti assim, tanta vergonha, as vez sentia vergonha né, mas passava, tentava controlar.

P: E... e... esse. A relação de ti com teu irmão, teu irmão é mais velho que tu?

E: É... é mais velho, quatro anos. Nós dois sempre se demo bem. Sempre, sempre.

P: E ele era também uma criança..

E: Ele era criança, ele foi tentar me alegrar porque eu tava chorando que queria ir com a mãe e aconteceu, ele também não teve culpa.

P: Uma fatalidade

E: Uma fatalidade, aham

P: Estamos já na fase da J. já adolescente

E: É..

P: Muitos namoradinhos na época? Tens que idade agora?

E: Eu tenho vinte e dois anos.

P: Novinha né.

E: Pra falar a verdade, namorado mesmo eu só tive dois

P: Uhum.

E: Só tive dois namorado sério, sempre tem as paquera assim né, no tempo de escola, mas o meu segundo namorado foi o que eu casei. Namoramos sete meses e casamos.

P: Uhum, tu tens que escolaridade?

E: Eu tenho o segundo grau completo

P: O segundo grau completo. E resolvesse logo ter o bebê?

E: Olha eu não resolvi ter o bebê, eu pensava assim, em a gente trabalhar, adquirir primeiro, mas quando eu era, na minha adolescência, eu tinha quatorze anos, eu tinha infecção no útero. Eu sempre me tratei, eu tinha uma infecçãozinha, tinha aquele corrimento, tal. Aí a mãe sempre me levou no ginecologista e ela dizia que eu tinha o útero virado e eu não engravidava. Ela sempre dizia isso pra mim, que pra mim engravidar eu tinha que fazer um tratamento, daí eu arriei o comprimido, porque me dava muito enjoô. Só arriei, engravidei, foi acontecido

P: A gravidez não estava nos planos?

E: Não, foi um acontecido.

P: Aí quando ela chegou, a notícia?

E: Ahh, foi bom

P: Foi bom. Os dois gostaram?

E: Todos os dois. A gente não queria, mas aceitou normalmente, pra nós é... o filho hoje é a nossa alegria.

P: E durante a gravidez tu tiveste um preparo...

E: Aham

P: Em termos de atendimento obstétrico né.

E: Aham, tive.

P: E as orientações também de aleitamento na época?

E: Aham, não, não ocorreram, só mesmo no dia que eu tive com a Lara aqui né, foi a única, porque o doutor Armando nunca me orientou nada, até a última consulta que eu fiz com a médica, ela disse: "Teu médico não te orientou sobre o teu seio?" Eu

disse: “Não, não ele não me orientou nada”. Porque eu tinha que ter feito o seio né, preparado bem. Mas ele não me orientou nada

P: Tu não sabias nada de amamentação?

E: Eu sabia, mas eu achava assim que ocorria tudo normal, não precisava nada.

P: Tua mãe não mora perto?

E: Não, minha mãe mora lá em Imaruí

P: E ela amamentou vocês?

E: Não, nenhum dos dois, ela não tinha leite, não descia.

P: Trabalhava ela?

E: Trabalhava

P: Pra fora?

E: Aham, ela trabalha fora, no posto de saúde.

P: Então ela também não amamentou.

E: Não. Ela também não amamentou porque não descia o leite.

P: E ela veio te acompanhar, depois que...

E: Eu fui pra lá com ela. Eu fiquei um mês e meio lá com ela.

P: No início, já de primeiro, tu já foi pra lá.

E: De início, eu saí do hospital e já fui pra lá.

P: E aí no hospital, tentaram te ajudar?

E: No hospital tentaram me ajudar, a médica me liberou, acho que tinha dado meus dias certo do hospital e aí o banco de leite me segurou né, daí como era internação do menino e ficaram tentando, faziam aquele banho de luz no seio, pra ver se descia o leite... fazia o bico, tentava acordar ele, colocar no seio, mas ele não pegava.

P: Tu queria?

E: Até... eu queria. Fiz de tudo, de tudo.

P: Aceitou ajuda.

E: Aceitei, de três em três horas eu tava lá com ela, dando banho de luz, botando a maquininha e tudo, tentando, acordando ele, fazendo ele mamar, mas ele não pegava. Até chamavam pra ele lá de dorminhoco, mas a gente tentava de tudo e ele não pegava.

P: E aí o leite não apareceu?

E: Aí o leite não apareceu porque ele tinha que sugar pra descer né, não apareceu

P: Aí lá no hospital, já...

E: Aí lá no hospital elas custaram a me liberar, daí chegou na sexta-feira né, já fazia cinco dias que eu tava ali, aí sempre elas me liberaram, aí elas disseram que era pra eu continuar tentando em casa. Aí eu vou tentar né, fazer o que eu posso, é bom amamentar, porque eu tenho passado tanto trabalho com a comida dele, né. Eu queria amamentar, pelo menos eu sabia que não ia ter prejuízo né. Aí cheguei em casa, tentei amamentar ele de tudo quanto é tipo, ele não pegava, só abria a boquinha e não pegava.

P: Não sabia abocanhar direito?

E: Não sabia, não sabia, nem no bico seco ele não pegava. Não sabia chupar mesmo. Aí eu fui tentando, ele não pegava daí eu tive que dar a mamadeira. Aí eu tentei com nam, aí o nam começou a ressecar muito ele, tive que trocar. Até hoje eu já passei umas três, quatro qualidade de farinha porque

P: Ele não tem adaptação.

E: Aham, é muito difícil.

P: E quando tu pensas sobre esse fato, quando pensa sobre o teu filho assim, que sentimento que te vem?

E: Sobre a amamentação?

P: Também, é... a amamentação faz parte né, desses primeiros meses de vida.

E: Ahh eu vejo assim, dá uma pena né, porque eu vejo que ele sofre fazendo coisa, quase morre fazendo porque ele é muito ressequido né, aí dá uma pena de não poder amamentar né. Eu queria que ele mamasse né.

P: Tu te sentes culpada?

E: Ai, as vezes eu me sinto né, dá uma pena, aí as vezes eu até choro, porque eu queria que ele... eu queria amamentar ele né, pelo menos até os seis meses.

P: E a família assim, na época, te ajudou?

E: Todo mundo tentava me ajudar. Minha mãe sempre assim, me ajudando, me incentivando, segurando ele. Marido também, mas não teve jeito.

P: Apoiaram-te também na decisão de trocar, de substituir o leite.

E: Fomos obrigados né, porque não teve jeito de ele pegar, porque se ele pegasse, aí descia né, porque daí ele sugava e ele ia descer, mas ele não pegava.

P: Chorava muito com ele?

E: Chorava, ele chorava pra um lado, eu chorava pro outro

P: Aí a tua emoção também já interferiu na descida do leite

E: É daí a minha mãe já dizia, ai tu não pode fazer isso, tem que ficar calma, pra poder o leite descer, porque se tu chorar, ficar nervosa, daí mesmo que o leite não vai descer

P: Ela tem razão

E: Aí eu tentava né, tentava abrir um sorriso e...

P: A emoção fica a flor da pele né, principalmente a mãe no primeiro filho. Isso é verdadeiro, você ficava emotiva por qualquer coisa?

E: Aham, é... é a gente fica emocionada né, porque é o primeiro e aí qualquer coisa a gente já fica preocupada também, mudou tudo.

P: E a tua relação com a tua família, com o teu marido?

E: Ahh a nossa relação continua a mesma né, só que já não é mais aquela atenção como antes né. A gente agora já tem um filho né, já precisa dar mais atenção pra ele né?

P: Ele tem família aqui perto?

E: Não, são tudo de lá também. São tudo de Imaruí, só ta nois dois aqui e uu meu irmão.

P: Teu irmão veio morar pra cá?

E: Veio, mora ali, até eu to morando atrás da casa dele, porque nós compramos morada agora né.

P: Ele é casado?

E: Ele é casado, tem dois filhos também

P: E o bebê, fica com quem? Fica contigo?

E: Sempre comigo, por enquanto né. E aí depois se eu voltar a trabalhar, porque eu acho que eu não vou voltar, eu vou esperar pelo menos ele completar um aninho né, aí depois eu vou voltar. Mas no começo ele precisa assim de proteção.

P: Uhum. É, tem mães que podem fazer essa escolha né, outros não podem né.

E: É... na verdade a gente vai passar um pouco apertado assim né, só o meu marido trabalhando, mas eu acho que é melhor assim. Pelos menos os primeiros dias dele, eu tinha o pensamento de deixar lá com a minha mãe, mas só que a distância.

P: É aonde Imaruí

E: Lá em Imaruí, fica perto de Tubarão, pra lá de Tubarão.

P: Eu não conheço ainda todo o estado de Santa Catarina.

E: Daí eu pensava, vou deixar com ela pra mim trabalhar, mas a gente pensa assim, ele não vai ter amor em nós, ele vai se acostumar com o vô e a vô, né. E a gente que é mãe vai se sentir né. Daí eu resolvi, sair um ano do serviço

P: E durante essa dificuldade de amamentar quando o peito não tem sucesso, os outros alimentos, como tu mesmo colocaste, é uma tentativa de ver qual que adapta melhor.

E: Aham

P: Criou algum problema de relacionamento entre vocês, porque o bebê chorava muito?

E: Não, não, não criou nada, o marido sempre me apoiando. Ele dizia não, fica calma, a gente vai achar uma comida que dê certo com ele, leva ele no pediatra, tudo certinho, fomos tentando né. Ainda temos tentando, ainda não achemos a comida certa.

P: A cunhada, a esposa do teu irmão que mora próximo, tem uma boa relação contigo?

E: Tem

P: Porque ela tem dois filhos né

E: Aham, tem, tem dois meninos

P: Ela conseguiu amamentar?

E: Conseguiu, todos os dois

P: Que mais assim que tu possa interferir pra essa pesquisa que possa ajudar, da tua vida, um fato que tenha te marcado bastante. Tu falou na infância o acidente que tinha te marcado bastante. Tu sabe que um trauma assim na infância muitas coisas ficam né, a gente não tem noção, ficam pra trás né.. ficou com alguma mágoa em relação a isso?

E: Ao acidente?

P: Outras perdas né..

E: Não, as vezes o que a gente se sente magoada é a distância da família, a gente fica longe da mãe, do pai, a gente sente assim né.

P: Vieram pra cá, por questão de emprego?

E: De emprego, porque lá onde meu pai e minha mãe mora, já é mais ruim de emprego. Daí a gente que casou né, precisa fazer a vida né. Lá é bem difícil, assim o que deixa mais mágoa, que marca mais é isso.

P: E o teu estudo, já que agora só vai maternar, só vai cuidar do bebê, não teria uma brecha pra continuar?

E: Pois é... eu acho que não, marido bem ciumento, não quer que eu continue estudando né. Eu até queria né, fazer um esforço, continuar estudando, mais ele tem ciúme né, não gosta que eu saia sozinha, sempre com ele.

P: Aham. Ele é... Ele tem que escolaridade?

E: Ele tem o primeiro

P: O primeiro grau só

E: Aham

P: Tu mora tão pertinho da universidade né, podia fazer curso a noite.

E: Aham

P: Podia deixar com a tua cunhada. Tem que dar uma conversada com esse teu marido né?

E: Pois é... hahaha... é esse marido é meio difícil

P: É...

E: Aí ele diz assim, também tu não vai trabalhar, daí vai deixar o menino com quem pra estudar? Aí não vale a pena

P: Uhum

E: Ele diz assim né.

P: Daí tu fica...

E: Daí eu fico parada no tempo né... hahaha aí eu parei no tempo

P: Paraste no tempo?

E: É...

P: Tu te sentes assim?

E: É.. parada no tempo. Eu penso assim que o estudo, pra gente evoluir e tudo mais né

P: Quem sabe tu não tentas convencer o marido disso né, em vez dele te convencer do contrário né.

E: Pois é... eu já tentei né, eu queria tentar estudar mais, pra gente ter um emprego melhor né.

P: E ele voltar a estudar também.

E: É eu já disse pra ele também, voltar, fazer o segundo grau também, pelo menos né e mais alguma coisa né.

P: Uhum

E: Mas ele por enquanto não quer, ta parado assim, quem sabe um dia eu convenço ele.

P: Não tais te sentindo muito bem parada assim no tempo.

E: É a gente sempre se sente assim, parada, esquecida, longe de tudo né, porque o estudo...

P: Porque só ta em casa.

E: É... só pra casa e filho, vira rotina né

P: E às vezes a relação acaba ficando também, rotina. Casada a quanto tempo?

E: Casada a dois anos

P: Ahh é pouco. Tem começar a conversar, senão acaba acontecendo isso.

E: É... é mesmo assim agora, marido, filho, casa, roupa, a gente acaba que a gente enjoa né

P: Se enjoa do marido?

E: Daí é difícil né, hahaha

P: Do filho não vai ser né...

E: Não, não, do filho é impossível.

P: Então tem que ser do marido..

E: hahaha

P: Não vai dizer isso pra ele...

E: Não, não, não digo... mas é assim né, a gente vai tentando a vida desse jeito.

P: Tentando fazer o melhor né

E: Tentando fazer o melhor

P: Assim em todas as fases a gente vai tentando fazer o melhor.

E: A gente quer fazer o melhor pra ele, pro filho né, o que a gente mais quer né. Fazer o filho estudar né, dar uma vida melhor pra ele.

P: Tu já tens planos desde agora?

E: Desde agora. Aham, desde agora. Eu penso estudar ele, pra não parar no tempo que nem nós. Que ele teja uma profissão.

P: É, mas geralmente os pais têm que tar evoluídos pra poder acompanhar o crescimento. Tem que explicar isso pro marido. Senão daqui a pouco põe o filho na escola, quem vai...

E: Quem vai ajudar nas lições né

P: Tu já vai ter esquecido.

E: É... imagina a gente esquece, as vezes o meu sobrinho vai lá. A tia me ensina a fazer. Tem coisa que a gente tem que parar pra pensar, pra poder ensinar, porque a gente esquece né, porque já faz um tempinho que eu parei. Parei com 18 né.

P: Gostaria de dizer mais alguma coisa, na tua declaração.

E: Ahh, pra mim foi muito bom participar, quem sabe ajuda algumas pessoas também, no aleitamento materno, que seja tudo de bom.

Nona entrevista – R. 32 anos

Começo com um breve explicativo da importância da participação dela para a pesquisa científica.

E= Bom a minha infância, quase não tem muito para contar da minha infância porque eu fui abandonada pelos meus pais quando era pequena; E desde ali eu comecei desde os 4 anos em diante já comecei a ser independente, sozinha. Fazer as coisas sozinhas.

P= Até aos 4 anos ficasses com eles, e como foi? Eles te deixaram?

E= Eles deixaram numa casa para tomar conta, mas depois de um mês não vieram mais me buscar. Então a partir dali eu já comecei a desenvolver sozinha, sem presença de mãe.

P= E os teus irmãos desses pais?

E= Era eu e um guri. Fiquemo junto eu e ele. Até os 7 anos nos dois junto. Depois ele foi para o orfanato. E eu continuei na casa onde eu tava. Então não tive mãe.

P= Dos quatro até aos 8 essas pessoas cuidou de vocês? Junto com o irmão?

E= Isso. Junto com o irmão.

P= Então essas pessoas tu considera a tua família? A infância dentro dessa família foi boa? Tinha crianças na casa?

E= Tinha 7 filhos, aí uma acabou falecendo. Aí no início eu fiquei no lugar desse que faleceu. Tudo lá em Curitiba. Daí depois de um tempo eu vim morar, com 7 anos eu já vim morar pra cá.

P= Quem te trouxe?

E= Eu vim com essa família. Eles vieram embora prá cá. Compraram uma casa aqui e vieram pra cá. E aqui eu comecei a vida sozinha.

P=O irmão foi para o orfanato? Economicamente não tinham mais condições?

E= Não tinha como eles criarem. Então a minha infância foi bem péssima mesmo. Passei com muita necessidade. Mas muita necessidade.

P= E foi pro orfanato junto com teu irmão?

E= Ele foi sozinho. Eu fiquei com a família. Ele é mais pequeno. Eu tinha uns 5 anos e ele tinha 3aninho.

P= E aí tu ficou com essa família até que idade?

E= Eu fiquei até os 17 anos quando eu me casei.

P= Saiu dentro da casa deles casada?

E=Casada.

P=Começastes a trabalhar cedo?

E=Com 13 anos. Eu trabalhava de empregada doméstica, fábrica.

P= Ai casou?

E= Casei, fui morar com ele, tive meu primeiro filho, o M. Aí passei dificuldade um monte, com ele também.Aí acabei me separando, também ai não deu.

P= Esse casamento durou quanto tempo?

E=Cinco anos

P= Teve um filho com esse marido?

E= Um filho.

P= Nesse período passou trabalho em que sentido?

E= Ele era drogado, começou a tomar droga e ai ele me avançava.Me avançava e daí não dava.Daí já tava sentindo medo.Um dia ele pegou meu menino pra jogar no rio.Daí em diante passei mão nele.

P= Casou com 17 e o filho veio com que idade?

E= Veio com 21 anos.

P= Passou 3-4 anos sem filhos já passando esses problemas?.

E=Aí acabei me separando dele. E agora meu filho ta com 11 anos.

P= Depois desse período, separou com que idade?

E= Ah! o M. era pequenininho, acho que tinha uns 3 meses.

P=Então com 21-22 anos tu separou?

E= Me separei e ele tava muito doentinho também. Daí esse negócio, pegou bronquite, vivia direto no hospital aí acabou não mamando também.

P= esse também não foi amamentado

E=Não foi amamentado, porque ele ficava mais no hospital que em casa. Geralmente ele já morava no hospital, já. Ele tinha bastante chia. Nós morava na praia, daí sempre atacava. Aí batia já tinha que levar pra internar.

P= Aí ficou assim, separada, trabalhando, cuidando do teu nenê? Com quem ele ficava pra ti trabalhar.

E= Botei na creche. Ficava direto na creche.... Aí depois me casei de novo

P=Com que idade aí R.?

E=Aí Jesus do céu. Casei de novo. Aí deixa eu ver. Eu tinha, o M.tinha 3 anos....

P= 25

E= 25. Não deu certo também..risos. E daí o home bebia, bebia e não queria mais trabalhar.

P=Batia em ti também?

E= Ai batia . Batia em mim , batia nos pais..

P=Nos pais dele.

E= Nos pais dele também..,

P=E no menino?

E= No menino não. Mas avançava em todo mundo. Avançava em mim ai ia pros pais e até hoje ele bebe.

P=Tivesses filho com esse?

E= Tive um filho com ele. Esse tá com 7 anos.Também não amamentei. Os três mesi tive que para pra poder i trabalhar.

P=Também passando por tudo isso, né?

E= Passei por tudo isso também. Ai vai ve que meu destino não é casamento... risos

P=Fiquei mais um tempo com esse aí?

E= Fiquei mais 5 ano. Juntando juntando dá mais...

P=Quase trinta tu já está

E=Quase trinta

P=Daí dos trinta?

E=Casei de novo... risos

P=Ai mulher casadeira essa!

E=Casei de novo. Graças a Deus esse deu certo.

P= Tem que tentar né? Tem que ir tentando

E=Fui tentando. Ai pensei que agora encontrei o homem certo. Acabei ficando viúva.

P=Foi esse pai do menino agora?O italiano esse?

E=Foi agora o pai do menino. Acabou falecendo. Foi trabalhar e acabou caindo e acabou morrendo.

P=Morreu de que?

E=Acidente de trabalho..

P=Então quantos meses de relação vocês tinham? Tu estavas grávida, né?

E= Quando ele morreu eu tava com 4 meses, quatro meses pra 5 meses.

P=Que loucura! Trauma total?

E=Foi, isso já foi maaaiis um pouco. Aí o bebê acabou parando de mamar de novo. Começo a dificuldade tudo de novo.

P= Mas esse tu conseguistes manter o mínimo..

E= O que mais que mamou foi .Mamou até os dois meis. Os outros não mamaram, um mesinho, dois mesinho já tava dando outro leite..

P=E mesmo assim tu é uma mulher alegre, né?

E= Sou obrigada, né! Sou obrigada a tentar a viver minha vida assim porque eu tenho muito trauma do passado. Não tive mãe. Não tive aquele apoio, é muito ruim a gente não ter família.

P= Tu ficou até os 4 anos com eles. Tu te lembras deles?

E=Me lembro do meu pai. Lembro dele.

P=Podem já ter morrido. Nunca mais tu viste?

E=Nunca mais depois, nunca mais...Eu sinto muita vontade de um dia quando melhorar minha vida, que não melhorou ainda. De ter condições de viajar pra cidade de Curitiba e procurar meu irmão.

P=Nem o irmão tu viu mais?

E==Não, não vi mais. De procurar ele, saber como ele tá..

P=Então tu não sabe se é uma pessoa que consegui trabalho, nada?

E=Não sei...não sei. Se alguém pegou ele pra adotar ou..

P=Então tu não tem contato com parente nenhum. Nenhum primo..

E=Não tenho ninguém.

P=Nada!???

E=Não, não dice assim.. se acontece alguma coisa eu só tenho ajuda das pessoas da comunidade

P=A família do teu último marido tão ajudando agora?

E= É tão ajudando agora.A partir do mês passado começaram ajuda. Dão 100 reais, mas daí 100 reais mais..

P=Mas apoio emocional?

E=Não. Meio difícil.

P= Eles não aceitaram o casamento?

E= A minha cunhada que me apóia bastante. Assim, tá cuidando muito bem do bebê. É uma loucura. E pra mim já é muito importante. Pois se já ta dando amor pro meu filho já é bem melhor, né?

P= E esse dois meninos moram contigo também, são dois filhos homens?

E= Moram comigo é.

P= E vai querer casar de novo R.? Risos

E=Não. Oh! Já vi que a minha solução não é casamento

P=Talvez tu tenhas razão, né.

E= É já vi que meu tipo não é pra casamento. Viver sozinha mesmo, cuidar de meus filhos...

P= E cuidar de ti, né?

E=Tô tentando, tentando..As vezes eu sinto uma coisa assim tão trancada dentro de mim que não consigo. As vezes eu quero ser mãe pros meus filhos, mas sou tão da parte do homem que não consigo quase ser a mãe. E que não sei, eu não tive aquele contato de mãe

P=Mas o que tu percebes impedimento de que? De dar carinho pra eles?

E= Tem, tem...

P=É mesmo? De botar no colo?

E= De brincar essas coisas assim. Eu brinco assim só coisas de momento.Quando vejo já me tranco.Tranco já e já não sou aquela mãe assim que brinca com filho. Eu sou mais assim durona.

P=Sempre tem que dar conta do econômico e..

E=É.. Oh sou mais assim da parte do pai.A parte da mãe eu quase não sei fazer o trabalho da mãe.

P=Esse último menino, vamos falar mais desse último. Vocês.. Tu planejaste junto com teu marido? Já fazia bastante tempo que estava com ele?Esse homem que te fez feliz (tom de brincadeira)

E= Ah! Então...

P=Por pouco tempo, mas fez né?

E= Foi.. não não é que eu tenho problema de sangramento e quando eu percebi já tava...Ele ficou super revoltado. Ficou loco.

P=Ele não queria filho?

E=Não queria. Ficou loquinho, loquinho quando soube que eu tava grávida. Daí ele já tinha uma filha. Já tava passando um trabalho com aquela menina, tadinha, né.Com a mãe. Tava tentando da uma boa vida pra menina,essas coisarada tudo, daí veio mais um filho ficou deprimido na hora. Aí depois de um tempo ele se acostumou.Não dava pra fazer mais nada daí se acostumou.

P=E não teve tempo nem de conhecer?

E=Aí já planejava até. Dizia que era um menino.Daí já tava todo faceiro com essa criança. Dizia que ia da um neto macho pro pai no fim veio um menino mesmo, né.

P= E na tua infância também tinha sofrimento físico?Apanhava?

E= Não ... era assim.. eu não tinha amor, carinho, essas coisa. Porque daí comecei.. A família era muito pobre, né. Eu comecei passar dificuldade desde pequena.. comecei a pedir esmola, trabalhar na casa dum, na casa de outro pra ajudar ela a sustenta a criar os filhos. Então daí em diante já comecei a passar trabalho.

P=Chegou a pedir esmola?

E=Já. Cheguei a pedir bastante esmola. Tinha 7 anos. Ia na padaria as 6 h da manhã pra pedir esmola. Eu levantava cedo pra pedir esmola. Pedia bastante. Até as roupa era tudo ganhado. Nunca tive uma roupa que fosse pra mim, sempre passando trabalho pra criar eles.

P=Os filhos verdadeiros dela também trabalhavam?

E= É tinha um que ia sempre comigo pra mim não ir sozinha. Só que eu nunca tive aquele amor de mãe

P= E tua mãe? Lembra dela?

E=Não consigo, não consigo.

P=Apagou!!

E=Tudinho, tudinho, tudinho que eu não consigo me lembra. Dele eu me lembro

P=Do pai lembra?Coisa boa?

E= Não... do jeito dele.Lembro disso dele. Só.Só sinto uma falta, assim, só isso mesmo. Depois passei tanto trabalho que agora vou fazer 32 anos, acho que é né, que a minha depressão era tão forte que eu tentava me matar dede os 7 anos. Não queria viver mais..É uma solidão muito forte que eu tenho. Que eu não tinha amor. Chega assim natal, primeiro do ano. Todo mundo festeja é mãe é filho. Faz falta isso

prá mim, muita falta. Uma coisa que eu nunca tive. As vezes tem coisas que eu quero falar com alguém , pedir conselho de mãe. E eu não tenho. E com o tempo isso meio que apagou. As vezes eu me lembro das coisas e depois já não me lembro mais. Se eu vo num lugar, tenho que ir mais de duas vez pra acertar na terceira. Até com as pessoas eu esqueço.

P=Já fizestes algum acompanhamento, ou uso de medicamento?

E= já , já. Ai resolvi parar, depender de mim mesmo. Não quero mais saber de remédio. Uma por causa dos meus filhos porque os medicamentos era muito forte, ai ficava dopada, né e outra que tenho que trabalhar.E aí não dava pra fazer essas coisas.

P=Tua vida dá um filme, dá um livro, dá pra gente chorar bastante, né R.!

E=Dá...

P= É impressionante..

E=É uma coisa assim muito dolorida...E as vezes eu não intendo as pessoa.Bah! Filho brigando com mãe, irmão brigando com irmão, assim..eu quero um e não tenho. As vezes penso que não so daqui. Penso que so de lá bem de longe. Com tanto trabalho que eu passo eu tenho uma coisa positiva de arrumar amizade com as pessoas e de dar conselho até pro meus patrão.

P= Tu é a própria heroína, né R.? Ta podendo criar teus filhos e ainda assim..

E= As vezes eu agradeço muito de...não fumo, não sou drogada, não sou mulher de ponto, sou honesta, trabalho e tenho bastante amizade....

P=E teu filho mais velho de 11 anos, ta conseguindo segurar no caminho certo?

E= Tô, tô..

P=E ele não tá revoltado, não?

E= As vezes ele fica, um pouco revoltado, ele é muito chegado a mim, fica debaixo de mim.

P=Ele acompanhou tudo, né?Praticamente tudo..

E= É.. ele não larga de mim.Até pra fazer um ovo..digo Marlon, vai fazer prá aprender. Ele só tem a mim. A família do pai dele já não liga pra ele.Vai que algum dia acontece alguma coisa comigo ele já tem saber fazer as coisas sozinho.

P= E a família do segundo filho, não tem vínculo?

E=Não, não...Gosta dos avos, do pai e tudo. Mas ele é bem independente.

P= Tu tinhas informação sobre LM?

E= Eu via a minha vizinha dar pra filha dela e a menina é uma gigante...Eu acho muito bonito dar o LM, queria muito dar mas aí com todos esse problemas que passei eu não consegui.Se pudesse dar de mamar pra esse eu tive que trabalhar.

(Interrupção da entrevista pq entrou alguém)

P=Então a tua família é tu mesmo, só conta contigo na vida como sempre contou?

E= É como sempre foi.

P=Estudou até que série?

E= Até a sétima.....As vezes eu olho pra traz e vejo que to bem melhor, to bem colocada, e tenho certeza que vou melhorar mais.

P= Os filhos te fazem ir para frente, né R.?Pois se tu não os tivesses..

E= Eu sempre pedi assim no meu primeiro...Ah! eu tive um aborto também com sete meses..E quando eu tive o aborto eu tive aquele sentimento de perda e pedi pra Deus pra me dar filho pq eu queria ter uma coisa de mim.

P= Mais uma perda...

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)